



50 anos

EDUCAÇÃO
FÍSICA
— UFAL —



**Gustavo Gomes de Araujo
Filipe Antônio Barros Sousa
(Org.)**

50 ANOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFAL

 **Edufal**
Editora da Universidade Federal de Alagoas
Maceió/AL
2025



Edufal

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitor

Josealdo Tonholo

Vice-reitora

Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

CONSELHO EDITORIAL DA EDUFAL

Presidente

Eraldo de Souza Ferraz

Gerente

Diva Souza Lessa

Coordenação Editorial

Fernanda Lins de Lima

Secretaria Geral

Mauricélia Batista Ramos de Farias

Bibliotecário

Roselito de Oliveira Santos

Membros do Conselho

Alex Souza Oliveira
Cícero Pêricles de Oliveira Carvalho
Cristiane Cyrino Estevão
Elias André da Silva
Fellipe Ernesto Barros
José Ivamilson Silva Barbalho
José Márcio de Moraes Oliveira
Juliana Roberta Theodoro de Lima
Júlio Cezar Gaudêncio da Silva
Mário Jorge Jucá
Muller Ribeiro Andrade
Rafael André de Barros
Sílvia Beatriz Beger Uchôa
Tobias Maia de Albuquerque Mariz

CONSELHO CIENTÍFICO DA EDUFAL

César Picón - Cátedra Latino

Americana e Caribenha (UNAE)

Gian Carlo de Melo Silva

Universidade Federal de Alagoas (Ufal)

José Ignácio Cruz Orozco

Universidade de Valência - Espanha

Juan Manuel Fernández Soria

Universidade de Valência - Espanha

Junot Cornélio Matos

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Nanci Helena Rebouças Franco

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Patrícia Delgado Granados

Universidade de Servilha-Espanha

Paulo Manuel Teixeira Marinho

Universidade do Porto - Portugal

Wilfredo García Felipe

Universidad Nacional de Educación (UNAE)

Núcleo de Conteúdo Editorial

Fernanda Lins de Lima - Coordenação

Roselito de Oliveira Santos - Registros

e catalogação

Projeto gráfico e diagramação

Mariana Lessa

Revisão ortográfica e Normalização (ABNT)

Aleph Danillo da Silva Feitosa

Capa

Marseille Evelyn

Catálogo na fonte

Editora da Universidade Federal de Alagoas - Edufal

Núcleo de Conteúdo Editorial

Bibliotecário responsável: Roselito de Oliveira Santos - CRB-4/1633

C575 50 anos do curso de educação física da UFAL / Gustavo Gomes de Araújo, Filipe Antônio Barros Souza (Org.). - Maceió : EDUFAL, 2025. 251 p. : il.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978655624438-9.

1. Educação física-UFAL 2. História da educação física-AL 3. Curso de educação física UFAL. I. Gustavo Gomes de Araújo, org. II. Filipe Antônio Barros Souza. org.

CDU: 796 (813.5)

Direitos desta edição reservados à
Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas
Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões
CIC - Centro de Interesse Comunitário
Cidade Universitária, Maceió/AL Cep.: 57072-970
Contatos: www.edufal.com.br | contato@edufal.com.br | (82) 3214-1111/1113

Editora afiliada:

ABEU
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
1 ANTÔNIO PASSOS LIMA FILHO 46 ANOS DE UFAL Antônio Passos Lima Filho	13
2 MARIA DO SOCORRO MENESES DANTAS 37 ANOS DE UFAL Maria do Socorro Meneses Dantas	23
3 LEONÉA VITORIA SANTIAGO 32 ANOS DE UFAL Leonéia Vitoria Santiago	31
4 NEIZA DE LOURDES FREDERICO FUMES 32 ANOS DE UFAL Neiza de Lourdes Frederico Fumes	43
5 MARIA ELIZABETE DE ANDRADE SILVA 31 ANOS DE UFAL Maria Elizabete de Andrade Silva	55
6 ALEXANDRE MAGNO CÂNCIO BULHÕES 22 ANOS DE UFAL Alexandre Magno Câncio Bulhões	67

7 JOSÉ JEAN DE OLIVEIRA TOSCANO 19 ANOS DE UFAL	75
José Jean de Oliveira Toscano	
8 ERIBERTO JOSÉ LESSA DE MOURA 17 ANOS DE UFAL	83
Eriberto José Lessa de Moura	
9 MARCO ANTONIO CHALITA 16 ANOS DE UFAL	93
Marco Antônio Chalita	
10 CHRYSTIANE VASCONCELOS ANDRADE TOSCANO 16 ANOS DE UFAL	103
Chrystiane Vasconcelos Andrade Toscano	
11 GUSTAVO GOMES DE ARAUJO 14 ANOS DE UFAL	123
Gustavo Gomes de Araujo	
12 ANTONIO FILIPE PEREIRA CAETANO 16 ANOS DE UFAL	133
Antonio Filipe Pereira Caetano	
13 FILIPE ANTONIO DE BARROS SOUSA 5 ANOS DE UFAL	147
Filipe Antonio de Barros Sousa	
14 SILVAN MENEZES DOS SANTOS 4 ANOS DE UFAL	165
Silvan Menezes dos Santos	
15 MIRAÍRA NOAL MANFROI E JOSÉ RICARDO LOPES FERREIRA 2 ANOS DE UFAL (CONTRATOS TEMPORÁRIOS I)	175
Miraíra Noal Manfroi	
José Ricardo Lopes Ferreira	

16 MAYARA VIEIRA DAMASCENO E HIGOR VINÍCIUS RODRIGUES SPINELI SILVA 2 ANOS DE UFAL (CONTRATOS TEMPORÁRIOS II)	181
Mayara Vieira Damasceno Higor Vinícius Rodrigues Spineli Silva	
17 MÁRCIA CHAVES-GAMBOA; SILVIO SÁNCHEZ GAMBOA (IN MEMORIAM); CELI NELZA ZULKE TAFFAREL APOSENTADOS	187
Márcia Chaves-Gamboa Celi Nelza Zulke Taffarel	
18 FRANCISCO DE ASSIS FARIAS UMA VIDA DEDICADA À EDUCAÇÃO FÍSICA: 44 ANOS DE CARREIRA NA UFAL APOSENTADO	201
Francisco de Assis Farias	
19 A CHEGADA DA DANÇA NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFAL	207
Patrícia Ayres Montenegro Noemi Loureiro	
20 AMANDIO ARISTIDES RIHAN GERALDES 29 ANOS DE UFAL	219
Amandio Aristides Rihan Geraldes	
21 A UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS E O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A DIMENSÃO FUNCIONAL DA SUA CRIAÇÃO	225
Patrícia Ayres Montenegro	
SOBRE AUTORES/AS	247



PREFÁCIO

Prefaciар a obra em alusão ao Jubileu de Ouro do Instituto de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas Iefe-Ufal, organizada pelo/as professore/as Filipe Antônio de Barros Sousa e Gustavo Gomes de Araujo, com colaboração crucial da comissão organizadora, Alexandre Magno Cândia Bulhões, Antônio Passos Lima Filho, Eriberto José Lessa de Moura, Maria do Socorro Dantas e Natália Rodrigues, é motivo de imensa satisfação, o que nos faz depositar uma considerável carga de emoção às linhas aqui tracejadas.

Contando com a participação de 26 docentes das mais diversas gerações que atuaram e ainda atuam no Iefe-Ufal, a obra traz não só um resgate da trajetória daquele instituto, como também, ainda que de forma implícita, as inferências pessoais de cada autor/a, fazendo uma perfeita sintonia dos postulados teóricos com a essência da arte, facilmente visualizada em vários trechos perpassados pela estética e pela poesia, tendo a representatividade do simbolismo afetivo como uma marca indelével deste livro.

Ao compulsar cada página, foi impossível não nos recordarmos dos postulados da Filologia de Giambattista Vico, que afirmava que

a solidificação de sua proximidade com o humanismo estava calcada na linguagem. São os homens que desenvolvem a linguagem no seio de sua cultura, e os elementos dessa linguagem — da interpretação simbólica ao alfabeto fonético — como elo de análise da história, demonstram que a interação didática voltada para a imaginação é o que permite aos cérebros conceder asas ao imaginário, como se pôde perceber em muitos momentos dessa coletânea.

Dizia Vico (2008):

[...] que aproveite o leitor para chegar à concepção da ideia dessa obra, antes mesmo de lê-la, ou lhe sirva mais facilmente a reter na memória, depois de tê-la lido, fazendo uso deste recurso que lhe subministra à fantasia (Vico, 2008, p. 79).

Assim, é nessa perspectiva que se inaugura um novo olhar sobre o método pedagógico, rompendo com a mera abstração, fortemente arraigada nas verdades da razão e do conceito, própria do cartesianismo, buscando princípios universais, em que a autenticidade e validade se originam na explicação acerca da natureza das ideias.

Não é demais assinalar que, pela própria natureza dos saberes propugnados no seio do Iefe, que tem nas práticas esportivas a tarefa de igualar pessoas, na chamada “igualação”, tornando-as semelhantes não apenas de forma formal ou estática, mas pelo movimento social complexo que as legitima como pessoas, caracteriza-se a vertente que transcende o campo meramente técnico e revela o potencial humano de cada um/a.

Portanto, deve-se compreender que, nesse entrelaçamento do aspecto histórico com o humanismo, repousa a singularidade da presente obra, ao elucidar não apenas as biografias de seus docentes, mas também ao ir além, trazendo à tona os momentos substanciais desse meio século de caminhada. Numa lógica que faz com que a ordem

das ideias proceda à ordem das coisas, o homem se torna artífice da história, sem perder de vista que as características e transformações operadas para que os fatos sigam seu curso pertencem a esse homem sociável, cuja ação social não se funda no inatismo originário, mas na estrutura existencial da condição humana. É justamente nessa dimensão de sociabilidade que reside o aparato educativo capaz de consolidar toda a edificação deste jubileu de ouro.

Certamente, em uma caminhada feita ao longo de 50 anos, nem tudo são flores. Ao contrário, sabe-se que, por muitas vezes, a dificuldade fez morada, abrindo portas para a nova propulsão de conhecimentos e o crescimento exponencial que marcam essa chegada.

Aqui, recorda-se o que exaltava o poeta Carlos Drummond de Andrade, ao declinar: “tinha uma pedra”. E, conjugando a poesia à nossa realidade, ousamos dizer que o Iefe não permitiu que o tropeço causado pela “pedra” impedisse seu caminho, contornando todas as dificuldades para continuar um percurso que se sagrou exitoso, demonstrando a proatividade desse instituto diante de todas as necessidades e anseios da nossa universidade.

Assim, dentre tantas atividades empreendidas, essa coletânea pode ser vista como a culminância da materialização de todo festejar tão merecido desse/as docentes abnegado/as, que buscaram coligar seus pensamentos em uma obra ora prefaciada, a qual é fruto do imbricar dos sonhos e do/as sonhadores/as que aqui se reúnem.

Foi seguindo essa vertente e parafraseando Fernando Pessoa, quando o mesmo declina “Eu não escrevo em português. Eu escrevo eu mesmo”, que cada autor/a nos brindou com textos que, direta ou indiretamente, guardam sinergia com o seu papel dentro desse meio século de histórias do Iefe, em que se fomentou não só o progresso científico na nossa Universidade, bem como expandiu horizontes no contexto regional.

Nesse ideário que conjuga proatividade e muita satisfação com o trabalho prefaciado, parabenizamos os organizadores/as e todos/as autores indistintamente, desejando que a presente obra seja inspiradora de novos voos e em patamares cada vez mais altos, na certeza de que deixará um contributo inigualável a todas as pessoas que serão alcançadas por meio da sua leitura.

Professor Dr. Josealdo Tonholo – Reitor da Ufal
Professora Dra. Eliane Cavalcanti – Vice-Reitora da Ufal
Fevereiro de 2025

1

ANTÔNIO PASSOS LIMA FILHO **46 ANOS DE UFAL**

Antônio Passos Lima Filho

50 ANOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFAL: uma história de ousadias

“Sou feito de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou”.

(Cora Coralina, s.d.)

Biografia

Nasci na cidade de Palmeira dos Índios, em Alagoas, filho de Antônio Passos Lima (funcionário público federal) e de Inês Duarte Passos, os quais sempre investiram na educação de seus filhos, sendo fundamental na trajetória de vida de todos eles.

Após a conclusão dos estudos fundamental e médio, na cidade de origem, por volta de 1973, e sendo sabedor de que a Ufal iria fazer, no próximo ano, o primeiro vestibular de Educação Física, poderia ser uma ótima oportunidade de realizar um sonho, pois minha vida,

até aquele momento, tinha sido pautada por essa possibilidade, nutrida por uma participação ativa nas atividades físicas e esportivas, realizadas no Colégio Estadual Humberto Mendes, daquela cidade, estimulada pelos professores de Educação Física da época, Victor Jacob Chueke (*in memoriam*), bem como, posteriormente, o professor Givaldo Costa, outro incentivador, além de ter chegado a atleta profissional, pelo tricolor palmeirense, C.S.E., daquela cidade alagoana.

Apesar de não me dedicar com afinco às habilidades como matemática, física e química, encontrei nas áreas de Educação Física, literatura, história, cinema, fotografia e, mais tarde, nas artes e na política, possibilidades de compreender o mundo e intervir sobre ele. E assim tenho feito até os dias de hoje.

Aprovado no primeiro vestibular da Ufal, em 1974, cujas provas de seleção eram realizadas nas arquibancadas do Estádio Rei Pelé, iniciei os estudos no segundo semestre daquele ano. Estudar fora de nossa cidade natal representava um desafio a ser superado por todos que estavam naquela mesma condição, oriundos de famílias com poucos recursos no interior, e que, para iniciar um curso superior, precisavam sair de seus domicílios.

Ao iniciar os estudos no Curso de Educação Física, deparamos com uma situação inusitada: a ausência de um currículo específico para o curso. Fomos conduzidos a ter aulas junto aos demais cursos da área da saúde da Ufal, o que gerou uma instabilidade geral entre os alunos, pois não encontrávamos relação com a profissão que havíamos escolhido.

Embora os conhecimentos adquiridos tenham sido importantes, a forma como isso aconteceu destoava do que deveria ser, refletindo a falta de preparação da Ufal naquele momento para iniciar um novo curso. Isso se deveu à visão higienista predominante, com os médicos como mentores intelectuais da Educação Física e a elabora-

ção técnica do projeto de curso sendo realizada por militares, alguns dirigentes da época, sob o discurso médico-militar, tendo como pano de fundo a questão da saúde.

A ausência de um currículo específico foi “superada” no semestre seguinte, com a criação de uma lista de disciplinas obrigatórias, apresentadas aos alunos a cada semestre. Embora entendêssemos o currículo como a expressão de um projeto cultural que a escola deve concretizar à luz do ambiente de aprendizagem, a proposta iniciada estava longe de responder às necessidades sociais de um curso com essas características.

Faltava, naquele momento, a compreensão do conceito do que viria a ser denominado currículo, cuja intenção deveria ser construída e assumida por todos como referência para a melhoria do ensino, para as condições da relação teoria/prática, para o aperfeiçoamento dos professores, para a renovação da instituição escolar e para ser assumido pelos docentes no seu fazer cotidiano. O objetivo maior deveria ser socializar e capacitar os alunos para se tornarem profissionais, e, portanto, cidadãos solidários, responsáveis e democráticos.

A Resolução 24/CCEP/74, de 24 de setembro de 1974, “[...] estabelece a estrutura curricular do Curso de Educação Física-Licenciatura e dá providências correlatas”, enquanto a Portaria nº 110/Reitoria, de 06 de março de 1974, designou o professor Ailton Pinto de Moraes como o primeiro coordenador do curso, subordinado à Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos (PRASAC). Ele deveria “[...] coordenar, orientar e fiscalizar o funcionamento didático e científico, comunicando à PRASAC as irregularidades ocorridas, para as medidas cabíveis [...]”.

Estava dado o recado ao Curso, sem grandes mudanças em relação ao que vinha sendo feito desde 1964, para uma instituição administrada por um reitor, general do Exército, assessorado por mi-

litares em todas as áreas da universidade, em um período ditatorial que se opunha à democracia. A perseguição era uma realidade na vida de professores, alunos e funcionários, embora, no nosso curso, não tenhamos presenciado ameaças ou perseguições de qualquer espécie.

A formação superior em Educação Física, até 1990, era orientada pela Lei nº 4024, de 1961, com o currículo mínimo, e teve uma nova orientação através da Resolução 03/87, do Conselho Federal de Educação, que conferia o título de Bacharel e/ou Licenciado em Educação Física.

Somente a partir de 1991, após intensas discussões na área da saúde, através do Projeto Pedagógico Global da Saúde, começou-se a entender o currículo como um processo que envolvia marcos referenciais, conceituais e estruturais em sua construção, definindo o tipo de profissional a ser formado e suas competências. A partir desse momento, optou-se pela Licenciatura.

Os primeiros docentes do curso, alguns deles ex-militares, embora orientados por princípios de uma formação acrítica, fizeram todo o possível para consolidar o curso, apesar das adversidades estruturais da época. Não tínhamos salas de aula próprias, laboratórios ou uma biblioteca atualizada. Entretanto, dispúnhamos de um ginásio poliesportivo, piscina semiolímpica, pista de atletismo (em condições precárias), campo de futebol sem grama, além de uma pista construída como parte de um projeto nacional denominado “Esporte para Todos”, inspirado em experiências internacionais da época. Materiais esportivos e equipamentos foram doados pelo Ministério da Educação após os Jogos Universitários Brasileiros, realizados em Maceió, em 1973.

Destacamos e agradecemos as contribuições dos professores pioneiros: Ailton Pinto de Moraes (primeiro coordenador do curso), Luiz Almeida Farias (Tenente Madalena), Maria Lúcia Sarmento,

Luiz José de Carvalho, Maria Madalena de Santana Neta, Belmiro Ferreira Alves Filho, Marcia Chaves, João Luiz Silva Farias, além dos docentes Francisco de Assis Farias, Carlos Alberto de Barros Lima, Marcos Antônio Mateus e Suzana Maria da Silva Marques, dos quais carregamos um pouquinho de cada um em nossas bagagens! Muito obrigado por terem sido docentes em nossas vidas!

Minhas experiências como professor de Educação Física na rede pública estadual, no Serviço Social do Comércio – SESC (1979 a 1980), na Associação dos Professores de Educação Física do Estado de Alagoas (1984 a 1988), no Sindicato dos Trabalhadores de Educação do Estado de Alagoas – SINTEAL (1988 a 1991), na Associação dos Docentes da Universidade Federal de Alagoas – ADUFAL (a partir de 1992) e na Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior – ANDES/SN (2004), foram significativas. Elas proporcionaram efetividade na luta por um ensino público, gratuito, de qualidade e com relevância social.

A década de 80 foi fundamental, não somente pelos ventos que sopravam forte em busca da redemocratização do país, mas também porque a Educação Física em Alagoas, enquanto área de ensino, precisava ser repensada, muito além do viés da saúde/esporte. Foram marcantes as vindas dos professores Heinner Hildebrandt, da Universidade de Oldenburg - Alemanha (1982, 1983, 1985 e 1994), assim como Manoel Sérgio Vieira e Cunha, da Universidade Técnica de Lisboa – Portugal.

Outros docentes que por aqui estiveram e deixaram contribuições importantes ao debate foram João Batista Freire, Wagner Way Moreira e Lino Castellani Filho (UNICAMP), Paulo Rubens Santiago, Celi Taffarel e Michele Ortega (UFPE) e Victor Marinho de Oliveira (UFRJ). Docentes locais também fizeram parte desse importante momento político, não somente na Ufal, mas junto aos

demais trabalhadores da Educação, como Roberval Davino, Angélica Peixoto, Alba Correia, Socorro Aguiar, Jarede Viana, Ivanilda Verçosa, Iraíldes Correia, Maria José Viana, Albertina Argolo, Milton Canuto, Lenilda Silva, entre outros. Também foram significativas as participações no debate do movimento discente, forte e organizado.

A transformação do Departamento de Educação Física passou pela compreensão de que nossa origem se deu no antigo Centro de Ciências da Saúde (CSAU), no qual, posteriormente, com a transformação dos cursos de Medicina, Enfermagem, Nutrição e Odontologia em Unidades, e por não ter, na época, os requisitos necessários, nos restou atender ao convite do Centro de Educação. Naquele momento, a Ufal criou uma política de qualificação docente, permitindo que docentes de Educação Física fizessem mestrado no CEDU, enquanto outros buscaram qualificação em universidades brasileiras e portuguesas por meio de convênios, possibilitando que mais professores se qualificassem.

A criação do Curso de Licenciatura (1974), em um cenário político bastante difícil, e posteriormente a criação do Bacharelado (2006), demarcou a ampliação de mais uma possibilidade de formação em Educação Física, atendendo a novas demandas surgidas. Também permitiu a possibilidade de dupla formação, permitindo que os alunos, após cursarem um dos cursos, retornassem para concluir o outro, por meio de reingresso.

Posteriormente, com a concretização do Programa de Licenciatura Internacional (PLI), entre 2010 e 2013, foi possível que estudantes brasileiros da Ufal e portugueses cursassem disciplinas em universidades dos dois países, além de outros, formados pela Ufal, participarem de programas de pós-graduação em universidades portuguesas.

Com a qualificação docente e a criação de cursos de pós-graduação, entre outras conquistas, reunimos os critérios para a transformação em Unidade. Isso se concretizou no final de 2017, com a criação do Instituto de Educação Física e Esporte (Iefe), como nova unidade acadêmica. Estava criada a possibilidade de crescer com independência e responsabilidade no gerenciamento do nosso próprio destino, reconhecendo a importância que o Cedu teve para que chegássemos a esse patamar.

A oportunidade de fazer o doutorado era um sonho que vinha alimentando há muitos anos, mas somente em 2016 essa possibilidade se concretizou, a partir de contatos da Dra. Mércia Lamenha (orientadora do pré-projeto de pesquisa), sendo fundamental sua intervenção para aproximar e sensibilizar a Dra. Sylvia Helena da Silva Batista, da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP.

Além de participar de eventos naquela universidade, fui convidado a apresentar o projeto de pesquisa perante uma banca da instituição, tendo sido aprovado. Sob a orientação da professora citada, iniciei os estudos e defendi a tese em junho de 2020, durante o período pandêmico, o que constituiu um desafio adicional naquele momento.

Novos desafios surgiram e o maior deles foi o Projeto de criação do Complexo Esportivo, que se tornou realidade em 2018, graças à parceria com o Governo Federal. Os docentes do Iefe, à época, formaram uma corrente forte e coesa e se empenharam, junto à Administração Central da Ufal e à Prefeitura Universitária, para tornar realidade um sonho que hoje se constitui como um dos cursos de formação melhor estruturados do Brasil.

Outros desafios continuaram a surgir, e, neste contexto, destaco a criação de três cursos de mestrado: o Mestrado Profissional em Educação Física, em Rede Nacional (PROEF), o Programa Associado de Pós-Graduação em Ciências do Movimento – PPGCM

(Ufal-UFRPE). Apesar do quadro pequeno de docentes e técnico-administrativos, houve necessidade de sua ampliação para atender ao momento atual, assim como ao surgimento de novas demandas, seja no ensino, pesquisa, extensão ou serviços ofertados à população.

Outra experiência significativa em minha trajetória na Ufal foi minha participação como pesquisador na 6ª Expedição Científica da Ufal – Baixo São Francisco, que ocorreu de 21 a 30 de novembro de 2023. O evento reuniu mais de 100 pesquisadores e parceiros com o objetivo de estudar, comparar resultados e compreender os impactos socioeconômicos e ambientais nas localidades de Piranhas, Pão de Açúcar, Traipu, São Brás, Propriá (SE), Igreja Nova (Chinaré), Penedo e Piaçabuçu. Na ocasião, desenvolvemos a pesquisa intitulada “Lazer de Adolescentes em populações ribeirinhas do Baixo São Francisco”, com o objetivo de analisar o acesso e os fatores que atuam como barreiras ao uso de equipamentos específicos relacionados aos diferentes interesses culturais do lazer entre estudantes adolescentes.

Atualmente, o Instituto de Educação Física e Esporte é composto por um grupo de 22 docentes jovens, em sua grande maioria qualificados (doutores e pós-doutores), apoiados por 08 técnicos administrativos e cerca de 600 alunos nos cursos de Licenciatura e Bacharelado. O Iefe se empenha para alcançar e manter a qualidade nas ações de ensino, pesquisa, extensão e serviços, embora a ampliação de sua estrutura seja necessária.

Os desafios continuam a surgir e, para enfrentá-los, é necessário pensar na manutenção da estrutura física do Iefe, cujos recursos têm sido insuficientes. Devemos também apostar na melhoria da qualidade dos cursos de formação (Licenciatura e Bacharelado), atualmente avaliados com nota 4 pelo MEC, e na pós-graduação. É preciso lutar pela efetivação e/ou manutenção de uma instituição democrática e transparente, construída coletivamente, e pensar na ampliação das

ações, visando à inserção social da comunidade, prioritariamente por meio de instituições públicas. Além disso, é fundamental fortalecer a relação da tríade ensino-pesquisa-extensão, melhorando a participação das comunidades interna e externa, e construir um currículo de formação que reflita a realidade atual, sendo assumido por todos em sua construção e efetivação no cotidiano universitário, com o objetivo de formar pessoas livres e participantes de suas histórias.

Para finalizar, desejamos uma instituição forte, que se faça sentir na comunidade, com o engajamento de todos, como algo importante na formação e melhoria da qualidade de vida de toda a população alagoana! Que mais 50 anos se somem aos já existentes!
VIDA LONGA AO IEFE E À UFAL!!!

Referências

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.** fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 21 dez. 1961. Seção 1, p. 1.



2

MARIA DO SOCORRO MENESES DANTAS

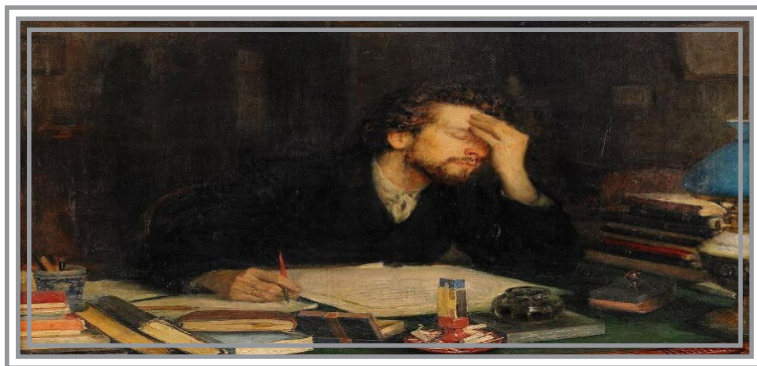
37 ANOS DE UFAL

Maria do Socorro Meneses Dantas

Indico a canção “*Canção da América*”, de Milton Nascimento, para a leitura deste capítulo, pois essa canção simboliza os tempos de estudante de graduação na Ufal, as viagens para os congressos e a formatura da minha turma em 1987.2.

A obra de arte que escolhi para comemorar os 50 anos da Educação Física da Ufal é “*A Paixão da Criação*”, de Leonid Pasternak, pois essa obra remete aos momentos de criação e ao cansaço da rotina de quem vive da docência e para a docência.

Figura 1 - *A Paixão da Criação*, de Leonid Pasternak.



Fonte: Google Imagens.

“Educação não transforma o mundo, educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Freire, 1979, p. 84).

Biografia

Nasci no dia 20 de março de 1963, em Imaculada, uma cidade do sertão da Paraíba. Sou filha de dois agricultores, a Sra. Martina Meneses Sobrinha Dantas e o Sr. Luiz Maurício Dantas. Eu, Maria do Socorro Meneses Dantas, sou a primeira filha de uma família composta por quatro irmãs. Até os 14 anos, vivi e estudei em Imaculada, mas, em 1977, o destino me trouxe para Maceió, Alagoas.

O que seria uma viagem para passar algumas semanas transformou-se em uma permanência definitiva em Maceió. Fixei residência na casa de Violeta (*In memoriam*), uma prima de meu pai, por quem tenho o afeto de uma segunda mãe. Em Maceió, frequentei o Colégio Marista e a Escola Moreira e Silva, onde concluí o segundo grau.

Prestei vestibular para o curso de Educação Física (EF) na Universidade Federal de Alagoas (Ufal) em 1983. Aprovada, iniciei minha formação como professora de EF. As disciplinas e os projetos de extensão oferecidos pelo curso me encantaram e me motivaram desde o início. Os quatro anos passaram rápido, e em 1987 finalizei a graduação em Educação Física na Ufal.

Após formada, senti a necessidade de buscar novos conhecimentos para aprimorar minha capacitação em EF e procurei um curso de pós-graduação lato sensu fora de Maceió. Dada a carência de pós-graduação em EF no Nordeste, surgiu a oportunidade de realizar um curso no Rio de Janeiro em formato de férias, com módulos presenciais. Assim, me matriculei no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Ciência da Preparação Física, oferecido pelo Centro Edu-

cacional Realengo – Faculdades Integradas Castelo Branco, no Rio de Janeiro.

Com o desejo de ser professora no ensino superior, prestei concurso para a vaga de Professor Auxiliar no Curso de EF da Ufal. No entanto, o chamado para o contrato só ocorreu em dezembro de 1991. Iniciei lecionando ginástica, mas, devido à necessidade do curso, acabei lecionando outras disciplinas também.

Em 1996, já professora da Ufal, dediquei meus esforços para ingressar em um programa de mestrado em EF. Na época, não existiam programas de pós-graduação *stricto sensu* em EF no Nordeste do Brasil; os professores que desejavam se qualificar se deslocavam para universidades no Sudeste e Sul do país. O que nem sempre era fácil, considerando as distâncias continentais e os custos financeiros necessários para a permanência em outras cidades.

Em 1995, o Curso de Educação Física da Ufal firmou uma parceria com a Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro. Essa parceria resultou na criação de um curso de especialização (*lato sensu*), cujas disciplinas seriam aproveitadas para quem prosseguisse para o mestrado. Assim, cursei a especialização em Fundamentos Socioculturais da Educação Física, Esporte e Lazer. Após concluir a especialização, a Universidade Gama Filho abriu um edital para o Mestrado em Educação Física, com ênfase na área de Educação Física e Cultura. Participei do processo seletivo e fui aprovada. Cursei as disciplinas do mestrado, parte em Maceió e parte no Rio de Janeiro. Finalizando a dissertação, a defesa ocorreu em 23 de dezembro de 1998.

Ao retornar do mestrado, continuei minha trajetória como professora universitária, lecionando tanto na graduação quanto na pós-graduação *lato sensu*, com ênfase em saúde, qualidade de vida, envelhecimento e modalidades ligadas à academia de ginástica.

Estando integrada à vida acadêmica, entendi que o caminho é feito de contínuo aprendizado e investigação. A formação que procurava estava, sobretudo, na área em que comecei a me especializar. Por isso, decidi que o doutorado deveria contribuir para essa especialização. Em 2007, fui para Portugal com meu filho e meu marido. Meu filho foi alfabetizado em Portugal, meu marido cursou mestrado na Faculdade de Medicina, e eu ingressei no doutorado na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Moramos lá por quase quatro anos, e em março de 2012, defendi minha tese.

De volta a Maceió, continuei lecionando diversas disciplinas na graduação e na pós-graduação (*lato sensu*), além de atuar na Residência Multiprofissional do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes. Entre essas disciplinas, destaco a área de envelhecimento humano, que tem sido o foco de meus estudos, extensão e pesquisa.

Identifico-me e dedico-me a projetos e ações na área do envelhecimento. Destaco, entre outros, o programa de extensão “Universidade Aberta à Terceira Idade” do Instituto de Educação Física, as Expedições do Baixo Rio São Francisco, uma expedição de pesquisa liderada pela Ufal, e o projeto de pesquisa intitulado “Saúde, autonomia e capacidade funcional no processo de envelhecimento”, liderado pela Faculdade de Nutrição da Ufal, com a colaboração de professores e alunos de outras áreas da saúde.

Além da sala de aula, durante o meu percurso acadêmico assumi cargos de gestão. Fui coordenadora por duas vezes do Curso de Educação Física – Bacharelado, e vice-diretora do Instituto de Educação Física e Esporte. Fui representante do Iefe no Conselho Estadual de Esporte em duas gestões, participei em três gestões da Diretoria da Associação de Docentes da Ufal – ADUFAL, e fui conselheira da mesma entidade por mais duas gestões.

Momento Histórico

Há muitos momentos marcantes na minha trajetória acadêmica no Curso de Educação Física, mas um deles, em especial, destaco com muito carinho: o projeto de criação do Instituto de Educação Física e Esporte, mais uma Unidade Acadêmica da Ufal, da qual fiz parte da primeira gestão. Foi um projeto desafiador, e trabalhei com muito empenho para que se concretizasse, ao lado de meus colegas professores.

Legado durante meus 37 anos no Iefe e no Curso de Educação Física

Deixo registrada minha participação e engajamento em tudo o que pude fazer para que o Curso de Educação Física se desenvolvesse na Ufal e alcançasse a visibilidade que merece. Construí minha carreira com muito orgulho, apesar das dificuldades. Muitas vezes, precisei realinhar os caminhos que havia traçado e buscar novas direções para meu crescimento pessoal e profissional. Cada experiência, cada desafio enfrentado e cada conquista alcançada moldaram minha prática docente e minha percepção sobre o papel da universidade na sociedade, transformando minha visão de mundo.

Sempre busquei motivos para dar o meu melhor na academia, com o maior objetivo de contribuir para a instituição. Como professora, meu intuito não é apenas transmitir conhecimento, mas também inspirar e contribuir para a formação de pessoas críticas, com uma visão ampliada do mundo. Acredito que a educação vai além das salas de aula; é um processo contínuo de aprendizado e transformação, tanto para alunos quanto para educadores.

Futuro

Desejo que todas as pessoas que fazem parte do Iefe mantenham o compromisso e a dedicação para o avanço da Educação Física e da Ufal. Espero que o Iefe seja grande, não apenas em termos de tamanho físico. Hoje, com dois cursos de graduação (Licenciatura e Bacharelado), três programas de mestrado e uma Residência Multiprofissional no Hospital Universitário, podemos afirmar que o Iefe cresceu muito. É uma Unidade Acadêmica com grande potencial de crescimento, em uma universidade de médio porte, mas que continua a se expandir, apesar das dificuldades.

Espero que continuemos a formar gerações de professores, tanto graduados quanto pós-graduados em Educação Física, comprometidos com as pessoas, com a ética e com a educação. Este é nosso maior legado para a sociedade alagoana.

Pontos de Interseção Pessoal e Profissional

Minha vida pessoal, como não poderia deixar de ser, sempre esteve entrelaçada com minha trajetória acadêmica e com a Ufal. Entrei na Ufal como estudante, voltei como professora, e todos os momentos da minha vida estiveram conectados ao meu trabalho na universidade. Fiz amigos, me casei, tive um filho. Sob diversos aspectos, a Ufal transformou positivamente minha vida e a de minha família. A educação realmente transforma vidas!

Mensagem dos Docentes Ativos aos Docentes que passaram

Sou imensamente grata aos professores que contribuíram para minha formação, especialmente aos do Curso de Educação Física. É fundamental reconhecer os nomes daqueles com quem estive mais próxima, através de projetos de extensão, monitorias e atividades extracurriculares: Maria Lúcia Sarmiento Frazão, Belmiro Alves, Marco Antônio Matheus, Antônio Passos Lima Filho, Ailton Pinto de Moraes, Maria Madalena de Santana Neta, Tenente Madalena, Luiz José de Carvalho, Francisco de Assis Farias, Carlos Alberto de Barros Lima, Suzana, Márcia Ferreira Chaves Gamboa, João Luís Silva Farias e Vêrter Paes Cavalcanti. Alguns desses professores foram fundadores do Curso de Educação Física na Ufal.

Aos colegas docentes, com quem compartilho a minha rotina de professora, agradeço pelo trabalho colaborativo, pelas parcerias e pela dedicação ao crescimento da Educação Física em Alagoas.

Aos discentes, meu muito obrigada pela oportunidade de ser mediadora do conhecimento e contribuir para a formação de cada um de vocês. Com vocês, aprendo todos os dias.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



3

LEONÉA VITORIA SANTIAGO

32 ANOS DE UFAL

Leonéa Vitoria Santiago

Indico a canção “Como uma onda”, de “Lulu Santos”, para leitura do capítulo, pois a insistente repetição da frase “Como uma onda no mar (...)” dá ênfase ao sentido da própria vida cotidiana. A vida com os seus ciclos seguidos, no abrir e fechar, aprendi a nadar nessas ondas na Educação Física por muitos anos, sabendo que cada minuto foi único e não se repetirá. Na passagem do tempo, foi inevitável, resiliência e paciência.

A obra de arte que escolhi para comemoração dos 50 anos da Educação Física da Ufal foi “Dancers at the Bar”, de Fernando Botero. Ele sempre recorreu as suas fontes de inspiração com razão e sentido. Pintor renascentista, trouxe figuras humanas obesas, arredondadas, corpos com diferentes possibilidades de existência na cultura corporal de movimento.

Figura 1 – “Dancers at the Bar”, de Fernando Botero.



Fonte: Google Imagens.

Frase, pensamento, reflexão “Só existirá democracia no Brasil no dia em que se montar no país a máquina que prepara as democracias. Essa máquina é a da escola pública”, frase escrita por Anísio Teixeira na década de 1930, em defesa da democratização do acesso universal à educação.

Biografia

Nasci na cidade do Rio de Janeiro, aos 22 dias do mês de agosto, do ano de 1959, mas no período compreendido entre em 1979 e 1990, passei a morar na cidade de Aracajú – SE, onde completei a graduação em Educação Física.

Voltar ao Nordeste brasileiro causava-me outra inquietude, novamente no ensino superior, mesmo como substituta meu desejo de trabalhar era tamanho. Apesar de ter morado durante dez anos no

estado de Sergipe, não conhecia o estado de Alagoas. Foi um caso sem comparação na minha vida; logo à primeira vista fiquei encantada com tantas belezas naturais misturadas com um povo exótico em distinta organização social. Na Universidade Federal de Alagoas, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, fui aprovada e contratada como professora substituta, em setembro 1993, com carga horária de 20 horas de lecionação. Assumi de imediato as funções para a qual fui concursada, o que provocou mais uma mudança de estado para a minha família, agora instalada no bairro da Jatiúca, localizado no município de Maceió. A rotina diária foi se estabilizando e eu voltei a me apresentar à Secretaria de Educação do estado de Sergipe e à Prefeitura Municipal de Aracaju. Uma vez que o concurso da Ufal, ainda era temporário.

Foram anos difíceis, pois a minha carga horária estava dividida em dois estados e em diferentes segmentos de ensino. No início da semana, segundas, terças e quartas-feiras, cumpria as tarefas na universidade. Ao final do dia, seguia para a rodoviária rumo a Aracaju, onde preenchia de quinta-feira a sábado com a carga horária relativa ao ensino naquela cidade. No ano seguinte, saiu o edital para o concurso de professor efetivo e com isso pedi exoneração das funções de professora de primeiro e segundo graus de ensino, no estado de Sergipe e na Prefeitura Municipal de Aracaju.

Aprovação como professora efetiva na Ufal, foi a minha grande vitória. A publicação no Diário Oficial do Estado de Alagoas, em 2 de julho de 1994, anunciou a aprovação para o Centro de Ciências da Saúde (CSAU) - Departamento de Educação Física (EDF), setor de estudos: Fundamentos Epistemológicos da Motricidade Humana. Média: 9,26 (nove inteiros e vinte seis centésimos).

Seção livre

Contribuição à sociedade de maior orgulho ao longo dos 50 anos

O sucesso que obtive no concurso deveu-se à formação inicial na Universidade Federal de Sergipe e à continuidade de estudos no curso de mestrado na Universidade Gama Filho. O mestrado organizou o meu pensamento em relação à educação e à formação profissional de adultos. Só aí cheguei ao conhecimento de fato, que saber é um instrumento fulcral para a formação profissional e a universidade tem o compromisso com as reflexões das atividades do formador e do formando. Essas atividades vão se construindo na relação de ensino, no dia a dia do curso de formação.

O solo da Ufal era árido, mas com possibilidades fecundas ao mesmo tempo e desde sempre me motivou a trabalhar. A área de conhecimento do concurso, permitiu-me trabalhar com a teoria do conhecimento, destacar a importância da ciência na relação entre valores e formação profissional. Apresentar os campos de práticas, saberes e teorias como campos de pesquisa e extensão em relação direta com a epistemologia. A formação profissional requer o desenvolvimento de competências, em que a possibilidade de tutoria surge nos projetos de extensão com a análise das práticas profissionais.

No ano de 2011, criei o Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade Unati-Ufal. O programa surgiu em parceria com a Associação Nacional de Gerontologia, seção de Alagoas, de certo foi de grande contribuição à sociedade alagoana.

As atividades eram ofertadas por diferentes áreas do conhecimento da universidade, pois desenvolvíamos temas relativos à qualidade de vida, educação, arte e cultura, práticas sutis, nutrição, saúde

oral, entre outros. A então reitora Professora Ana Dayse Rezende Dórea apoiou com entusiasmo a estruturação do programa de extensão Unati e afirmou que “a Ufal coloca para a sociedade alagoana e para o Nordeste o Unati e esse é um compromisso social da instituição que este ano comemora o Jubileu de Ouro.

O programa nasce como uma ação de extensão e vocês serão os multiplicadores dessa proposta agora concretizada. A UnATI nasce de uma demanda em função da qualidade de vida do povo brasileiro. Conta com importantes parcerias, mas é preciso que nos unamos, fazendo com que a transformação e, conseqüentemente, a inclusão social seja realmente uma realidade”. Essa é uma das ações que muito me orgulho de ter instituído na Universidade Federal de Alagoas.

Momento Histórico

Destaco como momentos históricos do curso de Educação Física, três avanços para a edificação da área do conhecimento, a saber:

A Criação do Instituto de Educação Física e Esporte

O ano de 2017 foi mais uma confirmação de que não se pode separar a ideologia da ciência, tomar a ciência como experiência da consciência. Trabalhei com imaginação crítica e reconheci a pluralidade da realidade da instituição. Um novo desenho institucional formou-se para a comunidade acadêmica da Educação Física, Campus A. C. Simões, após a criação da vigésima terceira Unidade Acadêmica, o Instituto de Educação Física e Esporte – Iefe/Ufal.

O Iefe/Ufal foi construído pela força e vontade dos sujeitos históricos que compõem os diferentes segmentos do instituto. Destaco como um dos momentos históricos do curso, pois trouxe a

possibilidade de mudança de paradigma, outras formas de pensar a formação profissional.

A Inauguração da Primeira etapa do Complexo Esportivo

O Complexo Esportivo é uma obra única, dotada de unidades esportivas diferenciadas, interligadas entre si por meio de 128 pavimentação e calçadas, urbanização (estacionamento, paisagismos), além da infraestrutura compartilhada de sistemas de drenagem, rede de abastecimento de água, rede de coleta de esgoto e gestão de resíduos. Toda essa infraestrutura ocupa uma área de 47.913,60m² localizada dentro do Campus A.C. Simões, Maceió.

A inauguração da primeira parte do Complexo Esportivo deu-se no dia de 20 de abril de 2018, com entrega das obras do Parque Aquático e Ginásio de Esporte. O Parque Aquático é composto por um conjunto de duas piscinas de 25 metros, sendo uma semiolímpica para competições oficiais e outra com diferentes profundidades para aprendizagem das atividades aquáticas, adaptada às pessoas com necessidades especiais; área coberta entre as duas piscinas, arquibancada coberta com 500 lugares; vestiários; quatro salas para professores e um laboratório. O Ginásio de Esporte foi reformado e conta com acessibilidade adequada para o uso corrente, os vestiários foram remodelados e ainda temos uma sala de aula para as demais atividades.

Foram singulares e extraordinários momentos de apresentações culturais e esportivas e, assim, após os discursos das autoridades presentes foi aberto o novo espaço para o ensino, pesquisa e extensão, uma mais valia para a comunidade universitária. Sentimentos imbricados, emoção e percepção de prosperidade para todas as gerações do curso.

A Ufal oferta o primeiro mestrado de Alagoas em Educação Física

“Mais uma vez a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) destaca o seu protagonismo na área de formação em Educação Física e Esporte no Estado. Foi a primeira instituição de ensino superior local a ofertar um curso de graduação em Educação Física, implantado em 1974, e também passa a oferecer, em Alagoas, a primeira pós-graduação *stricto sensu* nessa área de formação com o Mestrado Profissional em Educação Física Escolar (ProEF). O primeiro mestrado foi pensado para professores que atuam na educação básica da rede pública de ensino. Tido como um marco para a unidade acadêmica, representa a realização de um sonho coletivo para a continuidade de formação na área e reforça o compromisso da Ufal com a educação em Alagoas” (Ufal, 2023) - 18/04/2023 14h20 - Atualizado em 06/05/2024 18h10.

Li várias vezes a matéria publicada no Ufal Notícias – Por Diana Monteiro/Jornalista da Ufal, que acompanha desde há muito tempo os feitos e realizações do curso de Educação Física. A criação do Mestrado Profissional em Educação Física Escolar (ProEF), foi um momento de muita satisfação e sensação de dever cumprido, pois havia essa lacuna na formação de professores para a educação básica. Foram várias tentativas infrutíferas, mas dessa vez acertamos. Viva o coletivo de trabalhadores do Iefe!

Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação Especial e Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento

Em 2023, a alegria foi em triplicado com a criação de mais dois cursos mestrado em áreas de extrema necessidade para a formação continuada, principalmente, dos alunos egressos dos nossos

curiosos de graduação. Foi um dia de alegria para todos àqueles que fazem o Iefe/Ufal.

Legado durante meus 32 anos no Iefe

Passei a defender nas minhas aulas, os saberes como enunciados escritos ou orais, conteúdos trazidos do mundo dos saberes práticos, factuais. Esses saberes são enunciados advindos das representações sociais dos alunos, sempre ligados ao mundo da vida, são os saberes assertivos. O saber originado de cada aluno é portador de juízo de valor, dotado de verdade e eficácia, contudo a validade de tais enunciados é socialmente controlada. De acordo com o que verifiquei nas experiências de ensino, é que o saber é útil para as atividades de pensamento e é fator preponderante para modificar o mundo. A vontade de potência é a necessidade de expressão que toda força possui, tudo que existe nos dá força e objetivo para seguirmos sempre em frente.

Os saberes auxiliam nas atividades interpretativas das tarefas; são os saberes pedagógicos, específicos da área de formação do aluno. O que certifico e sei que o papel da emoção é fulcral para a mudança da prática pedagógica, isso é de veras relevante e propulsiona a vida.

Eu, enquanto formadora, transmito saber que será transformado em conhecimento, contudo cabe salientar que necessariamente o meu enunciado como um todo não será apreendido como saber. É importante destacar os pares saber/conhecimento, ser/ter, ambos orientados por atividades representacionais, não são dissociados do aluno, são integrados e ativados por ele. Portanto, quando sabemos, transformamos o universo mental, o que tinha antes eu uso e transformo, e uso de modo mais reelaborado depois de conhecer outras modalidades de saber.

Os conhecimentos podem ser inferidos pelos enunciados, que em certa medida são avaliados pelas ferramentas criadas pelo universo de ensino. Admito que os conhecimentos são uma representação do mundo e de si mesmo, conhecendo o mundo. Como formadora, passei a reconhecer os conhecimentos que se inscrevem na vida do aluno, aquele saber que depende de si mesmo.

A relevância da experiência acadêmica centrada no aluno sempre esteve na tentativa constante para identificar o que o meu saber iria produzir nele, o aluno. Admitindo sempre que a transmissão de conhecimento depende do conhecimento prévio do outro. Passei a analisar o conhecimento prévio, sem deixar de lado o par saber/conhecimento, a cultura de ensino, seus enunciados e valores.

Busquei desenvolver atividades que pudessem torná-lo mais capaz, informando-o que a capacidade está dentro dele próprio, no contexto das atitudes tomadas. Percebi com a prática docente que o ponto central da cultura de formação é a atitude do aluno; ele, ser capaz de desempenhar as tarefas da profissão. A cultura de formação que defendo é aquela que está sempre voltada, para o que quero produzir no aluno. Levá-lo a pensar como se constroem as capacidades para as atividades profissionais. E, assim, deparo-me com as disciplinas curriculares, que não variam e que são uma tentativa de ressaltar as atividades profissionais. Faz-se necessário ir além da estrutura curricular, permitir que o aluno crie para além dos conhecimentos dados como verdade acadêmico-científica.

Futuro

A alegria de termos conquistado a autonomia para a dirigir os caminhos do Instituto de Educação Física e Esporte (Iefe-Ufal), de modo democrático e participativo, necessita permanecer, pois somos responsáveis por um lugar que ensina/promove saúde e bem-

-estar. E com a incumbência de agregar a grande infraestrutura do Complexo Esportivo às nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão, espero que futuramente, a manutenção desse grande espaço, ganhe fluxo e fomento.

Mensagem aos discentes

A Educação Física e o esporte não são uma panaceia, um remédio para todos os males, contudo possuem valores orientadores que estimulam as mudanças necessárias à vida dos sujeitos. Formamos os nossos alunos para que eles transformem a si e aos outros, desse modo formamos profissionais para uma perspectiva futura, pois os seus alunos ainda não nasceram e assim a formação deve ser contínua.

Pontos de interseção pessoal e profissional

Os interesses e as paixões pelo esporte são atemporais e não se dissiparam ao longo da minha vida. Dentre as vivências acadêmicas como formadora, pude verificar a necessidade de me interessar e me apaixonar pela formação profissional. Tendo o esporte como essência da vida, ele me conduziu a ser professora de Educação Física, onde procurei tornar a docência um ato reflexivo e dialógico no cotidiano da sala de aula, pois o conhecimento é fundante do ser cidadão.

Mensagem dos docentes ativos aos docentes que passaram

Criar o curso de Educação Física em pleno período da Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), não deve ter sido uma tarefa muito fácil. Para tanto, seguem os meus agradecimentos pela preocupação com a construção de uma subjetividade crítica entre o pensar e o agir na criação do primeiro curso de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas.

Referências

TEIXEIRA, A. **A educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1933.



4

NEIZA DE LOURDES FREDERICO FUMES 32 ANOS DE UFAL

Neiza de Lourdes Frederico Fumes

Relatos das vivências iniciais de uma docente da área de Atividade Física Adaptada no lefe¹

No início da década de 1990, a Universidade Federal de Alagoas era a maior instituição pública do Estado de Alagoas, com cursos de graduação e (alguns poucos) de pós-graduação, ainda que estivesse localizada exclusivamente na cidade de Maceió. Por sua vez, o curso de Educação Física era o único existente naquele momento no estado, funcionando exclusivamente no período matutino, no Campus A. C. Simões². Em termos organizacionais, havia uma estrutura bastante diferente das instituições que eu anteriormente havia frequentado, como a Unesp, Unicamp e UFSM (e da atual³):

1 Este texto integra o memorial TORNANDO-ME PROFESSORA/PESQUISADORA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL EM ALAGOAS: possibilidades e entraves em um território a ser construído, defendido por mim, em dezembro de 2018, para tornar-me Professora Titular da Universidade Federal de Alagoas.

2 Em 1993, as aulas de Anatomia aconteciam no espaço do CCBI, localizado na Praça da Faculdade, no centro da cidade.

3 Para conhecer melhor o processo de mudança organizacional da Ufal ocorrida no período de 1987 a 2001, ver a tese de Jorge Eduardo de Oliveira, intitulada *Da proposta à concretização: o fim do departamento na reforma administrativa da Universidade Federal*

não existia uma faculdade ou um centro de Educação Física, e sim, um Departamento de Educação Física, o qual estava vinculado ao Centro de Ciências da Saúde (CSAU)⁴. Em termos do corpo docente, esse era constituído por professores com apenas especialização na área de atuação⁵, do gênero masculino (alguns deles provenientes de carreiras militares) e alagoanos, além de muitos deles estarem desde a criação do curso, em 1974.

Considero bastante importante trazer à tona os aspectos anteriores, pois estes colaboram na compreensão das dificuldades e dos entraves enfrentados nos anos iniciais da minha carreira universitária, bem como os projetos propostos. Dentre as principais, estava o fato de ser considerada “importada” pelos meus pares, e esse estranhamento provocava muitos atritos no cotidiano, sendo necessários muitos esforços para conseguir, de fato, integrar o corpo docente do curso de Educação Física.

Nesse contexto, ao assumir o cargo de Professora Auxiliar, nível 01, fui incumbida de estruturar a disciplina de “Educação Física aplicada à Pessoa Portadora de Deficiência”, que estava sendo ofertada pela primeira vez na instituição⁶, e que era na área do concurso realizado. Indubitavelmente, esse foi o momento de materializar em uma proposta curricular aquilo que eu já vinha experimentando, estudando e pesquisando há bastante tempo. Apesar de reconhecer que

de Alagoas - Ufal, de 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/2582>, acesso em 01 nov 2018.

4 Além do curso de Educação Física, estavam vinculados a este Centro os cursos de Medicina, Odontologia, Nutrição e Enfermagem.

5 A situação começa a se modificar exatamente em 1993 quando a prof. Marcia Chaves, pertencente ao quadro, obtém o título de mestre e a prof. Leonea Santiago ingressa na instituição, com essa mesma titulação.

6 Também me coube ministrar *Prática Desportiva*, componente curricular obrigatório ofertado a alunos de todos os cursos de graduação e com conteúdos variados, como por exemplo: natação, voleibol, futebol, futsal, corrida, ginástica, etc.

possuía uma série de saberes para dar conta do proposto, até hoje lembro das dificuldades em selecionar os conteúdos, definir as referências bibliográficas e pensar em metodologias de ensino que fossem envolventes — enfim, as inseguranças de uma professora iniciante.

Além dos aspectos subjetivos, fatores objetivos também desafiavam a realização dessa atividade, como a completa falta de uma bibliografia adequada na Biblioteca Central, a ausência de materiais específicos, como cadeiras de rodas e bolas com guizo, e a inexistência de instalações esportivas para a prática da Atividade Física Adaptada, bem como de projetos de extensão em andamento.

Esses obstáculos implicaram na necessidade de estruturar toda a área dentro da Universidade, o que se mostrou um grande desafio. Na cidade de Maceió, praticamente inexistiam iniciativas mais amplas envolvendo a prática de atividades físicas, desportivas e de lazer para pessoas com deficiência, com as quais pudéssemos dialogar ou estabelecer parcerias. Os atendimentos, quando existiam, eram particulares e em uma associação de pessoas com deficiência física, além de haver poucos profissionais da área no estado atuantes nesse campo.

Ainda que a área de Educação Física Adaptada começasse a nascer, existia na instituição o *Curso de Especialização em Educação Especial* (CEDE), realizado pela parceria entre o Centro de Ciências da Saúde (CSAU), especificamente o Departamento de Medicina Social, e o Centro de Educação (CEDU). O curso⁷ foi gestado pelo incentivo do Projeto norte-americano Hope (Health Opportunity for People Everywhere)⁸, que havia atracado no porto de Maceió,

7 Anteriormente denominado de CPDEM (Curso de Pós-graduação em Deficiência Mental).

8 Para saber um pouco mais sobre o projeto Hope na Ufal, ver: <https://www.historiadealagoas.com.br/estadia-do-navio-hospital-hope-em-maceio-no-ano-de-1973.html>. Acesso em: 1 nov. 2018.

em 1973, o qual fomentou várias ações no campo da saúde, inclusive, influenciando a criação do curso de Enfermagem.

As primeiras edições do CEDE foram na área de concentração da deficiência intelectual (à época denominada mental), mas devido à demanda, posteriormente, foram abertas turmas na área da surdez/deficiência auditiva e da deficiência visual. Era um curso que, por muitas vezes, recebeu aporte financeiro da CAPES⁹ e, por isso, podia contar com professores especialistas provenientes de diferentes instituições de ensino do Brasil, uma vez que, localmente, também na área da Educação Especial, eram poucos os profissionais com as características necessárias para integrar o corpo docente.

Assim, turma após turma, o CEDE contribuiu significativamente para a formação de muitos especialistas em Educação Especial que vieram atuar em secretarias estaduais e municipais de educação, centro de apoio ao surdo, escola de cegos, instituições especializadas, entre outras, e desempenhando um importante papel para o atendimento educacional do aluno com deficiência.

Gostaria de destacar que a coordenação do CEDE¹⁰, por muitos anos, ocorreu sob responsabilidade da Prof.^a Maria José da Silva Bezerra, do CEDU, apoiada pela psicóloga Lucenilda Rocha (CSAU), participando como docentes do curso: Ana Dayse Dorea, Vera Rocha, Fernando Fontan, Isaura Oliveira, Cidete Cavalcanti, Jorge Riscado, Sergio Borba, Eduardo Montenegro, Antonio Passos, entre outros.

Logo que cheguei à universidade, ainda em 1993, fui convidada pela Prof. Maria José para participar das bancas de monografia

9 Na década de 1990, os projetos de cursos de especialização eram submetidos à CAPES e os aprovados recebiam recursos financeiros para sua manutenção (à semelhança do atual PROAP), como também eram disponibilizadas bolsas de estudos.

10 Assumi a coordenação em 1996.

dos alunos do II CEDE, e devo confessar que essa aproximação foi decisiva para o meu futuro profissional e para minha constituição como professora da Educação Especial. Isso porque, depois desse primeiro contato, minhas preocupações com a pessoa com deficiência se expandiram para além do campo da Educação Física e passei a ter clareza da necessidade de pensar o processo de escolarização como um todo e investir na formação de professores.

Também, depois disso, comecei a trilhar um caminho sempre bifurcado na universidade: por um lado, minhas ações no campo da Educação Especial, via CEDE e, posteriormente, NEEDI¹¹/PPGE/CEDU; e por outro lado, minhas ações no campo da Educação Física Adaptada, via GEEAMA¹² e EDF/CSAU, EDF/CEDU e agora Iefe. Obviamente, essas ações não são desconexas e nem totalmente distintas, principalmente as da última década, contudo, guardam suas especificidades.

Retomando sobre minha chegada no curso de Educação Física e considerando o contexto apresentado, comecei a desenvolver a área de Educação Física Adaptada no curso de Licenciatura Plena, na Universidade Federal de Alagoas, tendo clareza da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, além de reconhecer o compromisso social das instituições públicas para com a formação de profissionais capazes de atuar para a inclusão da pessoa com deficiência.

Assim, ao mesmo tempo em que estruturava a disciplina da graduação, comecei a desenvolver ações de extensão na área da Educação Física Adaptada. A primeira, aconteceu em uma instituição filantrópica de ensino de pessoas com deficiência intelectual, em que

11 Núcleo de Estudos em Educação e Diversidade.

12 Grupo de Estudos e Extensão em Atividade Motora Adaptada.

a graduanda Edluza Maria Soares¹³ foi bolsista do projeto e também monitora da disciplina da graduação.

Em relação à monitoria, o primeiro concurso para a disciplina *Educação Física aplicada à Pessoa Portadora de Deficiência* ocorreu em 1994¹⁴ e teve como membros titulares da banca a professora responsável pela disciplina, Antônio Passos Lima Filho e João Luís Silva Farias, e como suplentes Suzana Maria da Silva Marques e Maria do Socorro Dantas. A candidata aprovada foi Edluza Maria Soares.

Durante o desenvolvimento do projeto de extensão citado, foi realizada uma pesquisa sobre a imagem corporal de alunos com DM, nomeadamente *Avaliação da Imagem Corporal de Portadores de Deficiência Mental (DM)*¹⁵. Seus resultados foram apresentados no V Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada¹⁶, na EEFUEUSP, em 1994, sendo esse o primeiro trabalho acadêmico por mim orientado e publicado em anais de um evento de abrangência nacional.

Nesse mesmo ano, ocorreu a *II Semana de Educação Física*, realizada pelo Centro Acadêmico do Curso, no qual proferi uma palestra sobre o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, que desempenhava um relevante papel nas discussões da área e congregava alunos, professores e pesquisadores de todo o país.

Também tomei parte da *I Amostra da Produção Acadêmico/Científica dos Cursos de Graduação da Ufal*, organizada pela PRO-GRAD, apresentando dois trabalhos: 1) *Algumas proposições vigot-skianas para a Educação Especial*; e, 2) *Avaliação da Imagem Corporal em Portadores de Deficiência Mental*. Além disso, ministrei a disciplina

13 A aluna pertencia à primeira turma de graduação em que ministrei aulas.

14 Tive monitores nessa disciplina de 1994 a 1997, além disso, assumi a coordenação da monitoria no Departamento de Educação Física entre janeiro de 1995 a dezembro de 1996.

15 Terminologia adotada no período.

16 No evento pré-simpósio participei dos cursos *Classificação funcional no desporto para deficientes físicos: princípios e práticas* e do *Atividade Motora e deficiência auditiva*.

Noções de Educação Física, com 40 horas, no Curso de Especialização em Educação Especial e, com isso, decididamente comecei a me embrenhar naquele universo.

No mesmo período em que tomei posse, assumiu outra vaga a Prof. Leonea Santiago, proveniente da Universidade Gama Filho, docente que, felizmente, compartilhava de várias ideias e tornou-se uma importante parceira de projetos coletivos, principalmente relacionados à pesquisa e à pós-graduação.

Juntas integramos a comissão incumbida para criar o mestrado “off-camp”, em 1994, que incluía também os professores Silvio Holanda, Maria Elisabete Silva e Maria do Socorro Dantas, posto que naquele momento se identificava a necessidade de investir na formação do corpo docente. O mestrado propriamente dito não foi efetivado, porém, ocorreu uma turma de especialização em parceria com a Universidade Gama Filho, coordenada pela Prof. Leonea, o que acabou incentivando que vários professores dessem continuidade à formação na sede da instituição, no Rio de Janeiro/RJ.

Organizamos um grupo de alunos para participar da *46ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e do IX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*¹⁷, ambos em Vitória/ES, como também, a *I Amostra da Produção Científica do Departamento de Educação Física*¹⁸, em 1996.

Antes disso, em 1995, participamos do *IV Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa e V Congresso da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, na Universidade de Coimbra. Ressalta-se que esse evento foi o primeiro no exterior

17 Nesse congresso, pude apresentar a minha dissertação recém-defendida e o TCC de Donila Gomes intitulado *A integração da pessoa portadora de deficiência em práticas desportivas: um estudo de caso*.

18 A Comissão Organizadora também incluía os professores Antonio Passos, Eduardo Montenegro e Patrícia Montenegro.

em que estivemos presentes, juntamente com a prof.^a Patricia Montenegro, inaugurando as relações entre o Curso de Educação Física e as faculdades portuguesas do Porto e de Coimbra.

Merece ser destacado em 1995, a minha designação como vice-coordenadora do CEDE¹⁹, o que me fez estar mais presente no curso e assumir outras responsabilidades além da ministração de aulas²⁰. Dentre as ações, estive o cumprimento de atividades administrativas específicas ao curso, a participação em bancas de monografias e a coordenação da *II Jornada de Educação Especial de Alagoas*.

Outro acontecimento relevante do ano de 1995 foi a aprovação das minhas primeiras bolsas de Iniciação Científica para o projeto *O uso de mediadores na aprendizagem de habilidades perceptivo-motoras em crianças portadoras de deficiência mental*, cujas estudantes selecionadas foram Tarciana Angélica Lopes da Silva e Ana Paula Costa, substituída por razões pessoais por Vania Márcia Costa Guedes. Tal fato começa a disseminar outras possibilidades para os estudantes do curso de graduação e coloca a pós-graduação dentro de seus horizontes; ousou ainda dizer que esse foi o início da formação de vários profissionais da Educação Física Adaptada do estado de Alagoas, os quais hoje ocupam espaços em diferentes instituições.

Em uma ação articulada entre pesquisa e extensão, nesse ano começou a funcionar um projeto de extensão de atividades físicas para pessoas surdas. A princípio, seria apenas uma atividade para a coleta de dados do TCC da Especialização em Educação Especial – Deficiência Auditiva, de Dênia de Magalhães Dantas de Oliveira, no entanto, a procura foi enorme e propus um projeto de extensão com

19 A coordenadora do curso era a Prof. Maria José da Silva Bezerra e os professores Ana Dayse Dórea e Fernando Fontan complementavam o colegiado.

20 Nesse ano ministrei a disciplina *Atividades Corporais aplicadas para o Deficiente*, com 60 horas.

atividades físicas diversas (futsal, natação, ginástica, voleibol, etc.)²¹. Fiquei em sua coordenação até me afastar para o doutorado, em 1997, quando assumiu o Prof. Verter Paes Cavalcanti, que o conduziu até sua aposentadoria. Voltei a coordenar o projeto momentaneamente, porém, por divergências de objetivos, houve o encerramento das atividades, aproximadamente em 2013.

Em 1995, participei também do *1º Congresso Científico de Educação Física e Desporto da Região Norte Nordeste [x]*, em João Pessoa/PB, apresentando dois temas livres, sendo um deles já decorrente da pesquisa de Iniciação Científica; e, também do *I Congresso da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, IV Seminário de Atividade Física Adaptada e II Simpósio de Atividade Física e Adaptação [x]*.

No concernente ao último evento, gostaria de destacar que a Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA) tinha sido fundada em dezembro de 1994, durante o Simpósio Paulista, e esse era o seu primeiro evento, possuindo um significado muito particular para todos que estavam envolvidos com a área. Lembro que o objetivo da Associação é congregar profissionais da área específica, de modo a promover o intercâmbio e a troca de experiências. Nesse evento, fui eleita delegada estadual pelo Estado de Alagoas e reeleita na gestão seguinte.

Em 1996, pude participar de uma série de eventos relacionados a diferentes questões que afetam a pessoa com deficiência, e também de um específico sobre a pesquisa em Educação Física, dentre vários. Desses eventos, gostaria de destacar o Simpósio Paulista pelo fato de ter havido a participação das bolsistas de Iniciação Científica (Tarciana Angelica Lopes Silva e Vania Marcia Costa Guedes)

21 As atividades integravam o *Programa de Educação Física e Esportes para Pessoas Portadoras de Deficiência*, que era coordenado por mim.

e das orientandas de especialização Dênia de Magalhães Dantas de Oliveira e Edluzia Maria Soares. Ao todo, foram apresentadas cinco comunicações orais e pôsteres de autores vinculados ao EDF, demonstrando que a área de Educação Física Adaptada começava a se estruturar e a produzir conhecimentos específicos à realidade local.

Em termos administrativos, em maio de 1996 assumi a coordenação do CEDE, tendo como vice coordenador o Prof. Dr. Sergio da Costa Borba. Em setembro do mesmo ano fui designada vice coordenadora do Colegiado do Curso de Educação Física, no qual a Prof. Patrícia Cavalcanti Ayres Montenegro era coordenadora.

Não obstante as inúmeras atividades assumidas, estava em meu horizonte o ingresso em um programa doutoral. Inicialmente, pretendia fazer no próprio país, mas, posteriormente, passei a cogitar a realização no exterior. Desse modo, estabeleci algumas metas para serem executadas no período de 1996 e 1997, como a elaboração de um pré-projeto de tese, que foi apresentado ao Prof. Dr. Urbano Marques, da Universidade do Porto – Portugal e posteriormente aceito. Com isso, em setembro de 1997, partiria para o Porto, a fim de iniciar meus estudos de doutoramento.

Até o período de início do programa, continuei ministrando aulas na graduação e no CEDE²²; coordenando o curso de especialização e colaborando no de Educação Física, orientando o projeto de Iniciação Científica e a monitoria da graduação, coordenando o projeto de extensão e participando de eventos.

Particularmente, o CEDE demandou muitos esforços nesse período. No mês de março, fui designada para presidir a Comissão Avaliadora das Provas de Seleção para a 4ª Edição do Curso; em março compus a banca examinadora da seleção pública para professor substi-

22 Ministrei as disciplinas Educação Física em Educação Especial (20h) e Metodologia da Pesquisa I (32h).

tuto no setor de *Estudos Estimulação Precoce*²³; e participei também de bancas examinadoras de monografias de alunos do III CEDE²⁴.

Dos cursos que participei no período, destacarei o curso de *Iniciação à Libras*, ministrado por Jane Marinho/CEDAL, e os Cursos de Extensão: 1) *Curso de Bilinguismo: uma proposta para a educação de surdos* e 2) *Contribuição da Linguística para uma Educação Bilíngue para crianças surdas: implicações teóricas e pedagógicas*. Ambos foram promovidos pela Associação de Amigos e Pais de Pessoas Especiais, com apoio do MEC.

Importa dizer que os cursos de extensão apresentavam outra perspectiva para a educação de surdos, diferente do oralismo e da comunicação total, que ainda eram muito frequentes em Alagoas. Souza (2011) descreve que o atendimento ao aluno surdo no estado começou em 1978, com o uso do oralismo, e essa perspectiva continuou a ser a mais utilizadas nos anos seguintes. Somente no ano de 1990 foi que a Secretaria Estadual de Educação ofereceu um curso para os professores sobre “a comunicação total na educação do surdo” e outro sobre “Libras” e, após a inauguração do Centro Wandette Gomes de Castro, a equipe de Educação para Surdos começou a ministrar cursos de Libras para ouvintes e instrutores surdos.

Pessoalmente, esses cursos de extensão e as experiências com a comunidade surda por meio do projeto de atividades esportivas, foram cruciais para compreender a centralidade da língua de sinais na constituição do sujeito e da comunidade surda e, consequentemente, o papel da educação bilíngue nesse processo. Não quero com

23 Vale a pena dizer que o CEDE mantinha uma sala de Estimulação Precoce no Hospital Universitário, que podia ser utilizado como campo de estágio dos alunos. Assim, o professor selecionado deveria ministrar aulas no curso e acompanhar as atividades no hospital universitário.

24 Foram dez bancas de defesa, sendo que três delas foram de orientandas (Edluza Maria Soares, Dênia de Magalhães Dantas Oliveira e Fernandina Alcântara da Silva).

isso dizer que compreendi profundamente a educação bilíngue para surdos naquele momento, mas passei a defender essa perspectiva e a procurar conhecê-la melhor nos anos seguintes.

Com isso, encerro a minha primeira etapa na Universidade Federal de Alagoas e me afasto para realizar o doutorado na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, atual Faculdade de Desporto, da Universidade do Porto, no período de setembro de 1997 a dezembro de 2001.

Os relatos mostram meu olhar sobre um momento de transformações do curso, com a implementação de um novo currículo e com o ingresso de um grupo significativo de professores, que vislumbravam a Educação Física como área de formação, de intervenção e de pesquisa. Relata ainda os passos iniciais da Atividade Física Adaptada no curso, o que certamente alargou a formação profissional e pessoal de muitos.

Referências

FUMES, N. L. F. **TORNANDO-ME PROFESSORA/PESQUISADORA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL EM ALAGOAS: possibilidades e entraves em um território a ser construído**. Memorial Descritivo para a Prova de Professor Titular. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, Instituto de Educação Física, 2018.

OLIVEIRA, J. E. **Da proposta à concretização**: o fim do departamento na reforma administrativa da Universidade Federal de Alagoas - Ufal. 2017. 174 f. Tese (Doutorado em Educação) — Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

5

MARIA ELIZABETE DE ANDRADE SILVA

31 ANOS DE UFAL

Maria Elizabete de Andrade Silva

50 anos do Curso de Educação Física Ufal: meus caminhos e experiências

Biografia

Este texto tem como objetivo registrar os pontos mais importantes de minha trajetória acadêmica, desde minha origem até minha participação na comemoração dos 50 anos do curso de Educação da Ufal. Aqui, compartilho um pouco sobre quem sou, minha vida acadêmica no curso de Educação Física, desde o momento em que ingressei até o cinquentenário, data que muito me orgulho de participar, por ter tido a oportunidade de contribuir com o curso, que chega aos 50 anos com uma história repleta de realizações e muitas conquistas.

Sou lajense, nasci na cidade de São José da Lage, no Estado de Alagoas, conhecida como Princesa da Fronteira, devido à sua localização na divisa com o estado de Pernambuco. Ali, vivi os primeiros oito anos da minha infância, e foi lá que aprendi as primeiras letras, no ensino infantil, na escola paroquial vinculada à igreja católica lo-

cal, sob a devoção de São José, padroeiro do município. Um ano após a grande enchente de 1969, minha família mudou-se para a cidade de São Luiz do Quitunde, também em Alagoas, onde estudei até a terceira série do ensino primário, atualmente chamada de terceiro ano do ensino fundamental.

Após, mudamos para Maceió, onde dei continuidade aos meus estudos, da 4ª série primária (atualmente 5º ano do ensino fundamental) até o terceiro ano científico (hoje, terceiro ano do ensino médio). Estudei em várias escolas, como a Escola Municipal Fernandes Lima, que ficava localizada na Rua do Sol; o Colégio Estadual Cônego Machado, onde atualmente funciona o prédio principal do CESMAC; o Colégio Nossa Senhora do Amparo (internato); e o Colégio Santíssimo Sacramento. Nessas instituições, além das atividades escolares, participei ativamente dos esportes, com destaque para o handebol, representando essas escolas nos Jogos Escolares de Alagoas.

Considerando que estamos sempre em constante processo de aprendizagem, foi no ensino básico e com a forte influência da minha família que valores como responsabilidade, respeito, solidariedade, honestidade e valores religiosos foram se solidificando cada vez mais. Outro fator importante para essa formação foi a prática esportiva, já que, nesse período, o esporte escolar tinha grande efervescência nas instituições de ensino. Foi também por meio da prática esportiva que me motivou a seguir a profissão de professora. Nos últimos anos do ensino fundamental, então, decidi prestar vestibular para o curso de licenciatura em Educação Física.

Em 1982, ingressei no curso de Educação Física da Ufal, com formação generalista (bacharelado e, principalmente, licenciatura), e concluí essa etapa em 1986, após anos de muita preparação voltada para o campo profissional.

Durante esse percurso, aprendi com professores competentes, pelos quais tenho grande respeito e admiração. Cito alguns nomes, como: Prof. Ailton Pinto de Moraes, Prof. Esp. Francisco de Assis Farias, Prof. Luiz José de Carvalho, Prof. Dr. Antônio Passos Lima Filho, Prof. Carlos Alberto, Prof. Marcos Antônio Mateus, Prof^{fa}. Lúcia Sarmento, Prof^{fa}. Maria Madalena de Santana, Prof^{fa}. Dr^a. Márcia Chaves, Prof. Tenente Madalena, Prof. João Luiz e Prof. Belmiro. Estes três últimos, in memoriam. Todos eram professores efetivos, pois, naquela época, não existia a figura do professor substituto, mas sim a de professor colaborador.

Ainda como discente, comprometida e em busca de uma formação sólida, fiz grandes amigos e participei de encontros e congressos científicos, além de atuar como árbitra em competições de natação, atletismo, entre outros esportes. Durante a graduação, consegui continuar praticando handebol, participando como atleta nos Jogos Universitários de Alagoas (JUAs) e nos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs).

Após concluir a graduação em 1986, iniciei o exercício da profissão e surgiram várias oportunidades de emprego, incluindo a de ensinar natação. Já afastada das atividades de handebol, fui aos poucos me apaixonando pelo trabalho com o meio líquido. Como professora de natação, tive as primeiras experiências no Centro de Atividade Física – Centro Alfa e no Centro de Natação de Alagoas (CENA), onde ministrei aulas de adaptação ao meio líquido e aprendizagem da natação para crianças, adolescentes, adultos e pessoas com deficiência (síndrome de Down, transtornos do espectro autista – TEA e deficiências físicas).

O gosto pelo ensino da natação foi se solidificando cada vez mais, somando novas experiências. Para expandir meu conhecimento nesta área, realizei um curso de pós-graduação (especialização

em natação) na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

Com mais experiência e um conhecimento mais aprofundado sobre a natação, em 1988, comecei a ministrar aulas para crianças, desde o maternal até o terceiro ano do ensino médio, na Casa Escola Maria Montessori (atualmente Colégio Maria Montessori). Dividia meu tempo profissional entre o CENA e a Casa Escola Montessori. No ano seguinte, com o aumento da carga horária, passei a dedicar-me exclusivamente à Casa Escola Maria Montessori. A cada dia, com o aumento do aprendizado teórico e prático, minha realização profissional foi sendo solidificada.

Nesses campos de trabalho, adquiri vivências e aprendizado não apenas no campo da Educação Física, mas também por meio do compartilhamento de experiências com outros profissionais, tanto da área da Educação Física quanto de outras disciplinas. Além disso, no Colégio Maria Montessori, exerci o cargo de coordenadora de esportes durante todo o tempo em que estive lá. Ser professora em uma escola de ensino básico e participar da gestão escolar foram funções que fortaleceram minha realização profissional.

Com o sentimento da necessidade de fazer mais pela educação, comecei a sonhar e acreditar que poderia contribuir na formação de novos professores de Educação Física. Foi nesse momento que comecei a alimentar o sonho de ser docente na Ufal, até então a única instituição de ensino superior que oferecia o curso de graduação em Educação Física no estado de Alagoas.

Em 1994, um momento histórico e a realização de um sonho construído ao longo do exercício profissional, retorno ao curso de Educação Física da Ufal, ingressando como docente para contribuir na formação de novos professores de Educação Física, inicialmente ministrando aulas na disciplina de Desporto Individual – com ênfase

na natação. Aprovada por meio de concurso público, entrei na vaga do meu professor de natação da graduação, Prof. Luiz José de Carvalho, a quem devo grande parte da aprendizagem e do desenvolvimento do gosto pelas atividades aquáticas.

Quando ingressei como professora da Ufal, o curso integrava o Departamento de Educação Física e estava inserido no Centro de Ciências da Saúde (CSAU). Já havia se passado 24 anos desde a sua criação, em 1974. Eu e os demais professores ministrávamos aulas para os alunos do curso, além de lecionarmos para alunos de outros cursos que cursavam, como disciplina obrigatória, a Educação Física.

Naquele momento, havia pouco tempo desde a mudança curricular do sistema de créditos, que antes era composto por um rol de disciplinas, para o Projeto Político Global: Uma Ousadia Necessária (1991), que destacava questões importantes, como o histórico, o epistemológico, o perfil do profissional e a organização das disciplinas. Com essa mudança, a disciplina de Natação deixou de ser ofertada isoladamente e passou a integrar a disciplina de Esportes Individuais, juntamente com Atletismo e Lutas.

Ao longo desses 50 anos, o Curso de Educação Física da Ufal passou por quatro mudanças curriculares: 1991, 2009, 2016, 2019, além de ajustes para atender à legislação vigente.

Durante esses 31 anos na Ufal, ministrei aulas na disciplina para a qual fui aprovada – Desporto Individual (Natação) –, além de Projetos Integradores, Organização do Trabalho Acadêmico, ACE 1 e Estágio Supervisionado 4.

A extensão sempre representou e continua a representar uma importante oportunidade de complementar a formação acadêmica. É a chance de nossos alunos colocarem em prática o que aprendem em sala de aula, ao mesmo tempo em que favorecem a comunidade externa. Tive a honra de participar como coordenadora dos seguintes

projetos de extensão: “Aprenda a Nadar”, “Segundo Tempo” – programa do Ministério dos Esportes, “Residência Pedagógica”, “Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência” (Pibid) e “Esporte na Ufal – Natação” (atual). Também representei o Centro de Educação (CEDU) na Pró-Reitoria de Extensão.

No campo da pesquisa, sempre estive envolvida em estudos relacionados às metodologias de ensino, ao acompanhamento do perfil antropométrico e à qualidade de vida dos escolares. Nesse contexto, desenvolvi duas grandes pesquisas. A primeira, que resultou no meu mestrado em Educação realizado no Centro de Educação (CEDU) da Ufal, teve o título “Metodologias Aplicadas no Ensino do Desporto Educacional: Um Estudo Centrado no Curso de Educação Física - Licenciatura da Ufal”. Nesse trabalho, procurei entender quais metodologias eram utilizadas nas aulas de Educação Física ministradas por professores egressos da Ufal e quais metodologias eram ensinadas no próprio curso.

Outro momento marcante foi a pesquisa realizada durante o doutorado em Ciência do Desporto na Universidade de Coimbra (Portugal), intitulada “Estudo Multidimensional de Adolescentes da Cidade de Maceió”. O objetivo dessa pesquisa foi analisar o perfil da aptidão física, do estado nutricional e da autopercepção física de adolescentes das escolas do bairro do Tabuleiro, em Maceió.

Nas atividades administrativas, desenvolvi várias funções nas quais busquei colaborar com a formação dos graduandos do Curso de Educação Física. Entre as funções que exerci, destaco: Vice-Chefe do Departamento de Educação Física (junto ao Prof. Verter Cavalcanti, então chefe do Departamento), representante de Extensão do Cedu no Comitê de Extensão da Proex, coordenadora de monitoria do Instituto de Educação Física e Esporte (Iefe), além de coordenadora do Curso de Educação Física – Licenciatura por três mandatos.

Esta última função administrativa foi, sem dúvida, a que me trouxe maior orgulho, pois nela pude orientar diretamente os alunos em sua formação, contribuindo para que o currículo vigente fosse implementado da melhor maneira possível.

Ser docente na Ufal, guiada pelo tripé de ensino, pesquisa e extensão, permite, além das atividades de ensino, o desenvolvimento de diversas ações voltadas para esses pilares. Ao longo dessa trajetória, várias ações me proporcionaram grande satisfação, mas destaco quatro que me deram muito orgulho: como coordenadora do projeto de extensão em Natação, intitulado *Aprenda a Nadar*; como coordenadora do Programa *Segundo Tempo* – escolar, no núcleo Ufal; como coordenadora de área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID); e, na gestão, como coordenadora do Curso de Educação Física. Dentre essas, duas geraram uma satisfação pessoal ainda mais marcante.

O projeto de extensão *Aprenda a Nadar*, em parceria com a Fundação de Desenvolvimento e Pesquisa (Fundepes), foi desenvolvido por três anos e tinha como público-alvo crianças carentes, estudantes de escolas públicas na área adjacente à Ufal, técnicos, funcionários da universidade e o público externo que desejava aprimorar suas habilidades aquáticas.

Já o projeto *Segundo Tempo*, realizado em parceria com o Instituto de Desenvolvimento Humano (Idesh), foi financiado e gerido pelo Ministério do Esporte (ME). O núcleo da Ufal, sob minha coordenação, contou com quatro estagiários do curso de Educação Física e ofereceu atendimento a 100 crianças, proporcionando atividades físicas e esportivas no contraturno escolar. Utilizamos os espaços esportivos do curso de Educação Física na Ufal para as atividades.

A coordenação de área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) também foi um marco importante

em minha trajetória. Coordenei o programa por três edições consecutivas (2018–2020; 2020–2022; 2022–2024), com a parceria das Instituições de Ensino Superior, Secretarias de Educação e da Capes. O principal objetivo do programa é aproximar os graduandos de seu campo de atuação desde o início do curso.

Durante esse período, houve uma rica troca de experiências entre professores, gestores de escolas públicas e graduandos do curso de Educação Física, que cursavam do 1º ao 4º período. Sob minha coordenação, foram acompanhados oito professores de ensino básico e 64 discentes, entre bolsistas e voluntários. O trabalho gerou oito capítulos de livro e um artigo publicado em revista, além de ter sido premiado com o 2º lugar na Semana Interinstitucional de Pesquisa Tecnológica e Inovação na Educação Básica (Sinpete, 2023), resultando em mais uma publicação.

A coordenação do curso de Educação Física – Licenciatura foi marcada por um período de muito esforço, especialmente nas duas primeiras gestões. Naquela época, grande parte das atividades da coordenação era realizada de forma manual, pois o sistema destinado à gestão dos trabalhos da coordenação era precário. Isso obrigava o(a) coordenador(a) a realizar as matrículas dos alunos quase individualmente e manualmente. Apenas na última década a Ufal fez investimentos em programas de informática para otimizar as atividades das coordenações dos cursos. Apesar dessas dificuldades, a coordenação me proporcionou a oportunidade de estar sempre muito próxima dos alunos, orientando-os em seu percurso acadêmico e colocando em prática o objetivo que me levou à Ufal.

Destaco momentos históricos importantes vivenciados ao longo dessa trajetória, que considero fundamentais para o curso de Educação Física. O primeiro deles foi a oferta do curso também no período noturno, em uma política de ampliação de vagas para as IFES

(Instituições Federais de Ensino Superior), associada ao aumento do número de ingressantes e concluintes. A Pró-Reitoria de Graduação (Prograd) trabalhou para expandir os cursos noturnos.

Assim, o curso de Licenciatura em Educação Física passou a ser ofertado também no período noturno, permitindo que o Departamento de Educação Física oferecesse dois cursos. No entanto, à medida que o curso avançava, surgiram diversos problemas relacionados à formação dos alunos, como: redução no campo de estágio devido à oferta de vagas para o período noturno, impossibilidade de alguns alunos realizarem estágios durante o dia por conta do trabalho, falta de iluminação nos locais de prática, questões de segurança para alunos e professores, e horários de aula reduzidos devido à saída dos ônibus para os interiores. Com essas dificuldades, o curso de Educação Física voltou a ser oferecido exclusivamente no período diurno.

Outro momento histórico foi o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que, em 2006, possibilitou a abertura do curso de Bacharelado em Educação Física, aumentando assim as vagas na instituição. Agora, a Ufal contava com dois cursos de Educação Física em andamento.

É importante lembrar que o início foi muito desafiador, pois os dois cursos contavam com o mesmo número de professores e salas. No entanto, graças ao programa REUNI, a Educação Física conseguiu contratar mais professores, expandir o número de salas de aula (de quatro para oito) e ampliar o quadro de técnicos.

Em seguida, veio a criação das Unidades Acadêmicas, mais um momento marcante de reestruturação na Ufal. A organização dos departamentos da universidade foi revista, e cada departamento precisava apresentar um projeto para atender aos novos critérios. O Curso de Educação Física, após várias reuniões, uniu-se ao Centro de Educação, formando uma Unidade Acadêmica.

Em 2017, após os esforços coletivos dos professores dos cursos de Educação Física para atender aos critérios exigidos, o Conselho Superior da Universidade (CONSUNI) aprovou a formação da Unidade Acadêmica do Instituto de Educação Física e Esportes (Iefe). Essa conquista trouxe mais fortalecimento e autonomia administrativa para os cursos, embora o tempo junto ao Cedu tenha sido importante para a construção dessa independência.

Por fim, o Iefe tem apresentado um crescimento constante. Embora os cursos de graduação ainda apresentem algumas fragilidades, há uma maior dinamicidade entre a teoria e a prática no futuro campo de trabalho dos alunos, especialmente por meio dos estágios e programas desenvolvidos. A aprovação de três cursos de pós-graduação *stricto sensu* oferece aos egressos a oportunidade de continuidade em sua formação, ao mesmo tempo em que favorece a ampliação e modernização dos laboratórios e espaços esportivos, gerando melhores condições para as atividades práticas tanto na graduação quanto na pós-graduação.

Além de minha dedicação às atividades de docência, da qual me orgulho imensamente, tenho procurado construir um percurso pautado em valores sólidos para a formação dos futuros profissionais. Valores como responsabilidade, compromisso com a formação dos alunos, cooperação entre colegas professores e respeito por alunos, técnicos e demais profissionais de apoio são fundamentais. Esses valores, que são difíceis de manter no mundo atual, são essenciais para a formação integral dos futuros profissionais.

Espero que, no futuro, o Curso de Educação Física continue a contar com professores, alunos e técnicos comprometidos com o crescimento dos cursos de graduação, solidificando ainda mais os outros cursos oferecidos pelo Iefe. Desejo também que os espaços físicos recebam manutenção sistemática, com verbas institucionais e

a responsabilidade e transparência próprias do serviço público. Que o Iefe se mantenha como um espaço de troca de ideias pedagógicas e profissionais, onde prevaleçam a ética e a democracia, respeitando as escolhas individuais. É fundamental também dar continuidade e robustecer os convênios com instituições públicas. Acima de tudo, espero que o Iefe continue reconhecendo e respeitando o seu passado para construir um futuro cada vez mais sólido.

Por fim, é importante ressaltar que a comemoração dos 50 anos do Curso de Educação Física só foi possível graças ao empenho coletivo e individual de todos que buscaram soluções para os momentos de dificuldade, planejaram ações com qualidade e responsabilidade, e trabalharam incansavelmente para melhorar os cursos do Iefe desde sua fundação até os dias atuais.

Deixo meu sincero agradecimento aos docentes fundadores do curso, que, com o advento de suas aposentadorias, deixaram um legado que muito orgulha a Educação alagoana. Vocês plantaram uma árvore que cresceu e frutificou, e cabe a nós mantê-la, garantindo que o conhecimento seja constantemente atualizado e que seus frutos continuem a enriquecer o ensino, a pesquisa e a extensão.

Referências

ANDRADE SILVA, M. E. Saúde no pulso: uso de pulseira inteligente para estimular atividade física em adolescentes – Ciência na Escola para o Desenvolvimento Sustentável. Vol. 3. COLEÇÃO SINPETE/ Ufal, 2023.



6

ALEXANDRE MAGNO CÂNCIO BULHÕES

22 ANOS DE UFAL

Alexandre Magno Câncio Bulhões

Indico a canção “The four seasons”, de Antonio Vivaldi, por criar um ambiente de celebração e comemoração desse momento.

A obra de arte que indico para os 50 anos da Educação Física da Ufal é a pintura do artista francês Claude Monet de 1866 - “A estrada para Guèret”, para lembrarmos que a estrada representa continuidade, conexão e transição, como ocorre em nosso curso.

Figura 1 - A estrada para Guèret, de Claude Monet.



Fonte: Google Imagens.

Frase, Pensamento, reflexão “A empresa duradoura é aquela que se adapta às mudanças e se renova constantemente”, do pensador Peter Drucker (2001).

Biografia

Esses escritos constituem uma autobiografia, configurada como uma narrativa que abarca duas questões simultâneas: a cronologia dos fatos e a reflexão sobre os acontecimentos que marcaram minha trajetória de vida. Dessa forma, alguns personagens são mencionados, tanto diretamente quanto indiretamente, nos acontecimentos que compõem essa jornada.

O objetivo deste documento é compartilhar minhas percepções sobre os meus 23 anos como professor do curso de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), instituição que neste momento celebra 50 anos de existência. Minha gratidão se estende não apenas à Ufal, mas também às pessoas que contribuíram para essa caminhada.

Cabe-me expressar minha gratidão a todos que compartilharam comigo essa vida dedicada à causa da Educação Física, que começou desde os meus primeiros anos de formação intelectual. Agradeço especialmente às professoras das minhas séries iniciais, lembrando que só tive um professor a partir da quarta série do ensino fundamental. Neste período, não posso deixar de registrar minha eterna gratidão, em memória, à minha mãe, Iracilda Jucá Câncio de Bulhões, e ao meu pai, Benedito Cabral de Bulhões, que foram fundamentais no meu processo de alfabetização, me ensinando a importância da aprendizagem e da educação de qualidade.

Na sequência, para me tornar docente em Educação Física, as primeiras experiências no treinamento de Tênis de Campo, realizadas no Clube Fênix Alagoano, foram extremamente importantes.

Nesse processo, tive a honra de contar com a orientação do Professor Durval Neri dos Santos e do Professor Euzébio Thomz Cantuária, figuras ímpares na formação de jovens talentos no esporte e na Educação Física. Através deles, pude não apenas absorver conhecimentos técnicos, mas também internalizar o idealismo deles, que defendiam a prática regular de atividades físicas como elemento essencial para a vida.

Posteriormente, ao incorporar a prática de atividades físicas no treinamento de tênis e ao observar jovens atletas locais, regionais e nacionais se destacando, fui orientado pelos professores Vicente Braga e Ludgero Galli, este último, professor titular da Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás – ESEFEGO. Além dos treinos regulares, o professor Ludgero orientava também jovens alunos da ESEFEGO, da Academia Tênis “Master”, do Clube de Engenharia e do Clube Jaó. Essa convivência me aproximou cada vez mais do treinamento em tênis, o que me encaminhou para a minha vida profissional, culminando na graduação em Educação Física. Além desses professores, outros como o Prof. Dr. Luiz Carlos Scipião Ribeiro (no Mestrado – Universidade Gama Filho) e o Prof. Dr. Antônio Carlos Simões (no Doutorado – Universidade de São Paulo) foram fundamentais na minha carreira acadêmica.

Fui admitido como professor na Ufal em 2003, após concurso público, e minha formação incluiu Licenciatura Plena em Educação Física, Especialização em Performance do Treinamento Desportivo, Mestrado em Psicofisiologia do Exercício e Doutorado em Biodinâmica do Movimento Humano. Atualmente, leciono nas modalidades de Licenciatura e Bacharelado, nas disciplinas de Crescimento e Desenvolvimento Humano, Desenvolvimento e Aprendizagem, Crescimento e Desenvolvimento Motor, e Tênis de Campo. Também oriento alunos no componente curricular Estágio Supervisionado I,

tenho projetos de extensão ativos e oriento trabalhos de conclusão de curso.

Minha trajetória acadêmica e pessoal, com todos os seus encontros e desencontros, foi construída com a ajuda de muitos amigos, profissionais, familiares e outros membros que foram essenciais nesse percurso. Fica difícil elencar todos os momentos marcantes e as pessoas que fizeram parte dessa jornada, mas não posso deixar de destacar a minha família, especialmente a que formei em 1998, com minha esposa Suely Moreira de Oliveira Bulhões e meus filhos Lucas Moreira de Oliveira Bulhões e Laís Maria Moreira de Oliveira Bulhões. Eles trouxeram à minha vida carinho, amor, paz, compreensão, e novas responsabilidades, fundamentais para meu crescimento pessoal e profissional.

Contribuições à sociedade de maior orgulho ao longo de 50 anos

Durante todo o tempo em que estive na Ufal, minha linha de pensamento foi guiada por um foco constante na Educação, Formação, Esporte e Cidadania. Em todos os momentos, discutimos os direitos e deveres dos cidadãos, a constituição da sociedade, a importância do lugar de fala, das metas e, principalmente, os caminhos para alcançá-las, tanto no âmbito profissional quanto pessoal. A sólida formação educacional sempre foi o eixo central dessas reflexões.

Ao longo dessa jornada, me orgulho das transformações que testemunhei em nossos alunos, das conquistas alcançadas, dos concursos aprovados e dos cargos eletivos conquistados. O tempo passa, e o que antes eram críticas relacionadas às exigências se transformaram, com o amadurecimento de todos, em reconhecimentos. São mensagens como: “Seus ensinamentos foram muito significativos na minha vida como um todo, mesmo depois de tanto tempo, sigo tendo

você como referência profissional”. Ou ainda: “Professor Alexandre! Muito obrigado por tudo, passei no concurso! Caíram 4 questões das disciplinas que o senhor ensinou, e eu acertei!”. E também: “Professor, muito obrigado! Na época, eu não tinha a maturidade para entender o que o senhor dizia, mas hoje eu reconheço tudo o que o senhor fez. Hoje, terminei o doutorado e sou coordenador de um curso em uma faculdade particular”.

Com o tempo, essas mensagens chegam por diversos meios de comunicação, como WhatsApp, e-mail, encontros casuais ou até mesmo em visitas à minha sala. Esses retornos reforçam o sentimento de que estou realmente contribuindo para a sociedade. Eles me motivam, pois vejo que as aprendizagens de nossos alunos atuais, bem como de ex-alunos, refletem a minha contribuição, e mais ainda, a da universidade, na formação cidadã e na concretização de sua função social e acadêmico-profissional.

Legado durante os 50 anos do lefe

Como legado, até o momento, destaco minha contribuição administrativa na Ufal e no processo formativo dos alunos, atuando como professor, coordenador, vice-coordenador de curso, membro de colegiado, integrante do Núcleo Docente Estruturante (NDE), além de participar de diversas comissões e bancas de concursos.

Um marco importante foi minha participação na primeira gestão do curso de Educação Física – Bacharelado, junto ao Professor Dr. Amândio Aristides Rihan Geraldês como vice-coordenador. Essa gestão teve um impacto significativo na vida de nossos estudantes e no próprio curso, uma vez que conseguimos realizar melhorias estruturais essenciais. Durante nossa gestão, conseguimos expandir o bloco de salas de aula, que até então contava apenas com a sala 1. Fi-

nalizamos até a sala 4 e deixamos prontas as bases para a construção das salas 5 a 8, entregues posteriormente.

Além disso, nossa gestão foi responsável pelo fechamento das paredes laterais e a cobertura da quadra externa, pela reforma da piscina semi-olímpica, do ginásio, e pela idealização e elaboração dos projetos do laboratório de treinamento contra-resistência e de treinamento cárdio-pulmonar. Também contribuímos com a construção dos prédios que abrigam esses laboratórios, a compra de equipamentos como máquinas de musculação, cicloergômetros, esteira para testes e ergoespirômetro, e a redação de projetos de extensão para os espaços de treinamento.

A participação em congressos, artigos, vivências e capítulos de livros também faz parte desse legado, fortalecendo a percepção de nossos estudantes sobre a importância do fazer profissional. Esses são apenas alguns dos legados que deixo para este momento, como contribuição ao crescimento do curso e da formação de nossos alunos.

Futuro

O que me cabe nesse momento é a reflexão (globalização e mundo digital): *“É preciso se atentar para a pedagogia do futuro – as pedagogias sistemáticas, estruturadas e explícitas, e eficazes – avaliá-las e entender como essas abordagens podem auxiliar e/ou modificar a educação física”*.

Mensagem aos discentes

A mensagem que deixo para nossos alunos atuais e futuros é que estudem para se construírem, pois, quando você está matriculado, a formação principal é a sua. Então estude para ser o protagonista de sua formação, para aumentar a probabilidade de sucesso profissional. Afinal, a aprendizagem é relacional, assim tenham interação com os colegas, com os livros, com o mundo digital, mas nunca deixem de se divertir. Administre adequadamente a sua vida.

Ponto de interseção pessoal e profissional

A mensagem que deixo aqui é uma reflexão sobre a importância da autenticidade nas conexões que fazemos, tanto no âmbito pessoal quanto profissional. Pergunto: suas conexões são realmente reais? Ou seja, suas características pessoais — sua essência, expressão e impacto — estão alinhadas com a imagem que você transmite ou deseja demonstrar? Isso envolve seus propósitos, valores, narrativas e consistência. O fato é que, o tempo todo, passamos imagens que ultrapassam os limites do pessoal e do profissional.

Com isso em mente, percebo como muitas vezes nossa vida pessoal se mistura com o trabalho, e vice-versa. Quantas vezes um dia de trabalho estava incrível, mas você acabou levando para casa a preocupação ou as conquistas? Ou ainda, quantas vezes, devido a alguma situação, levamos nossos filhos pequenos para a Ufal, sem outra opção de cuidado? E quem nunca postou uma foto ou fez um comentário nas redes sociais que, depois, gerou conversas e brincadeiras sadias no ambiente de trabalho?

O mundo do trabalho e pessoal se comunica, e isto fez e faz parte do meu fazer, da minha imagem de trabalhador, bom pai ou

até mesmo de uma pessoa alegre e divertida. Assim sempre procurei levar meus ambientes de vida de forma adequada, leve e feliz.

Mensagem aos docentes ativos para os aposentados

A mensagem que deixo para os aposentados é que vocês foram os jardineiros dessa árvore que é o nosso curso. Com o tempo, com dedicação e os cuidados necessários, vocês foram formando uma raiz forte, que se espalhou e se fixou na sociedade, dando origem a essa grande árvore que é hoje, com 50 anos de vida. Agora, cabe aos novos jardineiros, que são os que hoje continuam essa jornada, realizar as constantes adubações e irrigações para garantir sua preservação e crescimento contínuo. Parabéns a todos vocês por terem sido a base sólida dessa história!

Referências

DRUCKER, P. F. **O melhor de Peter Drucker**. Tradução de Renato T. P. de Figueiredo. Rio de Janeiro: Editora Pioneira, 2001.

7

JOSÉ JEAN DE OLIVEIRA TOSCANO

19 ANOS DE UFAL

José Jean de Oliveira Toscano

*Ab! Eu é que não me sento
No trono de um apartamento (...)
Esperando a morte chegar*

(Raul Seixas – Ouro de Tolo)

Biografia

Sou natural de Campina Grande-PB, onde completei minha formação na educação básica até o nono ano. O ensino médio foi realizado na capital, João Pessoa. Minha formação em Educação Física teve início na UNIPÊ, uma instituição de ensino superior privada. No entanto, no primeiro ano do curso, consegui transferência para a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde conclui a graduação em 1994. Durante toda a minha formação, estive envolvido com a área de academia de ginástica, participando de atividades de ginástica, musculação e avaliação física.

Ao concluir o curso, comecei a sentir a necessidade de teorizar a prática na qual estava envolvido. Surgiu, então, a oportunidade de realizar um curso de especialização em Pesquisa em Educação Física, na UFPB, em 1996. Ao término do curso *latu-sensu*, no qual tive

meu primeiro artigo publicado, despertei o interesse pela área acadêmica e pela carreira de professor universitário. Foi nesse momento que percebi a necessidade de ingressar em um mestrado, embora, no final dos anos 1990, ainda fosse possível ingressar nas universidades federais — meu objetivo desde o início — como docente apenas com o curso de especialização.

Outra meta importante a ser alcançada era obter experiência docente no ensino superior, o que, por sua vez, facilitaria a entrada em um mestrado. Já tendo reduzido minhas atividades na área de academia de ginástica, vendi alguns bens materiais na época para tentar ingressar no mestrado na Unicamp e na UFSC. Não obtendo êxito, surgiu, em 2001, a oportunidade de um concurso para professor substituto na Universidade Federal de Sergipe – UFS. Com a aprovação, iniciava-se a consolidação do projeto de carreira como professor universitário, que havia começado cinco anos antes, em 1996.

Ainda na condição de professor substituto, mas já concluindo o prazo de dois anos previsto no contrato, surgiu a oportunidade de ingressar no primeiro mestrado da área de Medicina da UFS, com uma das linhas de pesquisa voltada para atividade física e saúde. No mesmo período da aprovação no mestrado, também recebi uma proposta de parceria entre a UFS e a Secretaria Municipal de Saúde de Aracaju-SE, para a implantação do programa Academia da Cidade, no qual atuei como coordenador. Anos depois, esse programa serviu como referência para o Academia da Saúde, do Governo Federal.

Em 2006, finalmente surgiu a oportunidade de ingressar na Universidade Federal de Alagoas (Ufal) como professor efetivo. Dez anos depois de ter estabelecido essa meta, consegui alcançá-la na capital alagoana.

Faltava agora avançar na qualificação para poder contribuir de forma mais significativa com as funções docentes em uma instituição

de ensino superior federal. Foi então que surgiu a oportunidade de ingressar no doutorado em Ciências da Saúde na UFS, o mesmo programa no qual havia feito meu mestrado, concluído em 2014.

Por fim, no ano do Jubileu do curso de Educação Física da Ufal, tive a grata satisfação de ter meu projeto de pesquisa/extensão aprovado para o pós-doutorado em uma das universidades mais respeitadas da Europa, a Universidade de Coimbra, em Portugal.

Contribuição à sociedade de maior orgulho ao longo dos 50 anos

Um dos meus grandes desejos ao me tornar servidor público era expandir a ação do meu objeto de trabalho (movimento humano) para a população, especialmente para aqueles que não podem pagar por um serviço de atendimento personalizado. Esse desejo foi fortalecido pela oportunidade que tive de acompanhar o processo de evolução de alunos de academia com hérnia de disco e epilepsia, para citar apenas dois exemplos, e perceber o quanto determinados segmentos clínicos da população podem – e devem – ter acesso a um serviço capaz de fazer a diferença na qualidade de suas vidas.

Nesse contexto, posso destacar minha intervenção na coordenação de projetos que envolveram os seguintes subgrupos clínicos: obesidade mórbida, síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), idosos e, mais recentemente, câncer de mama.

Em todas essas ações, tive a oportunidade de colocar em prática as melhores evidências científicas e, conseqüentemente, acompanhar a evolução nos indicadores de saúde específicos para cada um desses subgrupos. Em particular, destaco o trabalho realizado no contexto do câncer de mama, cuja intervenção foi desenvolvida na oncologia da Santa Casa de Maceió. Este trabalho foi formatado,

submetido e aprovado no programa de pós-doutorado da Universidade de Coimbra, em Portugal.

Momento Histórico

Dentre os vários momentos que pude vivenciar ao longo dos 50 anos de história do curso de Educação Física da Ufal, acredito que o principal destaque foi o investimento na estrutura física. Para uma formação de qualidade, nosso curso depende de uma infraestrutura adequada para atender às práticas que fazem parte da grade curricular. Como nosso objeto de estudo é o movimento humano em suas diversas manifestações, contar com um complexo esportivo à disposição, capaz de atender às demandas tanto dos cursos de licenciatura quanto do bacharelado em Educação Física, foi um marco recente e significativo a ser ressaltado.

Legado durante meus 19 anos no Iefe

Acredito que um dos principais aspectos que posso destacar é a constante aproximação que busquei entre as evidências teóricas, que fazem parte do mundo acadêmico, e sua aplicação prática. Isso se reflete tanto nas aulas ministradas, considerando o processo de ensino, quanto na prestação de serviços e na produção de conhecimento por meio de projetos de extensão e pesquisa.

Um exemplo disso foi a parceria com o Hospital Universitário, por meio do grupo multidisciplinar de cirurgia bariátrica, referência em Alagoas. Nesse projeto, pudemos oferecer serviços de avaliação física e orientação para exercícios físicos, tanto para pacientes pré-operatórios quanto para os pós-cirúrgicos, nas instalações do Iefe. Outro exemplo mais recente foi a colaboração com o setor de oncologia da Santa Casa de Misericórdia de Maceió, onde firmamos

uma parceria de pesquisa e extensão para aplicar um protocolo de exercícios em mulheres sobreviventes de câncer de mama atendidas pelo SUS. Como mencionado no tópico anterior, esse trabalho foi fundamental para a elaboração do projeto que foi posteriormente aceito no programa de pós-doutorado na Universidade de Coimbra.

Também destaco minha participação na elaboração do projeto de inclusão do curso de Educação Física na Residência Multiprofissional em Saúde do Hospital Universitário. Com a aprovação do projeto e a entrada dos primeiros residentes de Educação Física, fiquei à frente do programa durante seu primeiro ano, antes de me afastar para concluir o doutorado.

Em termos de gestão, fui vice-coordenador do curso de Bacharelado por dois mandatos, experiência que me permitiu contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento do curso e das práticas acadêmicas.

Futuro

O curso de Educação Física tende a ganhar cada vez mais visibilidade neste século XXI, tanto na licenciatura quanto no bacharelado, pois é uma área cujo objeto de estudo é o movimento humano — um comportamento cada vez mais negligenciado pela população de modo geral. Assim, temos um grande desafio pela frente, pois precisamos pôr em prática uma quantidade exponencial de evidências que apontam, e de fato consolidam, os benefícios do movimento em todas as dimensões do desenvolvimento humano.

Mensagem aos discentes

Algo que sempre enfatizo em sala de aula, nas reuniões do grupo de pesquisa e com os voluntários do grupo de extensão é que o discente deve aproveitar as diversas oportunidades que a Ufal oferece, com destaque para cursos de formação complementar, atividades de extensão e inserção em grupos de pesquisa.

Também enfatizo a importância de investir na formação, como, por exemplo, na aquisição de material permanente de trabalho, especialmente no que se refere a ferramentas de avaliação, seja no desenvolvimento motor, aptidão física, rendimento, entre outros, que possam fornecer informações sobre a evolução do aluno ao longo da intervenção, seja na escola ou no âmbito não formal. O investimento também se reflete na participação em eventos científicos de nível nacional e internacional.

Para os egressos, sempre que os encontro, informo sobre o que a universidade pode oferecer dentro da área em que estão atuando. Acredito que o mesmo desejo que senti ao fundamentar minhas intervenções quando concluí a graduação é também vivido por aqueles que se formam e ingressam no mercado de trabalho.

Se antigamente havia grande dificuldade em encontrar evidências que pudessem ser aplicadas, atualmente o grande desafio é a abundância de opções de formação complementar, bem como a enorme quantidade de material “científico” veiculado em diversos meios de comunicação. Separar o joio do trigo é a tarefa mais difícil. Nesse sentido, fico particularmente satisfeito quando encontro um egresso e posso contribuir para uma boa colheita.

Mensagem dos docentes ativos aos docentes que passaram ou Mensagem dos docentes aposentados aos docentes ativos

Tive a grata satisfação de, ao ingressar no quadro da Ufal, poder dividir espaço e conhecimento com alguns docentes que fizeram parte do início do curso, de forma mais próxima os professores Shyko e Carlinhos, assim como os professores Marcos Mateus e Werter. Também tive a oportunidade de trabalhar com os que chegaram um pouco depois, mas não menos importantes, Patrícia e Eduardo Montenegro. O sentimento é de gratidão por todo o trabalho realizado na formação dos professores de Educação Física do estado de Alagoas.

Finalizando

Que venham mais anos de empenho por parte de todos que fazem e farão parte do Iefe. Que possamos celebrar mais conquistas no ensino, na pesquisa e na extensão nos cursos de Educação Física (Licenciatura e Bacharelado), assim como nos programas de pós-graduação.

Referências

TOSCANO, J.J. O; SANTOS, P; SAMPAIO JUNIOR, M. Programa de Intervenção de Exercícios Físicos em Mulheres Sobreviventes de Câncer de Mama. Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão, v. 8, p. 23, 2024.

TOSCANO, J.J. O. PRINCÍPIO ATIVO: CORPO EM MOVIMENTO. 1. ed. Maceió: Edufal, 2021. v. 1000. 158p.



8

ERIBERTO JOSÉ LESSA DE MOURA

17 ANOS DE UFAL

Eriberto José Lessa de Moura

Memórias de uma Trajetória Acadêmica: Minha Jornada na Educação Física na Ufal.

Biografia

É bom lembrar que este pequeno texto será composto pela minha trajetória como estudante e professor de Educação Física, impactando decisivamente minha vida acadêmica e profissional, especialmente em minha atuação como docente universitário. Ao olhar para trás, as memórias da minha vida como estudante de graduação e docente em Educação Física na Universidade Federal de Alagoas (Ufal) surgem sempre com um misto de nostalgia, romantismo e gratidão.

Minhas lembranças estão repletas de encontros e desencontros marcantes, além da construção de laços que ultrapassam as salas, ginásios, piscinas e, enfim, os muros que delimitam as fronteiras entre o universo acadêmico e o mundo real.

A escolha pela área que vivencio até o presente momento surgiu de um momento “não planejado”. Ao final do ensino médio, sur-

giam dúvidas sobre qual curso universitário seguir. Em determinados momentos, pensava em geologia, em outros, em biologia. Enfim, fiz a escolha e obtive aprovação no já atualmente “extinto” vestibular. Era o ano de 1986, e entrei na segunda turma, iniciando o curso logo após as festas juninas.

A graduação foi concluída em seis anos, e não em quatro, como deveria ter sido. A média do histórico escolar não alcançou os míseros seis pontos. Por outro lado, a maior dedicação ocorreu fora da sala de aula, com envolvimento nos aspectos práticos das disciplinas, no movimento estudantil e, de maneira marcante, na Atlética do nosso curso.

Vivenciamos, junto ao Centro Acadêmico, lutas importantes, como a escolha democrática pelo fim do uniforme obrigatório durante as aulas práticas e a inclusão do transporte coletivo no interior do Campus A.C. Simões. No cenário esportivo universitário, houve uma participação efetiva no movimento discente, orquestrado por integrantes do CESMAC e da Ufal, para a retomada da direção da Federação Alagoana de Desportos Universitários (FADU), quando a entidade passava por um processo vicioso e repetitivo, que apenas prejudicava o desenvolvimento do esporte universitário em Terras Caetés.

À frente da nossa Atlética, realizei, a convite do Diretório Central dos Estudantes (DCE), os Jogos Internos da Ufal em 1989 e introduzi pela primeira vez no ambiente universitário alagoano a prática do futsal feminino, com a participação de apenas quatro cursos. Em um ambiente inicialmente hostil, as mulheres provaram que tinham habilidade suficiente para colocar para fora dos ginásios qualquer tipo de resistência e preconceito. Parceiros e parceiras como Albert Queiroz, Joaquim Américo, Judith, Ricardo Mago, Henriete, Ricardo Medeiros, Higino, entre outros e outras estudantes do curso,

“fincaram” seus nomes na história do esporte universitário de nosso curso. A geração de 1988 a 1992!

Um período também marcante em minha formação foi os onze meses de experiência como estagiário no Serviço Social do Comércio (SESC-Alagoas), no ano de 1989. Foi nesse período que, através de vivências pedagógicas orientadas pelos meus mestres e professores Sindoval, Jailson Elias, Édson Rocha (Rochinha) e Jou-devaldo (o “Lessa”), tomei gosto pelo ensino do esporte (futebol de salão/futsal) e pelas atividades de recreação e lazer.

Essa experiência foi o maior incentivo para minha participação no cenário da arbitragem e, posteriormente, como gestor técnico na Federação Alagoana de Futebol de Salão/Futsal (FAFS). Na Ufal, descobri não apenas o conteúdo acadêmico, mas também a essência do que é estar imerso em um ambiente diverso. As aulas práticas, as discussões acaloradas sobre teorias ainda difusas, mas impactantes em nossa cabeça juvenil de estudante, e as vivências no campo da saúde e bem-estar, moldaram minha visão sobre a profissão que escolhi.

Após a finalização do curso em maio de 1992, entrei em um momento de incertezas profissionais pós-formatura. Através da liderança e amizade com o Professor Werter Paes Cavalcanti, fui orientado, incentivado e apoiado financeiramente para tentar a vida no universo da Unicamp. Ao mesmo tempo, estava iniciando um relacionamento conjugal, o que me proporcionou uma experiência de mudança para Belo Horizonte, onde passei dois anos. Uma nova etapa se apresentou diante de mim: fui aceito como aluno visitante na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na graduação em Filosofia, e no mestrado na área do marxismo.

Curiosamente, não optei por me envolver no bloco da Educação Física da referida instituição. As experiências anteriores de leitura originadas das Ciências Sociais me levaram a essa escolha. Essa

transição foi desafiadora, mas também extremamente enriquecedora. A UFMG, com sua diversidade cultural e intelectual, ampliou meus horizontes. O contato com professores renomados e a interação com alunos de diferentes regiões do Brasil abriram espaço para debates inovadores e perspectivas diversas sobre a realidade brasileira em seus aspectos educacional, cultural, político e econômico. Aprendi a valorizar a interdisciplinaridade e a importância de integrar diferentes áreas do conhecimento, direcionando-as e acoplando-as à Educação Física.

A retomada para o ambiente de Campinas me levou à Unicamp, onde iniciei uma longa jornada como aluno especial nesta instituição. Objetivando construir uma base mais ampla para minha entrada na pós-graduação, o Mestrado em Educação Física, ocorrido no ano de 2000, desenvolveu estratégias de vivências presenciais em conteúdos nos cursos de Sociologia e História no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Esta fase foi marcada por um profundo envolvimento em pesquisas que buscavam transformar a realidade da Educação Física no Brasil. A vivência em um dos centros de excelência em pesquisa e ensino superior acrescentou uma nova dimensão à minha formação.

O nosso retorno, no ano de 2004, para a terra de Zumbi dos Palmares foi ao mesmo tempo esperançoso e mesclado de incertezas, mas obtive um caloroso e profundo acolhimento familiar. Através dessa recepção, consegui desenvolver estratégias de estudo e, ao mesmo tempo, participar no mercado de trabalho, tendo como primeira experiência minha atuação como Coordenador das Categorias de Base de Futebol no Centro Sportivo Alagoano (CSA) em 2005. Após oito meses no clube azulino, fui convidado a supervisionar o elenco profissional do ASA (Arapiraca). Nesse período, também ministrei um curso de formação para professores e professoras da Rede Pública de Alagoas. O foco era os desafios que a disciplina de Educação Física

deveria enfrentar no trato com o tema da “Distorção Idade/Série”. Nos anos de 2005 e 2006, fui empossado como professor de Educação Física na Rede Estadual de Ensino, lotado no município de Marechal Deodoro, e na Rede de Ensino Municipal de Maceió. Essas experiências se agregaram à minha vida futura como docente universitário.

Em agosto de 2006, realizei o concurso para Professor Substituto na área de Estágio Supervisionado e Didática em Educação Física no Curso de Graduação de Educação Física da Ufal. Lecionei várias disciplinas durante esse processo de dois anos, até ser efetivado em agosto de 2008 no quadro da instituição como docente efetivo, com carga horária de 20 horas, conforme definido no edital do concurso. Esse concurso, originado dos objetivos do REUNI, instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, definiu os regimes de carga horária em 20 e 40 horas, sem Dedicação Exclusiva (DE), o que resultou em uma luta pela efetivação, travada por vários docentes do Centro de Educação do Campus A. C. Simões. Essa luta se concretizou em 2010, com a efetivação dos docentes com Dedicação Exclusiva.

Como mencionado anteriormente, minha trajetória acadêmica e profissional sempre foi marcada por um compromisso sólido com a educação, o que se refletiu inicialmente em minha atuação em sala de aula. Busquei integrar o ensino com a extensão e, num primeiro momento, realizei uma conexão especialmente no âmbito do esporte universitário de rendimento. A participação nas modalidades de futsal e futebol de campo, tanto no naípe feminino quanto no masculino, foi um marco inicial dessa minha fase. Acredito que a formação acadêmica de um/uma discente perpassa os saberes de sala de aula. Os saberes produzidos pela cultura, pelas práticas e expressões corporais diversas constituem a formação integral acadêmica.

Desse modo, em diversos momentos, tive a honra de atuar como coordenador e chefe de delegação, representando oficialmente a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) nos Jogos Universitários de Futebol. Essas experiências em diferentes cidades, como São Paulo, Porto Seguro, Caruaru e Teresina, foram não apenas desafiadoras, mas também extremamente enriquecedoras. Cada competição trouxe à tona a oportunidade de trabalhar em equipe, enfrentar adversidades e celebrar conquistas coletivas que vão além de premiações e posições de ranking, além do desempenho fisiológico, técnico ou tático. O esporte universitário proporciona um ambiente dinâmico e estimulante, onde é possível aplicar teorias aprendidas em sala de aula, além de fomentar a troca de saberes entre discentes e profissionais de diferentes lugares e formações.

No universo da gestão, minha participação foi sendo construída no espaço representativo dos colegiados de licenciatura e bacharelado ao longo dos anos. Em 2012, a Ufal foi contemplada com recursos destinados à construção de seu Complexo Esportivo, a ser erguido no Campus A.C. Simões. Esse montante provinha do Ministério dos Esportes no Governo de Dilma Rousseff. Após muita luta, o complexo foi inaugurado em dezembro de 2019.

Nesse mesmo período (2012), surgiu a oportunidade de realizar o Doutorado Interinstitucional (Dinter), através da parceria entre a Faculdade de Serviço Social (FSSO) da Ufal e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). O programa contou com a participação de 16 docentes de várias áreas do conhecimento da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). O curso foi o único Dinter do país aprovado na área de Serviço Social em 2012. Teve início no primeiro semestre de 2013 e contou com a participação presencial de docentes da UERJ até o segundo semestre de 2015, sendo finalizado em julho de 2017.

Neste mesmo ano, o curso de Educação Física, inaugurado em 1974, que transitou pelas instâncias do antigo CSAU e depois do Centro de Educação, tornou-se a Unidade Acadêmica que viria a ser o Instituto de Educação Física e Esporte – Iefe. Em setembro desse ano, fui designado como novo Gerente de Esportes da Ufal, na administração da Professora Valéria Correia. O cargo estava sob a responsabilidade da Pró-Reitoria Estudantil, função que exerci até setembro de 2019. Através dessa função, organizamos e criamos a Instrução Normativa, visando o estabelecimento de normas e procedimentos para o Programa de Atividade Física, Esporte e Lazer (PAEL), com o objetivo de desenvolver ações e projetos de atividades físicas, esportes e lazer físico-esportivo junto aos discentes universitários, em conformidade com os objetivos do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Nasceu, assim, o Programa “Esporte da Ufal”, em parceria com o Iefe. O referido programa oferecia diversas atividades físico-esportivas, abrangendo os Campi de Arapiraca e do Sertão. Elaboramos, juntamente ao corpo docente do Iefe e à Vice-Reitoria, discussões sobre a Política de Esporte da Ufal. Até o presente momento, essa ideia ainda não se concretizou e precisa ser valorizada e rediscutida em todas as instâncias que envolvem a Universidade.

Nos anos de 2018/2019, planejei lançar alguns projetos e eventos de extensão, oferecendo oficinas nas modalidades badminton e futebol de campo para técnicos, servidores e funcionários terceirizados da limpeza e da segurança da UFAL. No âmbito da pesquisa, no primeiro semestre de 2020, lancei, junto com o professor Antônio Felipe Caetano, o Laboratório Aplicado em Estudos da Educação Física, Esporte e Lazer (LaEL), tendo como objetivo a reflexão, intervenção e produção acadêmica no campo dos saberes que envolvem

a Educação Física, com ênfase na cultura corporal do movimento voltada para o esporte e lazer.

Os tempos de pandemia não impediram o nosso trabalho no âmbito do ensino e da pesquisa. A problemática do isolamento social estagnou por completo a possibilidade de vivência na extensão. O corpo docente do Iefe produziu pesquisas referentes aos impactos da pandemia e indicou formas de enfrentamento, por meio das informações colhidas em suas pesquisas. Após um período de reuniões com toda a sociedade acadêmica da Ufal, deu-se a retomada pelas aulas remotas. Foi um período cheio de desafios e incertezas. Através de grande esforço, colhemos dados de uma pesquisa em parceria com a professora Anne Karollyne Mendonça: “AULAS REMOTAS NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLAS DO CAMPO PERTENCENTES AO MUNICÍPIO DE SÃO LUÍS DO QUITUNDE” (Silva, 2020). O trabalho foi publicado através de sua participação na VII Semana Internacional da Pedagogia, realizada em novembro/dezembro de 2020 no CEDU-Ufal.

O processo da pandemia enfrentado por toda a sociedade, juntamente com o governo desastroso de Jair Messias Bolsonaro, colocou as Instituições Federais de Ensino em um momento delicado, e que, em tempos atuais, ainda sofre com o descaso que foi feito em detrimento da Educação Superior em nosso país. Cortes drásticos no orçamento e a falta de investimentos em pesquisa e infraestrutura agravaram a situação, deixando muitas universidades em estado de alerta. A Política Nacional de Educação, que deveria buscar garantir a qualidade no ensino e a inclusão educacional, foi deixada de lado em um contexto de descaso e negligência. A Ufal, até o presente momento, ainda passa por dificuldades devido à diminuição de seu orçamento e à absorção de uma política neoliberal que propõe a “in-

terlocução” mais ampla com o mercado, terceirizando, de maneira lenta, os princípios basilares da Universidade, ou seja, pública, laica e gratuita!

Com a retomada das aulas presenciais em março de 2022, o Iefe passou por um período de retomada de seus projetos de pesquisa e extensão. Em abril de 2024, houve um momento de greve que se alastrou até meados de julho do mesmo ano. Nesse período, fui designado como novo Coordenador de Extensão da Unidade, cargo que exerci até meados de janeiro de 2025, quando fui designado como novo Coordenador do Curso de Educação Física (Licenciatura) do Iefe, por meio de consulta/eleição, para um mandato que abrange o período de 2025/2027.

No presente momento, leciono na licenciatura e no bacharelado (ensino), coordeno os projetos de extensão ligados ao Programa Esporte da Ufal (Badminton), o FUT Rendimento Universitário e o “Pedagogia do Treinamento Esportivo nas Categorias de Base no Futebol”, em parceria com o Ubertec Futebol Clube/FAF. Em parceria com a professora Aline, do CeTEC, estamos desenvolvendo o projeto do esporte olímpico “Tiro com Arco na Ufal”.

Em suma, minha jornada acadêmica na Ufal tem sido uma experiência transformadora e enriquecedora. Desde o primeiro dia, fui desafiado a superar obstáculos e a buscar novos conhecimentos em um ambiente pautado por múltiplas e diversas determinações. Cada disciplina estudada, cada projeto executado e cada pesquisa realizada contribuíram para moldar minha formação e minha vida profissional. A Ufal não é apenas um lugar de aprendizado; foi um espaço onde construí amizades afetivas e profissionais. Ao olhar para trás, sinto gratidão por todas as experiências vividas e pelos ensinamentos absorvidos. Estou animado para os próximos passos da minha trajetória, levando comigo os valores e conhecimentos adquiridos durante

meus seis anos como aluno da Ufal e 19 anos como docente deste cinquentenário curso de Educação Física.

Saudações Universitárias, Saudações Caetés e Palmarinas!!!

Referências

BRASIL. **Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007**. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2007. Seção 1, p. 7.

SILVA, A. K. M. S. AULAS REMOTAS NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: um estudo de caso em escolas do campo pertencentes ao município de São Luís do Quitunde. *In*: VII Semana Internacional de Pedagogia: “As lutas da pedagogia em tempos de pandemia: ciência, educação e formação humana”. **Anais...** Maceió, 2020.

9

MARCO ANTONIO CHALITA

16 ANOS DE UFAL

Marco Antonio Chalita

Indico a canção “*Maceió*” de Dominginhos para a leitura deste capítulo, pois esta música é sempre cantada e tocada no piano por meu querido pai, Antônio Abrahão Chalita, natural de Maceió, que saiu desta terra para trabalhar e morar na cidade do Rio de Janeiro. Eu, como filho, tive o prazer de retornar à sua terra natal para trabalhar e morar, hoje constituindo minha família com minha esposa, Wellida, e meu filho, Antônio Miguel.

A obra de arte que escolhi para a comemoração dos 50 anos da Educação Física da Ufal é o “*Discóbolo de Míron*”, do grego Míron, porque esta obra é o símbolo da Educação Física, representando um atleta se preparando para o lançamento do disco, uma das provas do Atletismo, modalidade esportiva que abriu as portas para o meu trabalho na universidade.

Figura 1 – “Discóbolo de Míron”, de Míron.



Fonte: Google Imagens.

Frase, pensamento, reflexão: “A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original” – Oliver Holmes.

Biografia

A minha história de vida começa no interior do Rio Grande do Sul, em uma cidade chamada Ibirubá, onde meu querido pai, Antônio Abrahão Chalita, e minha querida mãe, Luciana Maria Beskow Abrahão Chalita, residiam por questões de trabalho. Foi nesse momento que nasci, em janeiro de 1969. Meu pai, missionário do Banco do Brasil S.A., viajou abrindo agências do banco em diversos lugares, levando com ele a sua família. Nessas viagens, teve a missão de ir para a cidade de Aracaju, no estado de Sergipe. Eu já estava com 10 para

11 anos de idade e, durante a minha infância, já havia tido algumas experiências esportivas e de Educação Física, sempre ligadas à escola, à ginástica, ao futebol, à natação, ao judô e ao tênis de campo.

Chegando em Aracaju, uma cidade litorânea, a praia se tornou um ambiente que agregava diversos esportes, e foi nesse cenário que iniciei a prática do surfe em 1983. Esse esporte me levou para fora do país, e em 1989, por curiosidade, fui morar no Havaí para surfar. Em 1990, já estava na Indonésia e logo depois na Califórnia, sempre com o objetivo de praticar surfe e conhecer as ondas desses lugares que tanto eram falados no meio esportivo. Durante esse período, o trabalho que realizava era diverso: desde jardineiro, pintor e carpinteiro, entre outros. O objetivo era pagar o aluguel e a alimentação do mês, sendo o surfe o meu foco principal.

Voltando ao Brasil, no final de 1990, comecei a trabalhar como representante comercial, com vendas, por seis anos. Paralelamente, já havia cursado algumas faculdades, como a Licenciatura em Português/Inglês, Turismo e Engenharia Civil, mas nenhuma delas foi concluída. Em 1996, estava assistindo à televisão quando vi uma propaganda anunciando o vestibular com novos cursos da Universidade Tiradentes, uma universidade particular em Aracaju, e um dos cursos era Educação Física.

Meu pai, que além de trabalhar no Banco do Brasil S.A., também se formou em Direito, me questionou se eu não queria estudar Direito e ser advogado. Na mesma hora, minha resposta foi que eu iria estudar, faria o vestibular para Educação Física e, agora, faria o curso direito, no sentido de começar e terminar. Não era o curso indicado por meu pai, o Direito, mas eu faria Educação Física direito.

Fiz o vestibular para a primeira turma de Educação Física da Universidade Tiradentes e fui classificado em primeiro lugar, para minha surpresa. E foi assim que, no ano de 2000, me formei em

Educação Física, sendo o primeiro aluno a concluir o curso, pois durante o período, não perdi nenhuma disciplina, ao contrário dos meus colegas, que, por motivos diversos, perderam alguma disciplina e não se formaram no mesmo tempo.

O tempo da universidade passou muito rápido, talvez pela minha identificação positiva com os assuntos do curso, e logo fui em busca do mercado de trabalho, iniciando minha carreira em escolas, com Educação Física escolar na Educação Infantil, também em uma escolinha de natação e em uma academia, com trabalho de musculação. Paralelamente ao trabalho com Educação Física, iniciei os estudos de pós-graduação Lato sensu. Por gostar do elemento água, escolhi a pós-graduação Lato sensu em Atividades Aquáticas. Logo em seguida, fiz outra em Treinamento Desportivo. Buscando sempre aperfeiçoamento, realizei outra pós em Educação Física e Cultura.

Buscando maior estabilidade financeira, encontrei nos concursos públicos uma possibilidade. Fiz concurso para trabalhar na Secretaria de Educação do Estado de Sergipe, sendo lotado inicialmente no interior do estado. Depois, fiz concurso para a prefeitura de Aracaju e para professor substituto da Universidade Federal de Sergipe, onde trabalhei por dois anos. Fiquei interessado no ensino superior e busquei qualificação para os concursos públicos das universidades federais. Assim, fiz na cidade do Rio de Janeiro o Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Educação Física e Cultura, na Universidade Gama Filho, que na época era uma referência nacional em Educação Física.

Após concluir o mestrado em 2006, fiz o concurso na Universidade Federal de Alagoas (Ufal) em 2008, sendo aprovado e iniciando minha docência em terras alagoanas. Neste mesmo ano, estava realizando em Portugal, na Universidade do Porto, na Faculdade de Desporto, o Curso de Doutorado em Ciências do Desporto, que

conclui em 2013. Isso me proporcionou maior qualificação para a universidade, e assim pude contribuir com a pesquisa para a melhoria do ensino e do conhecimento na formação de professores de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas.

Seção livre

Contribuição à sociedade de maior orgulho ao longo dos 50 anos

Realizado entre os anos de 2008 a 2013, o estudo intitulado “*A resposta da escola na prevenção da obesidade no estado de Alagoas: estudo centrado em escolas do ensino médio da cidade de Maceió*” foi a minha tese de doutorado (Chalita, 2013). Esse trabalho me permitiu conhecer melhor o tema da obesidade, além de aprofundar meu entendimento sobre a realidade em que atuo, especificamente em Maceió e Alagoas.

O estudo foi desenvolvido nas escolas estaduais de ensino médio, que correspondem ao final da educação básica no Brasil. O objetivo era entender como a escola, e em especial a Educação Física, aborda a temática da saúde e obesidade, e qual o conhecimento que os alunos adquirem sobre o assunto. Participaram da pesquisa 31 professores de Educação Física e 754 alunos do terceiro ano do ensino médio.

A partir deste estudo, foi publicado em 2019 o livro intitulado *Educação Física, Obesidade e Saúde: das possibilidades à concepção dos professores e alunos das escolas públicas da cidade de Maceió – Alagoas* (Chalita, 2019), pela Editora da Universidade Federal de Alagoas – EDUFAL. Além disso, foi publicado um capítulo de livro intitulado *A temática da Obesidade em aulas de Educação Física: estudo realizado*

nas escolas da SEE de Maceió - AL, na Revista Eletrônica de Educação de Alagoas – REDUC, em 2013 (Chalita; Garcia, 2013).

Também foram publicados seis artigos em revistas especializadas, além de 11 apresentações orais em congressos de Educação e Educação Física. Esses produtos — tese, livro, capítulo de livro, artigos e apresentações orais — sempre tiveram como objetivo difundir o conhecimento sobre uma temática que considero essencial para ser trabalhada e discutida com alunos da educação básica. A obesidade traz consequências prejudiciais para a saúde, e, ao adquirir conhecimentos sobre prevenção e adotar atitudes positivas, as pessoas podem ter uma vida melhor. Sendo a escola um espaço de construção de conhecimento e formação de cidadãos, acredito que seja de grande importância trabalhar esse tema na educação básica.

Momento Histórico

A Universidade Federal de Alagoas, em especial o Curso de Educação Física, sempre teve um significado especial para mim, desde o momento em que comecei a estudar Educação Física em 1996. Tive um professor chamado Silvio Gusmão de Holanda, que não foi apenas meu professor na graduação, na Universidade Tiradentes em Sergipe, mas também se tornou um grande amigo. Através de seus relatos sobre o tempo em que ele estudou e depois se tornou professor no curso de Educação Física da Ufal, ele criou em minha mente um cenário imaginário do ambiente de trabalho na Universidade Federal de Alagoas.

Ao me formar em Sergipe, iniciei uma pós-graduação em Alagoas e comecei a ter contato com professores da Ufal, o que me permitiu fazer uma relação com as histórias que Silvio me contava. Desde o Tenente Madalena, com seu cuidado e zelo com o espaço e a disciplina com os alunos, até as confraternizações que eram feitas na

piscina da Ufal, todos esses relatos me chamavam a atenção sobre o meio social da universidade.

Por destino, ou coincidência, ao fazer o concurso da Ufal em 2008, recebi as disciplinas de Judô e Atletismo para lecionar, áreas em que o professor Silvio também havia trabalhado. Foi um grande orgulho para eu trabalhar nesse ambiente sobre o qual já tinha ouvido tanto, especialmente nas disciplinas que meu professor também lecionava. Também são marcantes para mim as lutas travadas pelo curso de Educação Física na Ufal em algumas causas. Estive presente nas reuniões sobre a transformação do curso em unidade acadêmica, desvinculando-se do Centro de Educação em busca de autonomia, o que resultou na criação do Instituto de Educação Física e Esporte – Iefe.

A reforma do complexo esportivo da Ufal foi outro momento significativo, embora tenha gerado dificuldades no trabalho, já que ficamos mais de dois anos sem espaços adequados para as atividades. Contudo, a inauguração do complexo foi positiva para o curso e para a universidade, ampliando os espaços e as possibilidades de trabalho. Em 2008, o curso contava com apenas quatro salas de aula, e as aulas precisavam ser ministradas em outros ambientes da universidade. Com o tempo, foram construídas mais quatro salas de aula, e recentemente, tivemos a criação de programas de mestrado e pós-graduação. Percebo que diversos momentos históricos marcaram meu trabalho na Ufal, e alguns deles estão brevemente relatados aqui.

Legado durante meus 16 anos no Curso de Educação Física da Ufal – Iefe

Acredito que o trabalho de qualquer professor deve ser orientado pela busca constante pela melhoria da sociedade. O que temos em mãos é a construção do conhecimento com nossos alunos, e, jun-

tos, devemos buscar soluções e alternativas para os problemas sociais que nos cercam. A Educação Física, enquanto campo de conhecimento, tem um papel fundamental nesse processo, pois pode intervir, de maneira eficaz, em conjunto com outras áreas de saber, visando promover o bem-estar coletivo e social.

Futuro

Para o futuro é sempre difícil falar, são somente projeções, porém, é importante se fazer hoje para dar continuidade para as próximas gerações; manter um curso bem estruturado, com incentivo da gestão universitária na formação e capacitação dos professores, para que a qualidade do ensino, pesquisa e extensão se façam de qualidade.

Mensagem aos discentes

Aos discentes, em primeiro lugar, sempre parabenizar pela escolha da profissão. Ser professor é uma missão; educar, formar cidadãos, é uma profissão que gera desafios, não sendo bem valorizada no aspecto financeiro, comparada a diversas outras profissões.

E em especial aos professores de Educação Física, que têm múltiplas possibilidades corporais para contribuir na formação do indivíduo, que de alguma forma façam o que realmente devem fazer, com compromisso e seriedade na sua profissão, pois assim poderão conquistar os objetivos a que a profissão se propõe, além dos objetivos pessoais de cada um.

Pontos de interseção pessoal e profissional

Ser um professor de Educação Física é de alguma maneira prazeroso, trabalhar com movimento e cultura. De alguma forma, a

cultura esportiva influencia a opção de escolher uma profissão dessa, e no meu caso, desde cedo estive ligado às práticas esportivas, que, de alguma maneira, influenciaram a escolha da profissão.

Antes de ser professor, estive ligado ao esporte competitivo na infância e adolescência. Tênis de Campo, Natação e Judô foram os mais praticados. Esportes individuais, nos quais a responsabilidade é única e exclusiva de um indivíduo, de alguma forma me ensinaram a não depender de ninguém para atingir os meus objetivos. Ter disciplina no esporte é importante, pois com constância e dedicação podemos conquistar o que se deseja.

E desta maneira, o esporte foi me ensinando valores necessários na vida de modo geral e na vida profissional também: ser leal, verdadeiro, estar limpo conscientemente das suas ações e pensamentos, para, desta forma, estar bem para trabalhar e praticar o esporte. São valores que se confundem nas práticas esportivas, profissionais e, principalmente, na vida.

Mensagem dos docentes ativos aos docentes que passaram ou Mensagem dos docentes aposentados aos docentes ativos

Estar a trabalhar e fazer parte de um grupo restrito de professores da Universidade Federal de Alagoas – Ufal, no Instituto de Educação Física e Esporte – Iefe, é motivo de orgulho para mim. Porém, isso só foi possível graças ao trabalho realizado por todos os professores que já passaram pela universidade e pelo curso, desde a década de 70, com a fundação do curso até os dias de hoje.

O trabalho diário de professores para manter o curso funcionando, com dedicação e qualidade, buscando sempre a melhoria e formando novos professores para o mercado de trabalho, é o que tem garantido a continuidade do nosso curso. Neste sentido, a minha profunda gratidão a todos os professores que atuaram no curso de

Educação Física da Ufal. Se não fosse por eles, o destino poderia ser outro, e felizmente, pelo belo trabalho feito, o curso se manteve até hoje. É nosso dever dar continuidade a esse trabalho, com dedicação, zelo e amor, para que as novas gerações de professores possam ter a mesma oportunidade de trabalho que os docentes ativos tiveram.

Referências

CHALITA, M. A.; GARCIA, R. P. A temática da Obesidade em aulas de Educação Física: estudo realizado nas escolas da SEE de Maceió - AL. **Revista Eletrônica de Educação de Alagoas - REDUC**, v. 01, p. 09-19, 2013.

CHALITA, M. A. **A resposta da escola na prevenção da obesidade no Estado de Alagoas**: Estudo centrado em escolas do ensino médio da cidade de Maceió. Tese de Doutorado. Universidade do Porto (Portugal), 2013.

CHALITA, M. A. **Educação Física, obesidade e saúde**: das possibilidades à concepção dos professores e alunos das escolas públicas da cidade de Maceió - Alagoas. 1. ed. Maceió - Alagoas: Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2019.

HOLMES, O. W. Sr. **The Autocrat of the Breakfast-Table**. Boston: Phillips, Sampson and Company, 1858. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTQw/>. Acesso em: 3 mar. 2025.

10

CHRYSTIANE VASCONCELOS ANDRADE TOSCANO

16 ANOS DE UFAL

Chrystiane Vasconcelos Andrade Toscano

Indico a canção “Maria Maria”, de Milton Nascimento (1978), para leitura do capítulo, porque acredito que nestes 16 anos de travessia até o jubileu de ouro do Curso de Educação Física (EF) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), parafraseando Milton, “[...] precisei ter força, raça, gana sempre. Os sonhos são muitos porque tive a “estranha mania de ter fé na vida”.

A obra de arte que escolhi para comemoração dos 50 anos da EF da Ufal foi: “Jogos Infantis”, de Pieter Bruegel (1560), exposta no Kunsthistorisches Museum, em Viena, Áustria. A escolha deve-se ao contexto dos jogos e brincadeiras das crianças de ontem e uma necessária e importante reflexão acerca do movimento como expressão natural humana. Convido a todos e todas a apanhar a brisa da obra.

Figura 1 – “Jogos Infantis”, de Pieter Bruegel.



Fonte: Google Imagens.

[...] Não é o crítico que importa; nem aquele que aponta onde foi que o homem tropeçou ou como o autor das façanhas poderia ter feito melhor. O crédito pertence ao homem que está por inteiro na arena da vida [...] (Brown, 2016, p. 9).

Biografia

Ao iniciar a escrita da minha biografia, sentada em frente à tela do computador, percebi que o caminho estava impregnado de representações sociais produzidas ao longo de uma vida pessoal e profissional. Diante de tal constatação, decidi arriscar utilizando como fonte de inspiração os estudos da psicologia social. Moscovici (2003, p. 8), em síntese, esclarece que “as representações [...] servem

como principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros”.

Primeiras ligações / inspirações

Nasci em 1976 na cidade de Aracaju – Sergipe. Minha mãe, dona de casa, em toda sua trajetória materna, me fez entender, a partir das suas representações, que estudar deveria ser para o homem sua única opção de felicidade, “enquanto conceito indeterminado que, embora todo mundo queira alcançar, nunca se consegue dizer de forma definitiva e coerente o que é que realmente deseja e quer” (Kant, 1981, p. 305).

Parafraseando Rubem Alves (1998), minha mãe representou a escola como um álbum de minis sonatas. Cada momento vivido no cotidiano da escola, por efêmero que seja, é uma experiência completa que está destinada à eternidade. Meu pai, motorista profissional de ônibus, nunca representou a escola como espaço de felicidade. Antagonicamente, para ele a escola era um lugar para poucos. O antagonismo de representações entre meus pais, comunicados por gestos e palavras durante minha infância e adolescência, produziu em mim inspiração para uma necessária busca pelo conhecimento sistematizado.

Ebulição profissional e a travessia até o Jubileu de Ouro da Educação Física/Ufal

Falo de uma ebulição profissional não apenas para definir o processo de travessia como uma “rápida transição” de uma fase da minha atuação profissional para outra fase. A ebulição que me refiro exige do leitor o entendimento de que o líquido (eu) precisou ser aquecido, no exercício inicial profissional no chão da educação básica

(2002-2009) e do ensino superior (2001-2009), para então chegar ao ponto de ebulição. A pressão de vapor do líquido (ebulição) foi dissipada pela atmosfera do campus A. C. Simões através da Portaria nº 182, de 13 de fevereiro de 2009, publicada no DOU de 18 de fevereiro de 2009 no cargo de professora assistente da Ufal. Escrever uma narrativa da minha experiência no curso temporal das comemorações do jubileu de ouro do Curso de EF da Ufal me permite agradecer a essa instituição por me fazer acreditar que “se pode realizar mais do que se é capaz” (Elster, 1999).

O período de 2001-2006, após aprovação em concursos públicos na condição de professora substituta da Universidade Federal de Sergipe (UFS), pude iniciar minha trajetória em Instituição de Ensino Superior (IES) pública. A experiência de ensino, no âmbito do Curso de EF, foi essencial para realizar as primeiras aproximações a problemáticas reais experimentadas no âmbito da educação básica na cidade de Aracaju. Concomitantemente à UFS, também através de concurso didático, passei a integrar o quadro de professores da Universidade Tiradentes (UNIT) no período de 2002-2009. A experiência na UNIT exigia de mim uma aproximação a outras licenciaturas, além de um perfil administrativo. Foram sete anos enquanto docente das licenciaturas em Ciências Biológicas, Matemática, Física e Educação Física. Além da experiência enquanto coordenadora de Cursos de Pós-Graduação lato sensu.

O período experimentado enquanto docente da UFS e da UNIT foi acompanhado pelo chão da educação básica, graças à minha atuação enquanto professora efetiva da rede pública, municipal e estadual, da cidade de Aracaju, estado de Sergipe.

O conjunto das experiências produziu “a coragem de pensar por mim mesma” (Kant, 1981). Experimentar nos meus primeiros anos profissionais a vulnerabilidade, levou-me a concordar com

Brown (2016, p. 35) quando diz que “[...] a única escolha que temos é como reagir quando somos confrontados com a incerteza, o risco e a exposição emocional”. Neste contexto, chegar ao cargo de professora efetiva de uma IES pública brasileira, a Ufal, era para mim a única forma segura de reagir ao campo profissional.

Contribuição à sociedade de maior orgulho ao longo dos 50 anos

A seção exige recortes de uma trajetória de dezesseis anos de docência, no Curso de Educação Física – Licenciatura e Bacharelado, no Campus A. C. Simões, na cidade de Maceió. Os recortes, definidos nesta narrativa textual, respondem unicamente àquilo que concebo enquanto realidade. Neste sentido, aquilo que defino como contribuição das minhas ações de ensino, extensão e pesquisa reflete as ligações que realizei com todas as pessoas ao longo do processo histórico.

Momento Histórico

Qualificação docente no Curso de EF / Centro de Educação Física (CEDU)

Em 2009, quando ingressei no Curso de Educação Física da Ufal, percebi que havia um movimento natural entre os docentes voltado para a pós-graduação e doutoramento. Alguns docentes recém-chegados das universidades portuguesas e outros iniciando seu doutorado em universidades brasileiras estavam presentes nesse contexto.

A efervescência do momento era contagiante e exigia de todos os recém-chegados uma postura de coragem e arrojada disposição

para a produção de ações com impacto social. A história construída pelos mais experientes demonstrava uma responsabilidade com as demandas sociais locais, nacionais e internacionais, no âmbito dos cursos de formação inicial e continuada, tanto na licenciatura quanto no bacharelado.

- Experiências de ensino, extensão e a travessia ao doutoramento (2009-2013).

ENSINO

As ações de ensino apresentadas nesta narrativa pertencem às minhas memórias da realidade da sala de aula, enquanto espaço de oportunidade para a construção de ligações entre as pessoas. De acordo com Aristóteles, “a realidade é construída por coisas particulares que possuem uma unidade de forma e matéria. A forma é a qualidade da coisa. A matéria é o que a compõe” (Andrade, 2021, p. 25).

É desafiador tornar os conteúdos das disciplinas curriculares elementos fundamentais da formação do licenciando e do bacharel em Educação Física. Neste sentido, os afetos, demonstrar o cuidado com os educandos (Freire, 1996, p. 159), foram para mim uma importante estratégia. Porém, não romantizo a ação. A diversidade humana me permite, nas minhas diferentes interações com os outros, produzir comportamentos afetuosos distintos, respeitando minha responsabilidade ética e estética para com minha função social docente.

Tenho orgulho de chegar à escola de educação básica e aos diferentes nichos do bacharelado e constatar que a rigorosidade metodológica do planejamento, a tomada consciente de decisões e a consciência do inacabamento são sentidos pelos acadêmicos que ex-

perimentam a teoria no chão vivo e dinâmico dos seus futuros campi de intervenções profissionais.

Tenho orgulho de ver o processo metamórfico dos acadêmicos provocado pela universidade. Ouso dizer que o estabelecimento da conexão entre teoria e prática assume um papel importante para o entendimento de que “um único número possui um valor mais genuíno e duradouro do que uma rica biblioteca repleta de hipóteses” (Mayer, 1844). Por mais breves que tenham sido os encontros entre os acadêmicos e os diferentes sujeitos no âmbito do campo de intervenção profissional, as experiências, creio eu, ecoarão pela eternidade.

EXTENSÃO

O regime de dedicação exclusiva e a autonomia no processo de elaboração do Plano de Atividades possibilitaram-me uma importante articulação entre minhas ações de ensino e extensão.

Neste contexto, as interlocuções no campo das ações na educação básica (licenciatura) e na saúde mental (bacharelado) permitiram-me identificar importantes demandas sociais relacionadas à atuação profissional, ou à falta de atuação profissional, do professor de Educação Física: (1) No âmbito da educação infantil, ofertada nas instituições públicas da cidade de Maceió-Alagoas, a ausência dos professores de Educação Física deflagrava um necessário e caloroso debate acerca da situação; e (2) no âmbito dos Centros Psicossociais, área da saúde mental, profissionais da Educação Física demandavam qualificação no contexto da intervenção em Atividade Física.

O que fazer diante de tais constatações? Inicialmente, reconhecer todo o movimento anterior realizado pelo experiente coletivo de docentes do Curso de Educação Física para resolução das problemáticas 1 e 2. No segundo momento, arregaçar as mangas e contribuir com o processo. Nesta direção, a elaboração do projeto

de extensão intitulado “Crescimento e Padrão de Atividade Física Infantil em Maceió”, que teve como objetivo caracterizar o perfil de crescimento e o padrão de atividade física de crianças em idade pré-escolar da cidade de Maceió-Alagoas, parecia-me uma importante iniciativa.

As ações extensionistas do projeto foram realizadas no período de março a dezembro de 2010. Participaram da ação dez escolas de educação infantil e 232 crianças em idade pré-escolar. Estiveram engajados 70 licenciandos em Educação Física. Os resultados geraram: (1) a caracterização do perfil de crescimento e do padrão de atividade física dos participantes; (2) roda de conversa para apresentar os resultados da caracterização ao coletivo da escola e aos familiares; e (3) um relatório técnico de caracterização e recomendações sobre a importância da alfabetização motora e da atuação profissional do professor de Educação Física no campo da educação infantil.

O que ficou nas minhas memórias como destaque foi, sem dúvida, a grata oportunidade de experimentar, junto aos licenciandos, que é preciso “ter força, raça e gana sempre” (Milton Nascimento). A “estranha mania de ter fé na vida” (Milton Nascimento) gerou um relatório técnico, apresentado e entregue presencialmente em 2011 à Coordenadoria de Educação Infantil na sede da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Maceió.

No campo da saúde mental, acadêmicos do bacharelado em Educação Física realizaram visitas aos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) para caracterizar o público atendido e o tipo de atendimento especializado ofertado pelos professores de Educação Física. Os resultados permitiram identificar que a população assistida pelos CAPS da cidade de Maceió-Alagoas era majoritariamente composta por crianças, adolescentes e adultos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), representando 70% da população total atendida. Foram

identificados três (3) professores de Educação Física, e as propostas de intervenção foram definidas a partir de atividades recreativas, rodas de conversa, atividades motoras e ginástica. Todos os envolvidos foram categóricos quanto à necessidade de formação específica no âmbito da Atividade Física e Saúde Mental.

Diante das constatações, a extensão parecia uma via segura e necessária para os serviços de saúde mental. Em novembro de 2009, foi realizada uma parceria entre a Secretaria Municipal de Saúde / Coordenadoria de Saúde Mental e a Ufal. O objetivo foi ampliar a oferta de serviços de atendimento especializado, no âmbito das atividades motoras, para a população com TEA, além de promover a formação dos professores de Educação Física que atuavam nesses serviços especializados.

O projeto intitulado “Treinamento de Habilidades Motoras Dirigidas a Pessoas com Autismo” foi cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). O desenvolvimento do projeto ocorreu na quadra coberta do Curso de Educação Física/Ufal, duas vezes por semana. Foram atendidos, no período de 2009 a 2013, 70 pessoas com TEA (30 crianças, 18 adolescentes e 22 adultos). O projeto contou com a participação de 22 acadêmicos voluntários dos Cursos de Educação Física, licenciatura e bacharelado, além de cinco (5) profissionais da equipe multiprofissional dos CAPS (uma psicóloga, uma assistente social e três professores de Educação Física).

Foram três anos de intensa dedicação, representados por narrativas orais de familiares, quatro (4) Trabalhos de Conclusão de Curso publicados em revistas indexadas na área da Atividade Física, três (3) seminários para o público da Ufal e externo, onze (11) trabalhos publicados em eventos acadêmicos de circulação nacional e internacional, cinco (5) artigos completos publicados em periódicos e um (1) capítulo de livro.

Toda a produção e a experiência com os acadêmicos, os participantes com TEA e seus familiares exigiram, do ponto de vista teórico-metodológico, o retorno à qualificação e à necessária produção de novos olhares relacionados à intervenção dirigida a pessoas com TEA. O momento de travessia se concretizou graças às relações estabelecidas entre a Ufal e a Universidade de Coimbra (UC) – Portugal. A felicidade enquanto oportunidade de “pensar por mim mesma” foi experimentada mais uma vez a partir das oportunidades oferecidas pela Ufal, agora em terras lusitanas, no processo doutoral.

PESQUISA na formação doutoral (2013-2017)

“A ciência é uma tentativa de fazer com que a diversidade caótica da nossa experiência sensível corresponda a um sistema lógico e uniforme de pensamentos” (Einstein, 1980, p. 124). O recorte realizado expressa exatamente minhas escolhas no curso do processo de doutoramento. Meu orientador, o prof. Dr. Pedro Ferreira e eu, desde o projeto à tese, realizamos uma meticulosa seleção por produtos que pudessem responder as minhas experiências sensíveis, produzidas nas ações de ensino e extensão, na direção da construção de produtos mais robustos teórico e práticos na tentativa de construção de uma forma genuinamente importante de intervir no mundo.

Nas comemorações do jubileu de ouro do Curso de EF da Ufal, posso dizer que o contributo social produzido a partir da pesquisa, relaciona-se a:

- Elaboração do Estudo Protocolo em Exercício Físico (PEFaut) dirigido a pessoas com TEA.

A produção foi apresentada a partir de um modelo de intervenção com exercícios de força, coordenação e equilíbrio dirigido a pessoas com TEA. Considerando as evidências relacionadas à im-

portância do exercício físico para o perfil de sintomas e condições concomitantes ao TEA.

O impacto do programa de exercícios foi avaliado com base em uma sequência de cinco fases. A Fase I inclui os procedimentos para adaptação de protocolos padrões para avaliação da atividade física, antropometria, função aeróbia e força de preensão manual. A Fase II incluiu um estudo piloto para o refinamento procedimental, avaliação da entrada e aceitabilidade do programa.

A Fase III incluiu o estudo transversal que avaliou o perfil sintomatológico, perfil metabólico, aptidão física e níveis de atividade física, status socioeconômico e qualidade de vida relacionada à saúde dos participantes. A fase IV consistiu em uma intervenção de 48 semanas com exercício e a fase V incluiu entrevistas com pais/representantes legais sobre suas percepções dos efeitos de PEFaut sobre a saúde e comportamento de seus filhos.

Os resultados primários foram alterações no perfil dos sintomas e no nível de atividade física das crianças com TEA. Os desfechos secundários foram perfis antropométricos e metabólicos, função aeróbia, força de preensão manual, status socioeconômico e qualidade de vida relacionada à saúde. O estudo forneceu informações críticas sobre a eficácia do exercício para crianças com TEA e ajudou a orientar a concepção dos procedimentos adaptativos para intervenção com exercício.

- (2) Aplicação do PEFaut: Estudo de intervenção.

O estudo de intervenção do PEFaut foi realizado na cidade de Maceió-AL no período de 2013-2017. Foram examinados os efeitos de uma intervenção de 48 semanas, baseada em exercícios de força, equilíbrio e coordenação sobre o perfil metabólico, traços autísticos e qualidade de vida percebida em crianças com TEA. Foi considerada para análise uma amostra de sessenta e quatro (74) crianças com

TEA de 6 a 12 anos, alocadas aleatoriamente em grupos experimental (n = 46) e controle (n = 18).

O grupo experimental mostrou efeitos positivos da intervenção sobre os indicadores metabólicos (HDL-C, LDL-C e colesterol total), traços autísticos e qualidade de vida percebida pelos pais das crianças com TEA. Os resultados forneceram suporte para a inclusão da intervenção baseada no exercício como importante abordagem complementar terapêutica para crianças com TEA.

Ambos os estudos possibilitaram um conjunto de importantes travessias no curso da produção do conhecimento. A rigorosidade metódica exigida na produção da pesquisa, as oportunidades geradas pela divulgação acadêmica, os encontros científicos para publicização do conhecimento, permitiram-me perceber que o terreno luso da UC era fértil e capaz de produzir em mim uma nova ebulição.

Finalizado o doutoramento, era hora de voltar ao chão da Ufal, a consciência do inacabamento e a convicção da minha responsabilidade social me acompanharam neste novo capítulo da minha trajetória profissional. A bagagem no regresso ao terreno brasileiro, agora em excesso, guardava uma alegria e esperança apreendida no cotidiano da experiência doutoral nas minhas interações singulares e plurais.

Pesquisa enquanto possibilidade de intervir no mundo sensível (2017-2025)

O coletivo que constitui o Curso de EF/CEDU sempre apresentou como característica a produção de uma efervescência cotidiana viva e dinâmica. Aqueles que se afastaram, para qualificação docente, construíram novas oportunidades de rotas necessárias às demandas sociais da Ufal. O desejo daqueles que ficaram no chão do Curso de EF produziu, em 2017, a transformação do Curso de EF/CEDU em

Instituto de Educação Física e Esporte (Iefe). A transformação foi gerada graças ao desejo de uma combinação estabelecida coletivamente a partir da definição de metas, flexibilidade na condução de rotas alternativas e convicção de que a mudança é possível.

Com toda responsabilidade produzida agora na condição de docente do Iefe, a determinação impulsionada pelos meus pares para com o projeto coletivo, inspirou-me a viver com ousadia permitida apenas nas IES públicas brasileiras. Qual contributo registrar dentro da minha particular realidade:

- ▶ (a) Ampliação em 60% do atendimento especializado, a partir da aplicação do modelo PEFaut, a crianças com TEA do entorno da Ufal, assistidas em escolas públicas nas instalações do Complexo Esportivo do Iefe;
- ▶ (b) Participação, na função de orientadora do subprojeto Educação Física no Programa Residência Pedagógica (PRP) nas edições 2018-2020; 2020-2022 e 2022-2024. O objetivo do Programa foi possibilitar aos licenciandos o aprimoramento da sua formação inicial, a partir da sua participação nas escolas de educação básica, no contexto da regência de sala de aula e intervenção pedagógica (Brasil, 2018). Ao longo do período das três edições do PRP, foram envolvidos no processo formativo: oito (8) preceptores, professores de EF de quatro escolas campos da educação básica da rede municipal e estadual da cidade de Maceió-AL; quase mil estudantes da educação básica; sessenta e cinco (65) licenciandos-residentes acadêmicos do Curso de EF; um (1) professor convidado e três (3) professores orientadores vinculados ao Iefe. A experiência no PRP possibilitou ao coletivo o estabelecimento de conexões com docentes de diferentes licenciaturas dos

campi da Ufal e ampliação formativa a partir da participação em mais de uma centena de reuniões do PRP, seis seminários e três eventos científicos. Os produtos gerados nesta experiência foram sessenta e cinco (65) relatos de experiência, vinte e seis (26) Trabalhos de Conclusão de Curso, cinco (5) capítulos de livro e três (3) artigos de revista acadêmica. O conjunto dos produtos, fruto de um trabalho coletivo, produziu muito orgulho pelas ligações afetuosas, éticas e estéticas estabelecidas generosamente entre todos os envolvidos.

- (c) Realização da parceria com o Colégio de Aplicação Telma Vitória (CAPTV) da Ufal para acompanhamento do perfil de funcionalidade das crianças matriculadas na unidade no período de 2022-2024. O projeto de pesquisa intitulado “Análise da funcionalidade e saúde de crianças com e sem transtornos do neurodesenvolvimento” teve como objetivo analisar e comparar a situação de funcionalidade e saúde de crianças com interferências do neurodesenvolvimento e entre seus pares com desenvolvimento típico. Foram envolvidos no processo de pesquisa: três (3) alunos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), doze (23) licenciandos voluntários, seis (6) profissionais de apoio especializado, oito (8) professores do CAPTV e vinte (20) crianças com TEA e seus respectivos familiares assistidos pelo CAPTV. Os produtos gerados nesta experiência foram: três (3) relatórios de pesquisa PIBIC, oito (8) Trabalhos de Conclusão de Curso e oito (8) participações em eventos acadêmicos. Quantas aprendizagens produzidas a partir das ligações de uns com os outros. Muitos afetos compar-

tilhados e uma grata confirmação da importante função social da universidade pública.

- (d) Atuação nas ações emergenciais da Ufal, no período da pandemia COVID-19, com o serviço “Teleatendimento a pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)” (2020-2022). Os objetivos do projeto foram: a) apresentar o modelo de intervenção com exercício físico a partir do teleatendimento para pessoas com TEA assistidas pelo CUIDA; b) instrumentalizar familiares para aplicar exercícios de força, coordenação e equilíbrio, preferencialmente de intensidade leve a moderada, com sessões de tempo mínimo de 15 minutos, totalizando 60 minutos semanais e duração total de 90 semanas; e c) acompanhar pessoas com TEA por meio de chamadas telefônicas, para famílias em desvantagens econômicas severas, ou smartphones (de vídeos chamadas ou contato via WhatsApp). Foram envolvidos: três (3) acadêmicos do Curso de EF com bolsas da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT/Ufal) e sessenta e dois (62) pessoas com TEA assistidas pelo Serviço de Educação Física (SEF) do CUIDA e seus respectivos familiares. Os produtos gerados nesta experiência foram: um (1) relatório de extensão, (1) artigo científico publicado em revista indexada e um produto modelo de teleatendimento em Exercício Físico dirigidos a orientação familiares de pessoas com TEA. O que ficou desta ação, um sentimento de dever cumprido em um momento em que a humanidade precisou se reinventar de forma célere e impactante.

- (e) Realização da oferta de Curso de Aperfeiçoamento, via Rede Nacional de Formação Continuada para Professores (RENAFOR) / Ministério da Educação (MEC), a professores da Educação Básica pública em três edições 2022/2023/2024. O objetivo da ação foi oferecer formação continuada, a nível de aperfeiçoamento na modalidade à distância, para instrumentalizar professores e gestores/as, na área do desenho universal para promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos e diversidade no contexto da cultura da inclusão. O Curso atendeu 1350 professores da educação básica das cinco regiões brasileiras e a equipe das três edições contou com a participação de quase uma centena de pessoas distribuídas nas equipes de coordenação, tutoria, professores, tecnologia e acessibilidade. Os produtos gerados foram: dois (2) e-books da primeira e segunda edições, três (3) documentários, um para cada edição, apresentados a partir das narrativas dos participantes das equipes e cursistas acerca da experiência no curso de aperfeiçoamento. É muito entusiasmante ver o registro da importância do alcance da Ufal em todo território brasileiro, assim como, a constatação de que o processo formativo no modelo de Educação à Distância captura as necessidades e possibilidades do chão real da escola pública. Acerca do legado deixado neste processo formativo promovido pela RENAFIR/Ufal, darei destaque às relações estabelecidas entre professores, gestores e o coletivo do Curso nos momentos de interações ao vivo criados pelos Cursos via canal de formação *YouTube*, os saberes e fazeres partilhados e ressignificados por professores/as gestores/as que acreditam que educação é uma

forma de intervir no mundo de todas as pessoas pela sua singular condição humana. Junto a essa oportunidade de formação continuada, ingressar no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional do Iefe/Ufal, em 2024, foi uma grande oportunidade de contribuir com mais um dos capítulos constituídos no curso do jubileu de ouro do Curso de Educação Física. O que esperar do futuro: a prática dará às palavras o significado (Wittgenstein, 1850) do arrojado contributo formativo oportunizado, a partir do Mestrado em Rede ofertado no curso do jubileu de ouro.

- ▶ (f) Coordenação da equipe técnica de elaboração do “Guia Nacional de Atividade Física para pessoas com TEA” a partir de uma relação de projeto de cooperação entre a Secretaria Nacional de Paradesporto (SNPAR) / Ministério de Esporte (2024/2025). O objetivo do trabalho técnico foi elaborar produto técnico Guia de Atividade Física para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (Guia de AF-TEA). O Guia destina-se a orientar profissionais de EF a avaliar, planejar e supervisionar programas de atividade física para pessoas com TEA, explorando com especial ênfase os exercícios físicos e a promoção da prática esportiva. Trata-se de um documento que foi construído considerando as mais recentes evidências científicas sobre o tema, além da escuta a profissionais com reconhecida experiência na área.
- ▶ A equipe técnica foi constituída por oito (8) professores doutores de universidades brasileiras e portuguesa com expertise no tema e na população com TEA e duas (2)

pessoas para secretariar as ações da SNPAR/Ufal. A versão preliminar do documento tenta abranger desde elementos conceituais básicos até instrumentos específicos de apoio à intervenção, os quais poderão concorrer para a oferta de um atendimento mais eficiente e efetivo. Ainda em processo de consulta pública da versão preliminar, após validação dos contributos da consulta, será realizada a versão final e a publicização.

- Espera-se que no futuro próximo, a SNPAR em ação de colaboração com a Ufal possa mais uma vez oferecer uma entrega qualificada à população brasileira. Parafraseando Brown (2016), não vamos correr o risco de deixar a alegria deste contributo do Guia de AF-TEA passar despercebido mantendo-se ocupado demais perseguindo uma versão extraordinária. A coragem da imperfeição esteve reunida nos bastidores no jubileu de ouro quando o coletivo técnico fez a escolha com o compromisso social da Universidade pública com as demandas sociais.

Gratidão a todas as pessoas: a travessia só foi possível graças as ligações de uns com os outros (...)

A todas aquelas pessoas que participaram do jubileu de ouro do Curso de EF da Ufal no período anterior ao meu ingresso (2009), parafraseando Henry Thoreau (1854), saibam que todos vocês receberam a tarefa de construir a formação em Educação Física e fizeram isso com atenção singular aos seus detalhes plurais, de tal forma que tornou nosso Curso digno de contemplação. Tamanha foi a determinação dos homens e mulheres corajosos/as.

A todos que me oportunizaram experimentar os meus dezesseis anos no Curso de EF da Ufal e fazer parte do jubileu de ouro, parafraseando Young (1745), vocês me ensinaram a fazer melhor do que as circunstâncias permitiam agir.

E para finalizar neste importante registro, produzido a partir das verdades de cada pessoa que ficará eternizada na história do jubileu de ouro do Curso de EF /Ufal, permita-me justificar: “Não me inspiro nas citações; valho-me delas para corroborar o que digo e o que sei tão bem expressar, ou por insuficiência da língua ou por fraqueza do intelecto” (Montaigne, 1592, p. 15).

Referências

- ALVES, R. **Concerto para corpo e alma**. Campinas: S.P.: Papyrus, 1998)
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso 29 Nov, 2018.
- BROWN, B. **A coragem de ser imperfeito**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- EINSTEIN, A (1950): **citado em Oxford Dictionary of scientific quotations**. Ed. W. F. Bynum and Roy Porter. Oxford, 2005.
- ELSTER, Jon. **Alchemies of the Mind: Rationality and the Emotions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, (1996).

Kant, I. **Grounding for the metaphysics of moral**. Trad. James W. Ellington. Indianápolis: Hackett, p. 27. Edição em português. Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos, Martin Claret, 1981.

MAYER, J. R (1844). In: **Braga, J. P.; Físico-química: Aspectos Moleculares e Fenomenológicos**, Ed. UFV: Viçosa, 2002.

MONTAIGNE (1592): **“Dos livros”**. In ensaios. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo, 1972.

MOSCOVICI, S. **Psicologia social: representações sociais**. 4ª ed. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2003.

THOREAU, Henry (1854). Walder. Ed. Michael Meyer. Harmondsworth, 1983.

Wittgenstein (1850): **conferência sobre ética**. Trad. Fina Birulés. Barcelona, 1989.

YOUNG, E (1745). **The complaint or night thoughts**. In Works. Vol. 2. Londres, 1802.

11

GUSTAVO GOMES DE ARAUJO

14 ANOS DE UFAL

Gustavo Gomes de Araujo

Indico a canção “Força Estranha”, de “Caetano Veloso” e interpretação de “Gal Costa”, para leitura do capítulo porque interconecta minhas 3 gerações (avós, pais e filhos) que se esforçam para cantar.

A obra de arte que escolhi para comemoração dos 50 anos da Educação Física da Ufal é “A Janela”, de Bento Alves Gomes de Araujo, porque mostra que é possível olhar através de qualquer janela a beleza, alegria e inspiração para a vida.

Figura 1 - “A janela”, de Bento Alves Gomes de Araujo (meu filho).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

É melhor aquele que reconhece estar na posse de uma árvore e te dá graças por sua utilidade, embora ignore quantos côvados tem de altura e de largura, que o que mede, e conta todos os seus ramos, mas não possui, nem conhece, nem ama a seu Criador – (Santo Agostinho, Confissões, p. 38).

Biografia

Nascido em Rio Claro, SP, com orgulho, principalmente por quatro qualidades: 1) a segunda cidade brasileira e a primeira do estado de São Paulo a receber energia elétrica; meu pai foi servidor da Companhia Energética de São Paulo (CESP); 2) foi a capital do basquetebol nas décadas de 80 e 90, modalidade que despertou minha paixão pelo esporte e influenciou minha decisão de cursar Educação Física. A vivência esportiva foi essencial para minha formação social e motora, proporcionando experiências valiosas durante a escolinha até a categoria juvenil. Conquistei um campeonato juvenil, um vice-campeonato infanto e dois terceiros lugares estaduais nas categorias mirim e infantil; 3) o *campus* da UNESP Rio Claro, uma das principais universidades do país, foi o local onde iniciei minha trajetória científica e concluí o doutorado; 4) a Floresta Edmundo Navarro de Andrade, maior floresta de eucaliptos do Brasil, abriga, além da exuberância natural, parte da história da madeira, ferrovias e do desenvolvimento tecnológico da época, impressionando e despertando a sensibilidade de qualquer visitante.

Cursei a educação básica em escolas públicas e tive a experiência única de ser aluno de minha mãe na antiga 4ª série, na Escola Estadual Djiliah Camargo de Souza. Em 2001, fui aprovado no Vestibulinho do Centro Paula Souza (ETEC) para cursar eletroeletrônica junto ao ensino médio. Mesmo recebendo ofertas de emprego na área, segui minha vocação pela Educação Física, contrariando o desejo de meu pai. Em 2002, ingressei na Universidade Metodis-

ta de Piracicaba (UNIMEP) e iniciei minha jornada científica na Universidade Estadual Paulista (UNESP) em Rio Claro, na área de Fisiologia do Exercício Aplicada ao Esporte, sob a orientação do Prof. Claudio Alexandre Gobatto. Em 2006, fui aprovado no programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade (Mestrado). Durante a seleção de bolsas, a FAPESP sugeriu a submissão de um pedido para Doutorado Direto, considerando o extenso período de iniciação científica. Em 2010, concluí o doutorado e iniciei minha carreira docente no ensino superior, lecionando nas Faculdades Integradas Einstein de Limeira. Em 2011, fui aprovado e convocado para o cargo de professor na Universidade Federal de Alagoas (Ufal), onde atuo com orgulho até hoje.

Seção livre

Contribuição à sociedade de maior orgulho ao longo dos 50 anos

Apesar da satisfação e alegria de ter desenvolvido um grupo de pesquisa, formado alunos, fundado o LACAE e contribuído para o desenvolvimento da ciência do esporte em Alagoas, a ação de que mais me orgulho diz respeito a dois projetos de extensão: o FCT e Academia & Futebol. O FCT, que significa Fábrica Coletiva de Talentos, foi o primeiro projeto financiado pela Lei de Incentivo ao Esporte na Ufal, com o objetivo de promover a prática do voleibol e atletismo em crianças e adolescentes, visando detectar talentos esportivos, além de desenvolver aspectos cognitivos e sociais que auxiliam na formação integral do cidadão, oferecendo aos alunos uma perspectiva diferente de ação e vivência da juventude.

Desde 2012, esse projeto foi desenvolvido para jovens do entorno da Ufal, alcançando inúmeras conquistas esportivas, incluindo o principal torneio de base do Nordeste, apadrinhado e nomeado por um campeão olímpico, a Taça Maurício Borges. Contudo, o maior impacto tem ocorrido na esfera social. Mais de 110 ex-atletas, provenientes de regiões vulneráveis, cursaram ou estão cursando o ensino superior, uma vez que o projeto, ao longo dos anos, preencheu a vida desses jovens carentes por meio da rotina e disciplina do esporte combinada com a educação, monitorando estreitamente o desempenho escolar e oferecendo reforço.

O sucesso do projeto está diretamente ligado ao esforço e dedicação do Prof. Dr. Higor Spinelli, que iniciou no projeto em 2012 como professor recém-graduado, cursou mestrado e doutorado, e se desenvolveu profissionalmente na Ufal paralelamente às ações no FCT. O Academia & Futebol foi um projeto de extensão iniciado em 2020 com o objetivo de ensinar futebol a mulheres, crianças, jovens e adolescentes com idades entre 6 e 17 anos, visando melhorar aspectos sociais, cognitivos e físicos.

O projeto foi considerado pelo Ministério do Esporte um caso de sucesso, sendo convidado a apresentar seus métodos e resultados em três importantes eventos: o Webinar Nacional Futebol e Mulher (Ministério do Esporte), o Consórcio Nordeste, e o Webinar da Secretaria Especial do Esporte, que discutiu políticas públicas para o futebol feminino no Brasil (Ministério da Cidadania). Mais de 300 mulheres foram atendidas pelo projeto, alcançando também meninas de municípios ribeirinhos, comunidades e tribos indígenas do Baixo São Francisco, por meio da V e VI Expedição Científica.

Momento Histórico

O primeiro momento histórico foi a aprovação no concurso, seguida da nomeação em 2011. A mudança de estado, juntamente com minha esposa (minha eterna gratidão por tudo), as carentes condições de infraestrutura, a falta de recursos para pesquisa e o reduzido número de docentes nos cursos de Educação Física me trouxeram o pertencimento institucional e regional, além de cinco desafios para a carreira: 1º desenvolver e nuclear um grupo de pesquisa; 2º contribuir para o aprimoramento da infraestrutura laboratorial e geral da Educação Física; 3º contribuir para a aprovação de um Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu; 4º oportunizar a vivência esportiva à comunidade vulnerável de crianças e jovens por meio de projetos de extensão; e 5º aumentar a quantidade de vagas para docentes.

A conscientização desses desafios, em junho de 2011, foi fundamental para pavimentar a rota que sigo até os dias de hoje. Essa reflexão inicial vem proporcionando conquistas e reescalando as metas para o futuro.

Legado durante meus 14 anos no lefe

O principal legado desses 14 anos (e dos próximos anos) de Ufal foi compreender e respeitar as necessidades do lugar, valorizando os momentos com os discentes, desenvolvendo a criticidade social e, principalmente, o conhecimento intelectual por meio das aulas e orientação com entusiasmo e atualização. O maior legado está no reconhecimento dos egressos e ex-alunos sobre a importância da relação discente-docente durante o processo de formação.

Algumas metas foram alcançadas: a fundação do Laboratório de Ciências Aplicadas ao Esporte (LACAE – www.lacae.com.br) em 2015 foi essencial para cumprir etapas acadêmico-científicas

cruciais para o desenvolvimento da ciência do esporte. O início de um grupo de estudos, a orientação de projetos PIBIC, o credenciamento no Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Ciência da Saúde, a orientação a nível de mestrado e doutorado, a supervisão de pós-doutorado, parcerias e colaborações e a captação de recursos para pesquisa permitiram nuclear um grupo de pesquisa, atendendo à primeira meta.

Paralelamente ao desenvolvimento do grupo de pesquisa, fui me aprofundando na gestão da pós-graduação, na qual contribui por três anos como vice-coordenador e três anos como coordenador do PPGNUT/Ufal, culminando no final da gestão com aumento do conceito do Programa de 3 para 4. Em 2020-2021, assumi a presidência da comissão do Mestrado *Stricto Sensu* em Educação Física do Estado e coordenei a APCN em Ciências do Movimento. Com a aprovação da Proposta, o Programa Associado de Pós-Graduação em Ciências do Movimento tornou-se o primeiro *Stricto Sensu* no Estado, atendendo à terceira meta.

Sem dúvidas, o maior legado esportivo de Alagoas, quiçá do Nordeste, foi inaugurado em 2019 no Iefe-Ufal. Esse foi um momento histórico pelo volume de recurso aplicado, grandiosidade, qualidade dos equipamentos e evolução no atendimento ao público. O espaço esportivo de 48.000 m², com equipamentos certificados pelas agências de cada modalidade e reforma de outras estruturas, foi fruto do legado Olímpico Rio 2016, direcionado pelo Ministério do Esporte à Ufal, por meio da competência da gestão central simbolizada pela Reitora Ana Deyse, Pró-Reitor Pedro Nelson e Gerente de Esportes Leonea Santiago. Nesse processo, pude contribuir na elaboração de seis projetos esportivos que apoiaram o projeto de infraestrutura e justificaram a relevância do recurso para a Ufal. Com isso, foi possível atender às metas 2 e 4.

Futuro

Atualmente, 17% dos jovens entre 18 e 24 anos cursam o ensino superior em Alagoas. Esse número está abaixo da média nacional (~25%), distante de países como Chile e Colômbia (~30%), sem citar os países de primeiro mundo. Espero que novos campus e cursos de graduação públicos sejam aprovados e que a Educação Física acompanhe esse crescimento e expansão, especialmente no Sertão alagoano.

Sobre o Iefe, a esperança está na valorização educacional por meio do cumprimento dos planos nacionais e no desenvolvimento de políticas públicas eficientes para o ensino superior, que tem resistido e tentado se manter com um valor orçamentário semelhante ao de 17 anos atrás. Espero que o Iefe conquiste mais códigos de vagas para servidores, recursos para manutenção e a correção dos danos estruturais no parque esportivo inaugurado há menos de seis anos.

O Iefe é uma das Unidades com maior atendimento ao público externo, oferecendo dois cursos de graduação, três programas de pós-graduação, o maior território, equipamentos esportivos e pedagógicos de elevada especificidade e complexidade para manutenção, além de uma produção intelectual significativa e captação de recursos. No entanto, vem sofrendo com a carência de recursos financeiros e humanos. Minha maior expectativa está na sensibilização e no reconhecimento municipal, estadual e nacional da importância da infraestrutura esportiva do Iefe, para que se apliquem sinergicamente recursos públicos na manutenção do espaço e no atendimento ao público.

Tenho convicção de que os cursos de graduação e pós-graduação conseguirão o refinamento necessário para melhorar cada vez mais a qualidade do ensino, inserindo profissionais de sucesso

no mercado de trabalho. Aos cursos, uma conquista que gostaria de presenciar seria o aumento dos conceitos na avaliação do MEC e da CAPES dos cursos de graduação e pós-graduação, respectivamente. Para isso, desejo que os docentes, discentes e grupos de pesquisa se consolidem, evoluam cada vez mais, aumentem a qualidade e a massificação da formação no estado.

Espero que, institucionalmente, a Ufal discuta e aprove uma Política Institucional de Esportes.

Mensagem aos discentes

Agradeço por confiarem à Ufal, especialmente ao Iefe, a educação e a formação profissional. Tenham orgulho de fazer parte de uma das instituições mais concorridas, socialmente referenciadas e gratuitas. Aproveitem o processo de formação e respeitem o valor da chancela Ufal.

Com competência, crítica, atualização, disciplina, orgulho e respeito, espero que tenham o compromisso de instruir e transformar vidas, não apenas com o conteúdo específico da área, mas também por meio de hábitos saudáveis e estímulos sociais e humanos.

Pontos de interseção pessoal e profissional

A responsabilidade da profissão vai além dos limites da universidade. Muitas vezes, torna-se difícil distinguir se estamos nos expressando como indivíduos ou como profissionais, pois nossas opiniões e posicionamentos são constantemente considerados, até mesmo em contextos pessoais e intimistas. Nosso discurso e comportamento exigem uma atualização contínua, um embasamento sólido e um pensamento crítico e racional, essenciais para o desafio de transmitir o conhecimento de maneira cuidadosa e impactante.

Dessa forma, os aspectos pessoais e profissionais acabam se entrelaçando de maneira indissociável.

Mensagem dos docentes ativos aos docentes que passaram

Nunca a história e a carreira de um professor receberão uma homenagem ou reconhecimento que seja justo e à altura do merecimento. No evento do Jubileu, em que nos encontramos com várias gerações, foi possível sentir o peso e a importância daqueles que iniciaram e pavimentaram o curso de Educação Física no Estado. Aproveito este momento para agradecer a cada docente, ciente de que as palavras nunca serão suficientes. Vocês desbravaram e entregaram o rumo da Educação Física em Alagoas a nós, docentes atuais, que seguimos o percurso traçado.

Gostaria também de registrar parte do discurso que fiz no evento de Jubileu de Ouro do curso de Educação Física:

“Duas palavras para resumir esse momento: gratidão e privilégio. Gratidão por ter saído de outro estado e me realizado profissionalmente na Ufal, lugar que aprendi a respeitar, defender e me orgulhar. Privilégio por estar na direção da unidade, comemorando os 50 anos do curso de Educação Física, ciente de que qualquer professor poderia estar aqui, mas aconteceu comigo, e me emociono por isso. Agradeço a presença de todos nesse maior, principal e único evento do curso. Este é um evento grandioso, que vai além dos importantes encontros acadêmicos, dos projetos, das publicações e da captação de recursos. Aqui, podemos ver e sentir a linha do tempo e o resultado dessa história, olhando para cada um neste auditório. Gostaria também de agradecer pela garra dos docentes que prepararam o solo, consolidaram o curso, venceram preconceitos, ocuparam espaços e sedimentaram a identidade e cultura da Educação Física no Estado. Agradeço e respeito todos os docentes que fizeram parte dos cursos. Aos docentes que pegaram o bastão, enfrentaram novos desafios e continuam com brilhantismo o de-

envolvimento da área. Hoje, somados os esforços, temos o orgulho de ser da Educação Física, que passou a ser uma área protagonista Institucional, científica e social, transformando a educação, saúde, lazer e esporte. Somos corajosos, inquietos e com ‘mania’ de grandeza: dois cursos de graduação, três PPGs, o maior complexo esportivo do Nordeste, e uma das unidades com maior captação de recursos. No entanto, a principal grandeza está no compromisso profissional dos nossos servidores: 33 heróis (9 técnicos, 2 terceirizados e 22 docentes) que, diariamente, cumprem e ultrapassam as suas obrigações em virtude do social e da qualidade da educação”.

Referências

AGOSTINHO, A. (Santo Agostinho). **Confissões**. Tradução SANTOS, J. O.; PINA. A. S. J. São Paulo: Editora Nova Cultural (Coleção Os Pensadores), 2004.

12

ANTONIO FILIPE PEREIRA CAETANO

16 ANOS DE UFAL

Antonio Filipe Pereira Caetano

*Entre ciências humanas ou biológicas,
eu decido pela saúde humanizada!*

Biografia

Narrar a própria trajetória sempre envolve riscos. Riscos de viés, como se costuma dizer no fazer científico, ou simplesmente o risco de ocultar fatos que não nos agradam ou de exaltar apenas momentos brilhantes e “instagramáveis”, como está na moda dizer. De todo modo, adianto ao leitor que estas linhas que se seguem são, antes de tudo, uma tentativa, um desenho, um recorte transversal. Um amontoado de momentos que se cruzam, se entrelaçam, se embaralham e tentam explicar como cheguei ao curso de Educação Física e como, hoje, tento de alguma forma contribuir para a mudança de vida das pessoas que querem ser tocadas pela prática do exercício físico.

Rememorar meus pensamentos de infância é impressionante. A relação com a prática de atividade física sempre foi bastante informal, ou “no chão da rua” (Freire, 2002). Como minha educação básica

ocorreu entre os anos 80 e 90, meus professores de Educação Física ainda estavam impregnados do modelo militarista e esportivista de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, minhas aulas alternavam entre sessões de calistenia, trotes em torno de uma quadra de areia próxima à escola, futebol e jogo de queimado. Isso mesmo, havia uma explícita segregação entre meninos e meninas!

Em contrapartida, a rua se configurou como um ambiente mais amplo de possibilidades e democrático, embora a prática estivesse mais concentrada com meus amigos do que com minhas amigas da vizinhança. Futebol, basquete, voleibol, taco, pique-bandeira, totó, mountain bike, *ping pong* (hoje tênis de mesa), enfim, um rol de jogos, brincadeiras, esportes e práticas corporais que dividiam meu dia a dia entre as tarefas escolares, o chão da rua e as responsabilidades domésticas em casa, auxiliando minha mãe a tentar manter a casa em ordem. Lembro-me de gostar muito de assistir às Olimpíadas, situação que até rendeu a realização de um torneio olímpico em duplas com meus colegas de rua, com direito a medalhas e tudo! Já no final da adolescência, passei a acompanhar os campeonatos de voleibol na TV aberta (quando eram transmitidos), com uma estrutura bem precária. Resultado disso: torcedor do Osasco até os dias atuais.

Apesar de toda essa experiência rica com práticas corporais, meu caminho no ensino superior me conduziu para as ciências humanas, mais especificamente para a História. O interessante é que eu sempre soube e queria ser professor. Isso era um fato inegociável! Eu adorava acompanhar uma vizinha mais velha, mãe de um amigo, na preparação de suas aulas de português, na correção das provas e nas conversas sobre os alunos. Eu olhava aquilo e pensava: “Era isso que eu queria ser!” Achava a profissão chique e importante! No entanto, português não era o meu caminho. Pensei em Geografia, mas meu ensino médio foi repleto de ótimos professores de História, profis-

sionais comprometidos que exigiam reflexão crítica e desenvolviam uma redação constante de textos. Enfim, era isso (História) ou Informática, que, em 1996, era um curso em ascensão com a explosão dos computadores. Mas, no meu caso, minha matemática só dava para resolver os problemas latentes da URV (Unidade Real de Valor), que estavam presentes naquele contexto histórico.

E você, meu leitor, que ainda continua aqui, deve estar se perguntando: e a Educação Física? Morreu! Isso mesmo... no meu ensino médio, a disciplina era no contraturno, ou seja, inviável retornar à escola morando tão distante. E durante o curso de História (1996-2000) na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ - Campus São Gonçalo), devido ao deslumbramento com o contato com autores novos, a realidade do ensino superior, e a imersão (desde o 3º período) em projetos de pesquisa, extensão e grupos de estudos, não havia espaço para cuidar do corpo. Era hora de exercitar o cérebro (kkkk)! Não riam, eu pensava assim! Não à toa, recordo-me de um momento em que realizei uma disciplina eletiva no campus do Maracanã/Rio de Janeiro, e o curso de História (e demais ciências sociais) ficava no mesmo andar da Educação Física. O cidadão aqui pensava: “Enquanto uns vão malhar o corpo, outros vão exercitar a mente”! Assim, desprezava a célebre frase do poeta romano Juvenal: *Mens sana in corpore sano* (“mente sã, corpo são”) (Castro, Andrade e Muller, 2006).

Concluída a graduação, emendei no mestrado em História na Universidade Federal Fluminense (2001-2003). No meio do curso, percebi que havia uma necessidade maior de me preocupar com o meu corpo, talvez por conta das influências midiáticas e televisivas sobre a relação entre corpo, beleza e saúde tão difundidas nos anos 2000, que se tornaram uma das tendências nos cursos de Educação Física da época. Me matriculei na musculação e gostei!

Acredito que, nesse momento, fui picado pelo vírus da prática de atividade física, embora após a primeira aula de treinamento de força, eu mal conseguisse mexer os braços para dirigir meu carro. Todo encurtado, o bichinho!

Fato é que, quando realizei minha migração para Alagoas, em 2004, para atuar como professor concursado na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), campus Arapiraca, mantive intensamente, e até com um certo *overtraining*, a prática de musculação. Foi também nessa cidade que comecei meu processo de aprendizagem e aprofundamento da natação, um exercício que nunca havia experimentado antes. Logo, musculação, *jumping*, abdômen *power*, natação, *spinning*... eu literalmente não parava!

No próprio território nordestino, mais precisamente na Universidade Federal de Pernambuco (2005-2008), realizei meu doutorado em História e, quase simultaneamente ao seu término, migrei, via concurso, para a Universidade Federal de Alagoas (Ufal), em julho de 2008, como professor do Instituto de Ciências Humanas e Artes (ICHCA).

No ICHCA-Ufal, ampliei minha atuação como docente no ensino superior e pude exercitar de forma mais intensa a relação entre ensino, pesquisa e extensão. Assim, no curso de História, coordenei o Grupo de Estudos de América Colonial (GEAC), voltado para investigações sobre a história colonial de Alagoas; ministrei as disciplinas de História do Brasil I, História do Brasil II e Paleografia; organizei, enquanto ação de extensão, diversos eventos, colóquios e cursos, além de participar de projetos relacionados às ações afirmativas e ao resgate histórico do litoral norte de Alagoas (CONORTE). No âmbito da gestão, coordenei o curso de História/Bacharelado, a especialização em História Política e do Poder, e o curso de mestrado em História. Esta última gestão, particularmente, guardo com

imensa afetividade, tendo sido um dos responsáveis pela elaboração, estruturação e contribuição para a aprovação do mestrado em História do ICHCA (2012). E, claro, continuava treinando musculação e natação.

Acredito que foi precisamente quando me mudei da cidade de Arapiraca/Alagoas (2004-2012) para Maceió que algo dentro de mim havia se embaralhado. Talvez pelo fato de fazer ciência com uma temática tão distante da realidade da população (a estruturação da justiça alagoana nos séculos XVII-XVIII), cujos efeitos se dariam muito mais dentro da universidade, entre os congêneres, do que fora dos muros acadêmicos, o que me levou a realizar a matrícula no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em 2014, para prestar seleção para o curso de Educação Física. E, sem dúvida, também por eu gostar demais de fazer musculação... não vou negar!

A experiência de retornar como aluno a um curso de graduação, Educação Física (2015-2018), após 20 anos da primeira vivência, foi marcada por inúmeras histórias interessantes. Ser professor da Ufal e aluno ao mesmo tempo; dinamizar a rotina de vida entre as tarefas de graduação e um pós-doutorado (curso para o qual fui aprovado e cursei na Universidade Federal Fluminense, 2015-2017); manter as atividades de pesquisa, ensino e extensão no curso de História; organizar a logística de lavagem de roupas devido à quantidade de aulas práticas na Educação Física, fazendo do meu carro um guarda-roupa diário; e, tentando, ilusoriamente, manter meu anonimato entre os professores de Educação Física sobre a minha condição de titulação.

Mas, vou dizer: me diverti, aprendi e vivi de tudo o que foi possível nesses três anos e meio de curso (sim, terminei antes, minha gente, e ninguém percebeu, kkkk!). Retomei meus traumas de futebol com o Prof. Eriberto Lessa; aprendi a jogar handebol com o Prof. Shyko Farias; me encantei com o mundo da bioquímica e

farmacologia com o Prof. Eduardo Seixas; me deparei com o mundo das humanidades na Educação Física com os Profs. Alexandre Bulhões, Leonéa Santiago e Victor Hugo (substituto); e me aproximei do exercício físico para a saúde com as professoras Ana Rosa e Rosa Elisa Costa. Pára tudo, leitor, porque eis aqui a grande *plot twist* carpado da minha vida no “entre”.

Lembro-me do dia em que, nas aulas da professora Ana Rosa, imergi no mundo cardiovascular, das práticas integrativas e no autocuidado da saúde com a população em torno da Universidade. Pensei, *quero isso!* Recordo-me do momento em que assisti a uma palestra do Profissional de Educação Física do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUPAA-Ufal) sobre a atuação da área em ambiente hospitalar. E refleti: *quero isso!* Rememoro a circunstância na aula do Prof. Eduardo Seixas, em Bioquímica, em que ele apresentava os ciclos de gastos energéticos e os efeitos oriundos do exercício físico para inúmeras doenças; e acordei, *quero muito isso!* A realidade estava posta, havia encontrado algo que proporcionava um maior retorno social do que refletir por que o ouvidor João Vilela do Amaral, nos idos do século XVII, sofria queixas da população sobre sua atuação na Comarca de Alagoas. *Match point!*

O caminho era inevitável! Foi a experiência como colaborador no projeto “Ciclos da Vida” no Instituto de Ciências Biológicas; voluntário no projeto de extensão com adolescentes e pessoas com cirurgia bariátrica no HUPAA-Ufal; e o trabalho de conclusão de curso sobre a relação entre prática de atividade física e pessoas com câncer no CACON-HUPAA-Ufal que me forjaram como um profissional da saúde em todas as suas camadas. Eu estava com os dois pés na saúde... ainda que tenha sobrado tempo para a (re)tomada de uma prática esportiva afetivamente distante, pouco exercitada, mas que o acesso à quadra poliesportiva da Ufal fez renascer: o voleibol.

Assim, aos poucos, fui percebendo que meus pensamentos e interesses em fazer ciência se direcionavam mais para exercício físico e doenças do que para práticas dos ouvidores; mais para o incentivo à qualidade de vida do que para a estruturação da justiça. A “ficha caiu” (desculpe o coloquialismo) literalmente quando, após uma aula sobre Diabetes e exercício físico do Prof. Eduardo Seixas, na disciplina de Farmacologia Aplicada à Educação Física, ele apresentou o impacto do exercício em pessoas com essa doença, levando à diminuição do uso de insulina (em alguns casos). Logo em seguida, ao chegar ao meu bloco de História, meus colegas de departamento discutiam sobre a possibilidade ou não do uso do conceito de impeachment para o afastamento da presidenta Dilma Rousseff (2016) no contexto contemporâneo. Pensei: *não dá mais!* Quero contribuir para mudar a vida de pessoas no mundo real, de forma mais imediata, e não no campo etimológico e histórico, não no plano das ideias, mas no concreto. Daí, mais uma vez, resolvi migrar!

O processo de remoção do ICHCA para o Instituto de Educação Física e Esporte (Iefe), recém-emancipado do Centro de Educação (CEDU), não foi fácil. Contou com conversas com as diretoras à época, as professoras Leonéa Santiago e Maria Socorro Dantas; tentativas com a reitoria; negativas por parte do curso de História; e a inserção como professor voluntário do Iefe em 2018.2, nas disciplinas de Metodologia do Ensino do Desporto Coletivo (Voleibol), Metodologia da Pesquisa Científica, Atividade Física e Saúde Coletiva, Educação e Promoção da Saúde, Testes, Medidas e Avaliação Física e Bioética. Sim, meus caros, foi isso mesmo: 5 disciplinas, além das que eu mantinha no curso de História. Uma delas (Metodologia da Pesquisa) tive o prazer de dividir com o Prof. Leonardo Pasqua, à época substituto.

Nesse contexto do “entre” unidades acadêmicas, o pedido de transferência do Prof. João Dias, lotado no Iefe, para o ICHCA abriu as portas para a possibilidade concreta de remoção. Em virtude de o docente atuar em disciplinas relacionadas ao domínio sociocultural da Educação Física, mas alinhadas com minha formação em História, foi possível apresentar uma justificativa viável para que o colegiado de Licenciatura em Educação Física e o Conselho do Iefe aprovassem minha transferência, em 2019. Nessa circunstância, tive que abrir mão da matrícula no Doutorado em Educação Física na Universidade do Porto/Portugal, para onde havia sido aprovado, recurso que usei para legitimar ainda mais meu processo de transferência.

Oficialmente no Iefe, no que diz respeito ao ensino, assumi as disciplinas de Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação Física, Bases Sociológicas da Educação Física, Projetos Integradores (alguns), Metodologia do Ensino do Desporto Coletivo (Voleibol), Bioética, Educação e Diversidade, Metodologia do Ensino da Dança em Educação Física. Atualmente, minhas atribuições estão concentradas nas disciplinas de Fundamentos Históricos e Filosóficos (bacharelado e licenciatura), Metodologia do Ensino do Voleibol (licenciatura), Metodologia do Desporto Coletivo (conteúdo voleibol, bacharelado) e Atividade Curricular de Extensão (ACE – projeto).

A formação nas ciências humanas me possibilitou uma abordagem diferenciada no processo de ensino-aprendizagem na Educação Física, pois muitos discentes viam a área apenas sob a ótica biomecânica e esportivista, deixando de lado a dimensão humana marcada pelos aspectos comportamentais, sociais e históricos que atravessam o corpo em movimento. Dar humanidade ao corpo durante a execução de 3 séries de 4 repetições no supino reto e/ou na iniciação nas práticas corporais na educação básica tem sido e continua sendo uma das minhas principais metas enquanto docente no Iefe.

No âmbito da gestão, tornei-me coordenador de extensão do instituto (2019-2021) e vice-coordenador do curso de Licenciatura em Educação Física (2019-2021). Essas experiências foram fundamentais para compreender melhor o funcionamento do Iefe, assim como o fazer pedagógico e administrativo da área de Educação Física. Como pode ser observado, as duas gestões ocorreram durante a pandemia de COVID-19, período em que as relações pessoais, a prática profissional e a visão humana sobre o mundo foram completamente transformadas. Foram momentos difíceis, sombrios e solitários, mas também marcaram uma reflexão profunda sobre meu papel como profissional na instituição (Ufal) e, concomitantemente, sobre meu lugar no mundo.

No que diz respeito à extensão, tive o privilégio de coordenar o “Programa Esporte na Ufal” (2019-2020), que não só me permitiu retomar os laços com o voleibol — cuja coordenação das práticas estava sob minha responsabilidade, juntamente com os bolsistas e voluntários —, como também contribuiu para ampliar o conhecimento de outras modalidades esportivas e práticas corporais. Essa experiência me levou à coordenação geral da extensão do Iefe (2019-2021), uma função que me permitiu ajudar a manter o Iefe ativo durante o distanciamento social máximo imposto pela pandemia (primeira onda, de abril a outubro de 2020), com a criação, planejamento e execução de três atividades de extensão online: a) In to the Lab, sessões em que os professores apresentavam os objetivos dos laboratórios do instituto e suas principais contribuições científicas; b) Iefe Talks, uma série de palestras com professores renomados da área, trazendo temas emergentes da Educação Física de todo o Brasil; e c) uma live entre egressos e acadêmicos, um bate-papo pelo Instagram com formados pelo Iefe, discutindo suas experiências e desafios no mercado pro-

fissional. Se houve algo positivo que surgiu durante o período da COVID-19 para mim, foi a realização dessas atividades.

Atualmente, no campo da extensão, coordeno: (I) o projeto “Match Point – Voleibol para TodEs”, uma ação voltada para a população interna e externa da cidade universitária, oferecendo aulas de iniciação e aperfeiçoamento de voleibol; e dois projetos relacionados à saúde, (II) “Ambulatório de Educação Física na Unidade do Sistema Urinário do HUPAA-Ufal”, que atende pacientes com Doença Renal Crônica em diferentes estágios, fornecendo informações sobre a prática de atividade física, promoção da saúde e prescrição de exercício físico; e (III) “RIMS – Ritmo, Intensidade, Movimento e Saúde para pessoas com Doenças Renais”, que oferece à comunidade aulas de hidroginástica (2 dias na semana) e musculação (3 dias na semana), com o objetivo de melhorar parâmetros de saúde, capacidade funcional, função glomerular e percepção de qualidade de vida, humor e bem-estar.

Essas duas últimas ações de extensão estão diretamente relacionadas ao meu percurso no campo da pesquisa no Iefe. Quando cheguei, em 2019, desenvolvi o projeto de pesquisa “Repense Alagoas – Saúde na escola no ensino público de Alagoas”, que, ao longo de três ciclos, se constituiu como meu Programa de Iniciação Científica (PIBIC). O principal objetivo desse projeto foi mapear o conhecimento sobre saúde e as práticas pedagógicas voltadas para a temática da saúde nas escolas do Estado. Essa investigação resultou em 3 trabalhos de conclusão de curso e 2 artigos científicos. Ainda na área do ensino, coordenei o projeto inserido no Programa de Residência Pedagógica, sob a supervisão da Profa. Chrystiane Toscano, intitulado “Formação Profissional, Intervenção Pedagógica e Comunicação em Saúde nas Aulas de Educação Física do Programa Residência Pedagógica”. Este projeto se concentrou na experimentação de práticas de

conteúdo em saúde no ambiente escolar, com o intuito de ampliar a aquisição do conhecimento pelos alunos. Os resultados desse projeto proporcionaram aproximadamente 12 trabalhos de conclusão de curso e 3 artigos.

Mas foi precisamente no campo da intervenção física com populações com agravos à saúde que encontrei um desejo ainda maior de fincar meu lugar na ciência. Tudo isso foi impulsionado pelo anseio de ampliar meu conhecimento na área biológica, ou como se diz na Educação Física, na biodinâmica. Como resultado, cursei o mestrado em Ciências Médicas na Ufal (2020-2022), enquanto conciliava todas essas atividades simultaneamente.

Nessa experiência, sob a supervisão da Profa. Juliana Célia de Farias Santos (minha orientadora), fui apresentado ao mundo da nefrologia e suas infinitas possibilidades de imersão, além de entrar em contato com uma população carente e necessitada de uma nova relação com a prática de atividade física. Mal sabia eu que a proposta de mudar o tema da dissertação para Doença Renal Crônica estava conectada a uma história familiar de tratamento de hemodiálise. No entanto, pensei: “Dane-se as memórias traumáticas, este é o lugar que eu procurava desde minha migração da História para a Educação Física: ajudar a sociedade de forma imediata”.

Daí, não parei mais. Do mestrado, desenvolvi inúmeros projetos em parceria com professores da Medicina, envolvendo pacientes renais em tratamento conservador e/ou em hemodiálise, ao mesmo tempo em que colaborei na coorientação de algumas dissertações no próprio programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas, com propostas correlacionadas à intervenção com exercício físico em pacientes. Hoje, enquanto escrevo essas linhas, sou doutorando no Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade de Per-

nambuco (UPE), desenvolvendo uma investigação sobre os efeitos do treinamento com restrição de fluxo sanguíneo nas funções renais, capacidade funcional e percepção de qualidade de vida em pacientes em estágio 3 da Doença Renal Crônica. A tese deve ser concluída em agosto de 2026.

Portanto, não há dúvidas de que encontrei meu lugar de fazer ciência, extensão e prática de ensino na Educação Física. Um lugar que eu já buscava desde o início, nas aulas aqui apresentadas. Contudo, por conta de alguns atalhos, tentativas de atender às necessidades da Unidade Acadêmica, justificativas para o processo de transferência de instituto, ou mesmo para ampliar meu conhecimento global sobre a área da Educação Física (biodinâmica, sociocultural, pedagógica e esportiva), “demorei” um pouco para me enraizar.

A necessidade de fomentar a melhoria nas condições de saúde de uma população específica sempre foi a minha meta nessa trajetória. No entanto, eu não queria, de forma alguma, pensar na saúde como a simples superação da doença. Queria uma visão mais ampla, integral, com inúmeras camadas, onde o profissional da Educação Física pudesse atuar nos parâmetros da educação, do rigor científico, na prática baseada em evidências, mas, acima de tudo, de maneira humanizada!

Durante um bom período, talvez entre 2019 e 2022, passei um grande tempo dentro da Educação Física tentando apagar meu passado na História. Que bobagem! O ser historiador nunca deixará de ser parte de mim, seja como sujeito histórico da sociedade em que vivo, seja pela formação integral (da graduação ao pós-doutorado) que obtive em 20 anos de carreira profissional.

O ser historiador me ajudou a chegar até onde estou, e é, impreterivelmente, ele que me permite ter uma outra relação com meus alunos, com o corpo profissional da instituição, mas, sobretudo, com os meus pacientes/participantes de estudo... ou, simplesmente, com

os seres humanos que passaram a incluir o exercício físico após as ações de pesquisa e extensão da Universidade.

A ciência tem que ir para a rua. Se for apenas para aumentar o currículo Lattes, a vida dentro da Universidade perde o sentido. E assim, quando se passarem 50 anos do curso de Educação Física da Ufal e rememorarem minhas contribuições acadêmicas, de fato, dois rins, uma bola de vôlei e uma saúde humanizada serão lembrados como marcas da minha identidade... Assim... Talvez... Espero!

Referências

CASTRO, M. G.; ANDRADE, T. M. R; MULLER, M. C. Conceito Mente e Corpo Através da História. **Psicologia em Estudo**. v. 11, n. 1, p. 39-43, 2006.

FREIRE, J. B. **O jogo na escola**: introdução à pedagogia da rua. Campinas: Autores Associados, 2022.



13

FILIFE ANTONIO DE BARROS SOUSA

5 ANOS DE UFAL

Filipe Antonio de Barros Sousa

Indico a canção “A vida do viajante”, de Luiz Gonzaga, para leitura do capítulo, porque ela traduz não só a cultura de onde eu vim, como também a minha jornada até o momento dentro da educação física.

Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo (Paulo Freire, 1996).

Biografia

Sou paraibano, nascido em Campina Grande e criado em João Pessoa. Como muitos que têm o privilégio de acessar o ensino superior, venho de uma família de classe média – que, apesar de enfrentar seus apertos e dificuldades, sempre conseguiu me dar o suporte necessário para os meus estudos. Mais do que isso, minha família foi o alicerce da minha jornada. Minha mãe, nascida no interior da

Bahia, conheceu meu pai em Campina Grande, e juntos enfrentaram desafios e percalços ao longo da vida. Criaram a mim e meu irmão mais velho com base em preceitos religiosos católicos, o que resultou em uma construção de paradigma de realidade com fortes posturas morais e éticas.

Acima de tudo, a fé teve grande importância na formação do meu caráter, sempre me proporcionando um lugar de esperança, conforto e pensamento positivo. No entanto, como qualquer abordagem sobre nossa realidade, ela possui pontos positivos e negativos. A doutrina religiosa em que fui criado traz consigo um julgamento de valor muito ancorado nas escolhas morais dos indivíduos ao nosso redor, sem necessariamente promover uma análise crítica das condições sociais de cada um.

Nesse contexto, diria que a Educação Física movimentou minha maneira de pensar, sem que eu percebesse – uma ironia, já que o movimento é o seu objeto de estudo. A natureza de dualidade que a área viveu ao longo de sua história, pendulando entre os saberes das ciências humanas e das ciências biológicas – ora mais de um, ora mais do outro – me parece um instrumento importante na ampliação da forma de pensar sobre o seu fazer, sua razão de ser e sua *práxis*. Hoje, penso que essa crise quase existencial da Educação Física me levou a ter as minhas próprias crises. E é na crise que se constrói o pensamento complexo, a criticidade, a ciência.

Desde muito cedo, pratiquei esportes. Por motivos de saúde, de formação de valores, de ampliação dos círculos sociais, ou todos esses fatores juntos, meus pais me incentivaram a escolher um esporte na infância. O judô foi o primeiro, mas não me dei muito bem. A forma como a modalidade me foi apresentada, com sua doutrina quase militar, hierarquias e regras sem explicação, já não fazia sentido para uma cabeça inquieta e ansiosa por explicações racionais. Que

o(a) amigo(a) leitor(a) não me entenda mal – apesar do comentário sobre o caráter e as consequências da minha criação religiosa, considero que meus pais, minha mãe principalmente, sempre estimularam bastante a minha veia questionadora. Claro que, como toda paciência tem limites, uma hora esbarrávamos no famigerado “porque sim”.

Não considero meus pais pessoas acrílicas, como muitas vezes é pintado no estereótipo da pessoa religiosa. Porém, como é comum em pensamentos complexos, vejo o comportamento humano como um espectro entre seguir cegamente um pensamento doutrinário e ter sempre uma pergunta norteando suas escolhas. O problema é que o judô me pareceu um extremo muito agudo nesse espectro, e um ano de prática me pareceu uma eternidade.

Sempre vi meu irmão muito mais relaxado e descontraído com seus colegas de natação, o que logo me fez querer trocar um esporte pelo outro, até pela admiração que sempre tive pelo meu irmão mais velho. Com 11 anos, iniciei na modalidade de forma exclusiva, sempre me dedicando bastante e com uma lógica já bastante competitiva. Me considero uma clássica “vítima” do processo de especialização precoce, já tendo uma prova e um estilo de preferência desde muito cedo. Sonhava em ser o mais rápido nos 50 metros nado livre. Não me lembro de aspirar a um recorde mundial ou algo dessa natureza, até porque sempre fui de estabelecer objetivos atingíveis e trabalhar neles. Mas sempre quis ser o mais rápido da piscina em que estava. A sensação de caminhar até o bloco de partida, subir nele e largar é única. Diria que, especialmente o tempo entre o “Às suas marcas...” do juiz de partida e o sinal sonoro da largada, é o que mais sinto falta e nunca consegui replicar em outros espaços.

O tempo passou, e aos 17 anos, sofri do que a maioria dos atletas que passaram pela especialização precoce experimentam: lesões. Tive que abandonar a natação devido a uma inflamação crônica

no ombro esquerdo, que depois se manifestou no direito. Hoje sei que isso é uma condição comum em atletas: a lesão por uso excessivo, ou causada por supertreinamento – uma carga de treino cronicamente maior do que a que o corpo é capaz de suportar. Sinto até hoje o ombro esquerdo, especialmente quando fico muito tempo sem me exercitar de maneira sistemática. Talvez, se tivesse tratado a lesão no momento certo, pudesse ter continuado na modalidade, mas o fato é que já estava cansado daquela rotina. Cheguei a treinar de 6 a 10 mil metros por dia, com nove sessões semanais, acordando muito cedo e indo dormir extremamente cansado – embora sempre muito feliz. Por isso, deixar a natação foi um processo muito difícil, pois já havia me tornado um corpo condicionado àquela realidade, com a dualidade entre suportar um sofrimento controlado durante os treinos, mas também experimentando uma grande satisfação e prazer nas competições.

Ao deixar a natação, tentei preencher minha necessidade de movimento – muito movimento – com outras práticas de atividade física. Corrida, musculação, lutas... algo precisava ocupar aquele vazio de tempo e aquela abundância de energia que restou após abandonar bruscamente o centro da minha rotina enquanto adolescente. Reconheço que isso foi um privilégio – um dos maiores problemas com os quais precisei lidar – e isso se deve à condição estrutural da minha família, como mencionei anteriormente. Esse privilégio me deu a oportunidade de me dedicar inteiramente aos estudos, e logo cheguei a essa parte da história. Nesse ponto, percebo que a paixão pela natação se transformou em uma paixão pelo movimento humano, e não poderia ter escolhido outra profissão além da de professor de Educação Física. Fiz o vestibular e fui muito questionado, por professores, amigos e até familiares, sobre se essa era realmente a minha escolha. Dada a carreira com tantos percalços e a desvalorização da

profissão, muitos sugeriram que seria melhor apostar em outra área. Nunca tive qualquer dúvida. Minha fé em minha própria capacidade, na minha paixão, e no apoio de um divino provedor me deram a certeza de minha decisão.

Passei em primeiro lugar no curso de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e em segundo lugar na Universidade Estadual da Paraíba. Optei pelo primeiro, e foi aí que começou uma história de amor com o estudo teórico da prática que tanto permeou a minha vida. “Seja então o melhor profissional da sua área, vá se capacitar fora, se cobre excelência, já que está tendo o privilégio de escolher o que quer fazer”, disse minha mãe, que sempre me apoiou em todas as minhas decisões.

Foi na UFPB que tive acesso a um pensamento crítico diferente daquele que havia sido exposto até então. Entrei decidido a trabalhar na área de treinamento e desempenho físico, com grande afinidade pela vertente biológica da área. De início, acreditava que as disciplinas das áreas humanas não seriam úteis para mim. Hoje, são essas as que mais lembro com carinho, pelas discussões e pelos professores. Foi ali que aprendi a ver o ser humano como mais do que uma máquina de rendimento esportivo, e onde foi plantada uma semente que floresceria, de forma lenta, mas constante, regada pela minha própria vontade de nutrir essa visão com atenção e cuidado. Diante disso, jamais negligenciaria os componentes curriculares das áreas humanas dentro da Educação Física. Vejo como um enorme privilégio ter me formado em um curso que integra duas abordagens aparentemente antagônicas – afinal, a realidade é mais complexa do que qualquer uma delas pode explicar. Ter acesso a essas duas formas de pensamento em um ambiente que estimula a criticidade do ser humano, como só uma universidade pública, gratuita e socialmente referenciada pode oferecer, foi essencial para minha formação.

Durante minha graduação em Licenciatura Plena, fui me encontrando no basquetebol, aproveitando as oportunidades que colegas me proporcionaram para vivenciar a prática dessa modalidade em diferentes contextos (professor Raul Batista, professora Janaína Chianca, a amiga Káthia). Foi também do meio para o fim do curso que me encantei pela área acadêmica. Trabalhei em salão de academia, dando aulas de natação e treinamentos de basquete. No entanto, foi na universidade que me envolvi em projetos e pesquisas de professores que admiro muito, embora sempre tenha considerado a nossa universidade carente no que diz respeito à pesquisa. Hoje, entendendo isso como um efeito colateral da política de expansão das universidades no Brasil e me orgulho de ver que essa realidade vem sendo atenuada com a criação de um programa de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado na UFPB. Contudo, naquela fase da minha vida, queria concluir a graduação e buscar um mestrado em um centro consolidado, com o sonho de adquirir e trazer uma expertise na área de treinamento e fisiologia do exercício para o Nordeste. As palavras da minha mãe, ditas na ocasião da minha escolha de curso, ainda ecoavam em minha mente, me dando forças para superar o medo de deixar o ninho e alçar voos para construir a minha carreira em outro lugar.

Me formei em fevereiro de 2010, em um único dia, e no dia seguinte tinha um voo marcado para São Paulo. Por meio do meu orientador de TCC e amigo, professor Cláudio Meireles, consegui uma indicação para estagiar voluntariamente no Laboratório de Fisiologia Aplicada ao Esporte (LAFAE) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) em Rio Claro – SP. Foi lá que conheci pessoas que marcaram profundamente a minha vida e minha trajetória, como o professor Claudio Gobatto, que viria a ser meu orientador de mestrado e doutorado.

Para me manter financeiramente, trabalhei principalmente em uma atividade na ANVISA, onde analisava processos de produtos de saúde. Esse trabalho me rendia o suficiente para pagar o aluguel de um quarto de república, fazer as refeições no restaurante universitário e cobrir as contas básicas do supermercado. Passei um ano estagiando voluntariamente no LAFAE de Rio Claro, já sabendo que o laboratório estava de mudança para a UNICAMP, em Limeira. Em 2011, passei no mestrado em Educação Física da Unicamp, em Campinas, apesar de o laboratório ser sediado no campus de Limeira. Entre muitas viagens para cumprir créditos obrigatórios e realizar coletas de dados com as equipes de atletismo (agradeço aos colegas e amigos pelo suporte), terminei meu mestrado com a construção e publicação de um equipamento capaz de medir a potência muscular de velocistas na pista, inclusive nas curvas. Durante esse período, conheci e descobri o amor da minha vida entre aquelas aulas de mestrado – hoje, somos pais de dois filhos.

Fui bolsista no mestrado, e com o fim do prazo da bolsa, precisei voltar ao mercado de trabalho. Trabalhei como preparador físico na área de atletismo e personal trainer – agradeço novamente aos colegas que me deram as oportunidades de exercer essas funções – por um ano, até ingressar no doutorado com bolsa. Desta vez, o doutorado foi no curso de Ciências da Nutrição e do Esporte e Metabolismo, no campus de Limeira. Fui parte da primeira turma desse curso, e tivemos que enfrentar as dificuldades naturais de sermos pioneiros. Foi um período de muito aprendizado, e sou imensamente grato ao meu orientador e aos colegas de laboratório pelas experiências vividas e pelos obstáculos superados.

Iniciei minha carreira acadêmica efetivamente em 2014, meu segundo ano de doutorado, ministrando algumas disciplinas nas Faculdades Integradas Einstein, conforme a carga horária que a bolsa

me permitia lecionar. Foi ali que compreendi o quanto uma carga horária reduzida foi benéfica para o andamento do meu projeto e para a minha inserção no mercado de trabalho do ensino superior. Pude dar atenção e cuidado às minhas estratégias pedagógicas, colocando em prática o que vinha aprendendo e, com isso, aprendendo mais com o processo, em uma estrutura dialética que tento manter até os dias de hoje. Aprendi muito com meus alunos e me esforcei ao máximo para ensiná-los, da mesma forma que muitos dos meus professores haviam feito comigo.

Terminei o meu doutorado ao final de 2017, com uma bagagem ampla adquirida durante minha formação. Tive experiências fora do país e tive contato com equipes de desempenho de diversas modalidades – basquetebol, atletismo, para-atletismo, futebol, canoagem slalom, rafting, natação, entre outras. Sempre me impressionou como na UFPB eu percebia a oferta de pesquisa com equipes de desempenho como muito pequena, enquanto no interior de São Paulo as oportunidades surgiam com bastante frequência. Até entender os motivos históricos, sociais e políticos dessa diferença, ficava surpreso com a necessidade que meu orientador tinha de escolher com muito critério e até negar muitas das propostas de parceria que lhe apareciam. Claro que isso se deve ao respeito e à história que ele e o laboratório construíram, mas também reflete a pujança das modalidades e equipes que se concentram no Sudeste do país.

Retornei à Paraíba em 2018, deixando a faculdade em que lecionava para ingressar em outras duas faculdades particulares no estado. Foi uma decisão muito difícil, apesar da minha ideia inicial de trazer os conhecimentos adquiridos de volta para o Nordeste. Porém, pesaram na minha decisão o panorama mais favorável para o trabalho de pesquisa com esporte de desempenho, a quantidade de fomento que o estado de São Paulo destina à pesquisa e a atenção

que o Sudeste recebe em nível federal no âmbito científico de uma maneira geral. Sabendo que o meu esforço individual pouco faria para diminuir as assimetrias nacionais entre o Nordeste e o Sudeste, me senti tentado a ficar e seguir minha carreira onde já tinha o suporte de um laboratório de referência, como o LAFAP, e a rede de conexões que havia construído. Voltar para a Paraíba significaria reconstruir toda a minha rede de contatos e batalhar por espaço adequado para a pesquisa. Contudo, uma série de fatores falou mais alto, principalmente a missão que me guiara a começar a minha jornada: adquirir e trazer de volta uma expertise que eu julgava ainda carente no Nordeste quando o deixei. O apoio da minha companheira, à época noiva e hoje esposa, também foi fundamental para essa decisão.

Voltei para João Pessoa, deixei currículos em algumas universidades e não demorou para que fosse chamado para atuar. Recebia muito menos por hora de aula na Paraíba do que no interior de São Paulo, e logo percebi que isso não se tratava apenas da diferença regional, mas também da tendência que permeava o ensino superior no setor privado: a desvalorização salarial. Colegas eram dispensados aos montes, não por conta de sua competência, mas para evitar que adquirissem direitos trabalhistas que poderiam tornar a folha de pagamento mais onerosa. Outros colegas, cada vez mais jovens, assumiam seus lugares, se sujeitando a receber bem menos – e muitas vezes só descobriam que seus antecessores recebiam mais com algum tempo de contratação.

Trabalhando como professor em instituições de ensino superior particulares, percebi que não teria espaço para atuar como pesquisador – algo que eu tanto gostava de fazer e que, até hoje, penso ser fundamental para alimentar o meu trabalho como professor de sala de aula. Aquela situação foi me deixando preocupado com o futuro incerto, me questionando se conseguiria me colocar em uma

posição onde pudesse me dedicar, ao menos um pouco, à pesquisa, já que o único lugar onde há produção científica com volume e qualidade são as universidades públicas. No entanto, com a expansão e desvalorização da profissão pelo setor privado, estava cada vez mais difícil ingressar em um cargo de professor efetivo no ensino superior.

Foi aí que o concurso de 2018/2019 da Ufal abriu. Já havia tentado em outras duas ocasiões, na UFSCAR e na UFRN, ambas sem muito sucesso. Porém, esses percalços foram fundamentais para que eu compreendesse o nível de preparação necessário para passar em um concurso concorrido como esse e calibrasse meus esforços e estratégias. Dessa vez, diferente das anteriores, a área de concentração do concurso era extremamente correlata com meu objeto de estudo durante o mestrado e o doutorado. Foi uma grande oportunidade e, apesar de sermos 60 doutores concorrendo para uma vaga, me logrei vitorioso, conquistando a primeira colocação no pleito. Depois de muitos anos de preparação e trabalho, me senti o mais rápido daquela piscina mais uma vez.

Fiz um extenso preâmbulo sobre a minha trajetória na Educação Física para pontuar como ela entrou na minha vida e de onde partem as minhas contribuições para a área, dentro da Ufal. Me mudei para Maceió na metade de 2019, por ocasião da minha posse como professor efetivo do magistério superior federal, e iniciei minhas atividades no Instituto de Educação Física e Esporte (Iefe) com muito entusiasmo. Aprendi muito sobre a estrutura administrativa da Ufal, tendo, nesses cinco anos, assumido os cargos de coordenador de curso de especialização lato sensu, coordenador de graduação no curso de licenciatura, vice-diretor do instituto e coordenador do curso de pós-graduação stricto sensu – os dois últimos cargos que ocupo até o momento. Ocupo também a coordenação do grupo de pesquisa em treinamento esportivo (GETE), juntamente com o colega e amigo

Professor Pedro Balikian Jr., e divido a coordenação do Laboratório de Ciências Aplicadas ao Esporte (LACAE) com o também amigo professor Gustavo de Araujo. Ambos me receberam muito bem na unidade, me dando espaço imediato para trabalhar e contribuir nas minhas áreas de conhecimento. Finalmente, sinto que esse capítulo da minha vida culmina na realização desse sonho de trazer uma expertise na área para o Nordeste.

Cerca de cinco anos depois da minha chegada, o curso de Educação Física da Ufal completou 50 anos. Perceber isso traz à tona a nossa pequenez enquanto indivíduos, mas também a grandiosidade que é um trabalho coletivo, em sociedade. As contribuições dos colegas que vieram antes de mim, alguns ainda atuando na unidade de ensino, culminaram na oportunidade que tenho hoje de dar a minha própria contribuição. Não poderia deixar de mencionar o grande número de colegas que entraram depois de mim, apesar do curto período de tempo – os professores Luiz Rodrigo, Enaiane, Silvan, Soraya e Natália – que representam a renovação do ímpeto transformativo que permeia o hoje Iefe. Espero que consigamos não só dar continuidade ao trabalho daqueles que atuaram nesses 50 anos, mas também ampliar o atendimento à sociedade a partir das ações desenvolvidas dentro do Iefe, tanto no âmbito do ensino, quanto da pesquisa e da extensão. Dessa maneira, toda essa trajetória de oportunidades que todos nós pudemos usufruir – bolsas de estudo, aulas em instituições públicas, fomentos de pesquisa – poderá ser retribuída à sociedade, dando continuidade e oportunidade à criação de novos ciclos na vida de outras pessoas.

Seção livre

Pontos de interseção pessoal e profissional

Após a exposição da minha história, começo esta seção refletindo sobre como minha vida profissional influenciou minha vida pessoal. Pelo já exposto, ficam claras as abdicações que tive que fazer pelo meu interesse pela Educação Física. Deixei meus amigos e minha família para morar longe por oito anos, a fim de concluir meu mestrado e doutorado na área. Por outro lado, conheci minha companheira de vida nos primeiros dois anos, e hoje ela está comigo aqui na Ufal. Sendo assim, sem as escolhas profissionais que fiz, seria impossível conceber a minha vida pessoal como ela é hoje – feliz, realizada e cheia de alegrias.

Tenho dois filhos: um de dois anos e meio e um ainda na barriga de Natália, minha esposa. O mais velho adora movimento e mora em uma casa cheia de apetrechos de atividade física – bolas, bambolês, colchonetes, polias e pesos. Ele adora vir para a Ufal e correr pelos espaços do Iefe. Assim como os filhos de muitos colegas, meus dois filhos provavelmente crescerão dentro da Ufal, e talvez se interessem pela profissão. Espero que tenham o mesmo suporte que eu tive para escolher o que desejam fazer em suas vidas, mas tenho certeza de que serão felizes tendo a oportunidade de conhecer uma universidade socialmente referenciada.

Contribuição à sociedade de maior orgulho ao longo dos 50 anos

Diante da minha ainda curta carreira na Ufal – considerando o processo de formação como algo muito importante, mas reconhe-

cendo que o impacto da Educação Física em mim foi maior do que o meu impacto na área – acredito que minhas maiores contribuições ainda estão por vir. Claro, me orgulho de todas as conquistas e da superação dos percalços que ocorreram ao longo da minha trajetória, mas sinto que a jornada está apenas no começo. Mesmo assim, ter participado da abertura do primeiro curso de pós-graduação stricto sensu acadêmico na área de Educação Física (área 21 da CAPES) do estado de Alagoas é motivo de grande orgulho. Ser o primeiro coordenador de fato tem um significado muito especial para mim.

Considerando minha história com a Educação Física e o sonho de concretizar a aplicação das habilidades adquiridas no Nordeste, sinto que essa conquista me permite participar efetivamente da criação de oportunidades de capacitação que muitos alunos nordestinos não teriam acesso. Minha jornada de formação acadêmica foi permeada por dificuldades, e reconheço que, sem os privilégios de suporte familiar que tive, não teria sido capaz de superá-las.

Não pretendo desmerecer o mérito do meu esforço, visto que outros colegas com os mesmos privilégios – ou até maiores – não superariam os obstáculos que enfrentei. No entanto, é inegável que uma pessoa com menos suporte financeiro e estrutural enfrentaria dificuldades muito maiores: ter que assumir a posição de arrimo de família muito cedo, uma menor flexibilidade de escolhas de carreira e profissão, e menos possibilidade de arriscar uma dedicação exclusiva à preparação para concursos.

O Programa Associado de Pós-Graduação em Ciências do Movimento é um curso stricto sensu, no nível de mestrado acadêmico, e conta com a colaboração do Departamento de Educação Física da UFRPE como polo associado. Iniciamos sua primeira turma em 2024, no ano dos 50 anos do curso de Educação Física na Ufal. Após tentativas anteriores de abrir o curso, com estrutura e propostas di-

ferentes, a associação com a UFRPE foi fundamental para suprir a demanda de professores com produção acadêmica suficiente dentro da área de concentração das linhas de pesquisa em Ciências do Movimento, permitindo que a proposta fosse recomendada pela CAPES. As dificuldades de produção acadêmica nessa área no estado se devem à ausência de um programa de pós-graduação que alavanque a qualidade e volume dessa produção.

Diante disso, o impacto dessa conquista não se limita apenas à oportunidade de formação que os discentes terão acesso, mas também à ampliação das possibilidades de orientação de alunos e ao investimento em pesquisa para outros docentes que já se encontram no estado. Isso quebra um ciclo vicioso de ausência de oportunidades de qualificação, gerado pela falta de formadores considerados qualificados pelas agências de fomento.

Momento Histórico

Novamente reiterando a minha curta trajetória no Iefe, destaco um momento histórico relevante na área de Educação Física, dentro do período do jubileu, que influenciou a área em âmbito nacional. Hoje, entendo como um privilégio ter sido formado em Licenciatura Plena – uma verdadeira sorte, considerando que fui da última turma com essa estrutura curricular na UFPB. Ao chegar ao Iefe, me deparei com a necessidade de lidar com o currículo dividido entre bacharelado e licenciatura, e as consequências que as decisões pouco discutidas e unificadas em âmbito nacional tiveram sobre os currículos, as formações e, mais importante, sobre os alunos.

Hoje, estamos novamente discutindo a demanda nacional por uma nova estruturação curricular – mais uma vez mal dialogada com a área – em que os alunos fariam dois anos de formação conjunta e teriam disciplinas específicas para obtenção do diploma de licencia-

tura ou bacharelado nos últimos dois anos de curso. Penso que a divisão da área de atuação dos profissionais de Educação Física é pautada por anseios de mercado, e menos pela formação efetiva e humanizada dos estudantes e futuros profissionais. Evitar chamar um bacharel de professor de Educação Física, em detrimento do termo “profissional de Educação Física”, tem uma consequência maior do que apenas o caráter prático de diferenciar as carreiras de formação – ela se esquia do caráter social da prática de movimento humano em diferentes contextos. Sempre que lidamos com a prática de movimento de pessoas, há a necessidade de compreender pedagogicamente os impactos sociológicos e históricos do outro. Diante disso, negar que o profissional de Educação Física, aquele com formação de bacharel, seja também um professor, reforça uma compreensão limitada do ser humano como uma máquina puramente biológica.

Com isso, espero poder contribuir para um currículo equilibrado e humano, que una as ciências sociais e biológicas, tanto na licenciatura quanto no bacharelado, entendendo que lidar com seres humanos e movimento requer não só um amplo saber técnico, mas também uma compreensão dos impactos que os diversos aspectos sociais têm sobre a nossa *práxis*.

Legado durante meus cinco anos no Iefe

Mesmo entendendo que meu legado no Iefe ainda está em formação, acredito que já deixo contribuições importantes. A estruturação do programa de pós-graduação já mencionada, a organização dos projetos de extensão de avaliação de desempenho no LACAE e de prática de basquetebol na universidade, as experiências de grupos de estudos e reuniões científicas, que trouxeram saberes que outros colegas não poderiam ter exposto da mesma forma para os alunos – indo além dos conteúdos das disciplinas em sala de aula – e a estru-

turação de projetos que culminaram na publicação de artigos científicos de impacto, coletados por alunos alagoanos na comunidade local.

Essa expressão de extensão e produção acadêmica local dialoga diretamente com a concretização, ainda que inicial, da efetiva disseminação do conhecimento que adquiri durante minha formação no Iefe e no estado de Alagoas.

Futuro

Apesar das diversas conquistas até o momento do jubileu de ouro da Educação Física na Ufal, espero que o melhor ainda esteja por vir. Mesmo diante de um cenário de ataque ao orçamento do ensino público de forma geral, e de maneira mais agressiva nos últimos anos em relação ao ensino superior, o trabalho dos colegas até aqui culminou na consolidação do Iefe como unidade acadêmica, na construção de um complexo esportivo importante para todo o estado e na criação de três novos cursos de pós-graduação correlatos à área. A efetivação do usufruto dessas estruturas físicas e organizacionais deverá garantir que a sociedade alagoana colha os frutos dessas sementes plantadas.

Gostaria de ter a oportunidade de ver o complexo esportivo com orçamento suficiente para manter seus projetos de extensão e pesquisa, de ver turmas de mestrado e doutorado formadas no Iefe e, quem sabe, ver um de nossos ex-alunos atuando como professor efetivo. Esse cenário traria a satisfação de um dever cumprido, ao dar início e continuidade a tantas ações coletivas do instituto.

Mensagem aos discentes

Aos alunos, recomendo que se permitam sonhar. Agarrem suas aspirações, elas podem se tornar realidade. E aproveitem a universidade – seus espaços, suas oportunidades de aprendizado, não apenas no ensino, mas também nos projetos de extensão e pesquisa. O privilégio de estudar em uma instituição de ensino superior pública não está apenas em não pagar uma mensalidade. Está na estrutura curricular da universidade pública, que tem a responsabilidade de oferecer pesquisa e extensão sem estar intermediada pela necessidade de lucro.

Essas ações devem contribuir de maneira valiosa para a formação não só técnica, mas também humana dos alunos, além de beneficiar a comunidade ao seu redor. Entendam que vocês são os pilares da universidade. Sem alunos, o nosso trabalho perde seu propósito, e a função de professor não faz sentido. Sendo assim, cobrem seus professores, com todo o respeito que eles merecem, para que provoquem e auxiliem a sua transformação e evolução nos diferentes aspectos do saber.

Mensagem dos docentes ativos aos docentes que passaram

Aos colegas docentes que passaram pela Educação Física da Ufal, agradeço pelo empenho e por acreditarem, cada um à sua maneira, no trabalho que realizaram para a consolidação desses cinquenta anos de história. Aos colegas que continuam conosco, desejo mais cinquenta anos de trabalho dedicado, marcado por aspectos técnicos, humanos e permeados pela criticidade nas tomadas de decisão, que serão fundamentais para o sucesso da nossa história futura.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

14

SILVAN MENEZES DOS SANTOS

4 ANOS DE UFAL

Silvan Menezes dos Santos

Indico a canção “Palco”, de Gilberto Gil, para a leitura deste capítulo, pois, quando o escrevia, retornava das férias de verão de 2024-2025. Tinha a sensação, aparentemente comum em retornos laborais após períodos de descanso, de que a minha alma cheirava a talco ao regressar ao palco da docência. Renovado, e renovando-me, para quantas décadas profissionais mais venham pela frente no Iefe/Ufal.

A obra de arte que escolhi para comemorar os 50 anos da Educação Física da Ufal é “Gardener”, de Pawel Kuczynski, porque desejo que este espaço universitário seja um semeador de muitas boas histórias e leituras do mundo.

Figura 1 - “Gardener”, de Pawel Kuczynski.



Fonte: Google Imagens.

“Gosto de pensar num Brasil de brasileiros extraordinários” (Bethânia, 2015).

Biografia

Nascido em Aracaju, Sergipe, sou o terceiro filho de uma dentista, mãe solteira, que, durante boa parte da vida, criou sua prole sozinha, tendo o apoio da minha avó sacoleira e da minha tia pedagoga. Gestado e criado sob os privilégios da classe média trabalhadora, com muita dificuldade e limitação financeira, sempre tive a oportunidade de estudar em escolas particulares e praticar bastante esporte. Jogava futebol, seja na rua, no condomínio de prédios onde vivi minha infância e adolescência, ou nos dois colégios em que estudei. No primeiro, ainda menino, pratiquei também judô.

Sempre fui incentivado a nadar sozinho, fosse nos finais de semana na praia ou na piscina com os amigos de onde morava. Contudo, apesar de ter crescido muito e ser bastante alto para muitas pessoas, brinco que teimei em jogar futebol e futsal, e por isso não dei certo profissionalmente em nada esportivo. Mesmo tendo jogado muitos campeonatos escolares, nunca avancei nos níveis de rendimento, e, assim, o esporte virou uma das minhas grandes paixões para os tempos e espaços de lazer. Quando falava em brincar, era de algum esporte. Quando falava em assistir algo, era esporte na televisão. Foi desse jeito que nasceu o professor de Educação Física.

Ao final do ensino médio, ainda que com muitas opiniões familiares divergentes, não houve quem me fizesse escolher outro curso senão a licenciatura na nossa área. E lá fui eu para a Universidade Federal de Sergipe (UFS). Ali gestou-se e estimulou-se a possibilidade de aquela afecção do menino por assistir esporte na televisão virar estudos e pesquisas em mídias e tecnologias na Educação Física, o que não era muito comum e ainda hoje é visto com certo estranhamento.

Docentes (hoje amigos) que trabalhavam na UFS e estudavam a temática perceberam minha forte relação com ela e me apresentaram essa trilha acadêmica da qual nunca mais me desgarrei. Daí fui para o mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde estudei redes sociais e a repercussão da década dos megaeventos esportivos no Brasil. Na sequência, parti para o doutorado na Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde estudei a prática jornalística na cobertura midiática do esporte paralímpico no contexto brasileiro.

Em meio ao frio do sul do país, à distância da família, dos amigos, do calor e das praias do nosso nordeste, novas amizades encontrei dentro e fora da academia, e fiz muitas viagens acadêmicas para congressos que me levaram a lugares inimagináveis, permitin-

do-me ampliar minha percepção de mundo e minha sensibilidade para com a diversidade humana.

Além disso, vivi na pele como é fundamental produzirmos boas condições para que os/as jovens brasileiras/os possam estudar e se qualificar, pois tive a oportunidade de bolsas de estudo advindas de recursos públicos em todas as etapas da minha formação, da graduação ao doutorado. Sem elas, considero que minha determinação e o apoio familiar jamais teriam me levado até aqui.

Depois de sete anos usufruindo do sistema nacional de pós-graduação do país, com suas qualidades e limites, me concorri a uma vaga na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Lá passei 3 anos até que a chance de voltar para o nosso amado nordeste apareceu, em forma de permuta com um docente da Ufal interessado em se mudar para o sul/sudeste. Assim o fiz, e aqui estou, colaborando com a formação de professoras/es de Educação Física em Alagoas, desenvolvendo estudos e pesquisas em mídias, tecnologias digitais e práticas corporais com estudantes de graduação e pós-graduação, celebrando os 50 anos do nosso curso. Sou muito feliz e grato por fazer parte dessa história.

Seção livre

Contribuição à sociedade de maior orgulho ao longo dos 50 anos

Nestes quatro anos de Ufal até aqui, muitas vezes me emocionei e me orgulhei de estar onde estou. Posso citar as inúmeras defesas de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) das quais participei e orientei, quando vejo aquelas meninas e aqueles meninos encerra-

rem um ciclo formativo e partirem dali para outros voos sociais e profissionais.

Acompanhar estudantes-pesquisadoras/es do grupo de estudos e pesquisas apresentando seus trabalhos de Iniciação Científica ou TCCs em congressos pelo Brasil e até fora do país também é um tipo de contribuição à sociedade que muito me orgulha. No entanto, se fosse preciso escolher uma realização em particular, considero a abertura do primeiro programa de pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física de Alagoas o maior feito do qual participei durante minha trajetória na instituição.

Depois de ter migrado dentro do país para prosseguir com meus estudos na área de Educação Física, por não existir mestrado e doutorado na área no nordeste brasileiro, retornar para a região, participar da construção do projeto, aprová-lo no pleito e colaborar para a inauguração do Mestrado Profissional em Educação Física na Ufal é motivo de grande orgulho para mim. O grupo de docentes que se encontrava no Instituto de Educação Física e Esporte (Iefe) na ocasião era altamente qualificado, com vasta experiência de atuação no estado de Alagoas, e havia muitas variáveis e condicionantes para fechar o coletivo de quatro professores/as-pesquisadores/as que deveriam participar da formulação e submissão da proposta da instituição à rede nacional organizadora deste programa.

Os muitos embates e divergências epistemológicas, pessoais e históricas quase me fizeram desistir desta empreitada, e a própria proposta institucional por pouco não foi abortada. No entanto, com muita sabedoria e paciência, colocamos o interesse público acima de tudo. No momento da redação deste texto, estamos finalizando a matrícula da terceira turma de mestrado em Educação Física escolar do contexto alagoano, com 22 discentes matriculados e outros 12 a iniciarem o curso em março de 2025.

Momento Histórico

O momento histórico marcante, para mim, nesta curta trajetória ainda, foi a aula inaugural do nosso Mestrado Profissional em Educação Física Escolar. Ela ocorreu em 14 de abril de 2023, no auditório da Reitoria da Ufal, e fez parte da programação da I Semana Acadêmica do Instituto de Educação Física e Esporte, que, após a saída dos cursos do Centro de Educação (CEDU), se consolidou como uma unidade acadêmica independente.

Na ocasião, celebramos a história da Educação Física alagoana, o curso da Ufal e a sua longa batalha de cinco décadas pela abertura de mais uma possibilidade, como a de oferecer um curso de pós-graduação em nível de mestrado. Docentes que viveram toda essa história de lutas sociais e acadêmicas, e outros mais jovens, como eu, que chegaram há pouco e vivenciaram apenas a ponta do iceberg de um trabalho histórico, celebraram juntos um marco fundamental: a emergência da formação continuada de excelência para a Educação Física de Alagoas.

Legado durante meus quatro anos no lefe

O que conseguimos fazer em quatro anos atuando no ensino superior de uma universidade federal, pública, gratuita e socialmente referenciada? O que é possível realizar quando, nesse recorte temporal, inclui-se uma pandemia, atividades presenciais suspensas e um desgoverno federal que atacou socialmente e financeiramente a ciência, a docência e as instituições de ensino superior do país?

Considero, sobretudo, que deixaria na Ufal hoje colegas de trabalho e estudantes que se tornaram grandes amigos e amigas. Poderia aqui citar feitos acadêmicos e educacionais, como a criação de um grupo de pesquisa em mídias e tecnologias no contexto de

uma unidade acadêmica focada em Educação Física e Esporte, ou a participação na instalação e manutenção do Mestrado Profissional em Educação Física Escolar, o ProEF.

Poderia também atribuir o mérito aos inúmeros TCCs que tenho orientado e às primeiras orientações de mestrado da unidade com as quais tenho colaborado. No entanto, certamente, nos próximos cinquenta anos, esses feitos se dissiparão na grandeza da Educação Física da Ufal, e estarei no meu cantinho contemplando e celebrando os novos marcos históricos a partir da minha insignificância cultivada. Por isso, reafirmo que o grande legado deixado por mim até aqui é a cultura da amizade dentro da comunidade universitária do Iefe, sobretudo com aquelas e aqueles que são subalternizados na hierarquização social produzida e reproduzida no interior da universidade, como as/os camaradas servidoras/es terceirizadas/os e as/os estudantes.

Futuro

Imagino para a Educação Física da Ufal um futuro muito profícuo, com a produção de conhecimento nas múltiplas perspectivas que nossa área permite, especialmente com vistas à valorização e reconhecimento dos seres humanos em sua inteireza, potência e singularidade, possível em cada momento.

Outro dia, inclusive, sonhei com a construção de um Centro de Estudos e Pesquisas em Movimento Humano e Práticas Corporais dentro do Iefe/Ufal. Ora, por que não? Neste espaço de formação, encontro social e acadêmico, desejo que os corpos possam ser tudo o que quiserem e puderem ser, para o bem de uma sociedade inclusiva, democrática, participativa, fundada no bem comum.

Almejo que alcancemos a totalidade das/dos jovens alagoanas/os que sonham, um dia, estudar Educação Física e que possam fazer disso uma profissão digna, respeitada e valorizada socialmente.

Mensagem aos discentes

Queridas/os estudantes e egressos da Educação Física da Ufal, desfrutem da sabedoria e da sensibilidade social que nossa área nos permite desenvolver, especialmente no que se refere à atenção e ao cuidado com os corpos de cada ser humano. Com isso, em cada ato profissional e ação social que realizarem no cotidiano, semeiem o bem viver, o respeito e a alegria em todas as práticas corporais e com todos os praticantes com que se depararem ao longo de suas vidas.

Levem os saberes da nossa área em seus corações e espalhem a felicidade comum que é conhecer, experimentar, expressar e viver plenamente os corpos que cada um de nós veio para ser.

Pontos de interseção pessoal e profissional

Como mencionei anteriormente, minha afeição pelo esporte, especialmente pelo futebol, e pelo Clube de Regatas Flamengo, tornou-se um dos principais objetos de estudo na minha trajetória na Educação Física. As relações entre esporte, sociedade, cultura e meios de comunicação, que a princípio eram apenas hábitos cotidianos de um jovem filho da classe média trabalhadora de Aracaju, transformaram-se em projetos de pesquisa da minha atuação profissional na universidade. Essas questões se constituem, atualmente, como ponto de intersecção com a história de muitos outros estudantes com os quais tenho tido contato no Iefe/Ufal.

Por outro lado, os estudos e leituras constantes para o desenvolvimento do trabalho pedagógico e científico na Educação Física

da Ufal, assim como as inúmeras reuniões administrativas dos conselhos, colegiados e comissões da universidade, todas fundamentadas em princípios democráticos de plena participação e escuta, não me permitem mais agir de maneira diferente em qualquer espaço social que eu venha a frequentar. Escutar, escutar e escutar tornou-se o meu mantra na construção da sociedade em que desejo viver e que busco produzir diariamente.

Mensagem dos docentes ativos aos docentes que passaram ou Mensagem dos docentes aposentados aos docentes ativos

Certa vez, ao buscar o significado da palavra “agradecer”, encontrei um de seus sentidos mais profundos: **RECONHECER**. Retomo essa ideia aqui, neste espaço, para ressaltar todo o meu reconhecimento àquelas e àqueles que nos antecederam e construíram essa história cinquentenária. Eu as/os reconheço como imprescindíveis. Eu as/os reconheço como fundamentais. Eu as/os reconheço como marcantes. Para cada uma e cada um, independentemente do tamanho de sua passagem na Educação Física da Ufal, dos erros e acertos aplicados, das tradições e contradições criadas, das construções e desconstruções elaboradas, meu **MUITO OBRIGADO**. Pois, como nos ensinou Emília Viotti: “um povo sem memória é um povo sem história”.

Referências

BETHÂNIA, M. **Caderno de Poesias**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.



15

MIRAÍRA NOAL MANFROI E JOSÉ RICARDO LOPES FERREIRA **2 ANOS DE UFAL (TEMPORÁRIOS I)**

Miraíra Noal Manfroí
José Ricardo Lopes Ferreira

A canção “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, é a nossa escolha para a leitura do capítulo, pois o exercício da docência está ligado a um fazer político, e assim como nos atenta Vandré, “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. Neste tempo que passamos no Iefe, direcionamos nossas forças a contribuir para a justiça social por meio de um trabalho crítico e reflexivo com nossos alunos, reiterando o compromisso firmado há 50 anos pelo Iefe.

A obra de arte que representa os professores temporários para comemoração dos 50 anos da Educação Física da Ufal é “Meninos Soltando Pipas”, de Candido Portinari, porque acreditamos que o movimento humano é o que mantém o sentido de a Educação Física continuar existindo e resistindo. Desejamos que os movimentos sejam carregados do sentimento de liberdade, leveza e entrega.

Figura 1 - Meninos Soltando Pipas - Candido Portinari (1941).



Fonte: Google Imagens.

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais [...]”

(Alves, 2000, p. 93)

Levantamento histórico dos professores temporários do Iefe

A educadora Miraíra Noal Manfroi, está como professora visitante no Iefe/Ufal. Cursou licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no Departamento de Educação Física. Fez especialização em escutas antropológicas e poéticas com crianças. Especialista em Educação no Campo. Finalizou mestrado em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade Federal de Santa Cata-

rina (UFSC) e doutorado pelo mesmo programa e instituição. Tem desenvolvido pesquisas, especialmente, com foco nos temas crianças, brincar, natureza, cultura popular.

O professor José Ricardo Lopes Ferreira é atualmente professor substituto nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física do Instituto de Educação Física e Esporte (Iefe) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) onde concluiu sua graduação em Licenciatura em Educação Física em 2017, quando o curso ainda integrava o Centro de Educação (CEDU). No mesmo ano, ingressou no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/CEDU/Ufal), em que se dedicou ao estudo das Tecnologias Digitais e das Metodologias Ativas, áreas que o aproximaram da formação de professores. Em sua trajetória profissional, atuou como docente do componente curricular Educação Física nas redes públicas municipais de Rio Largo e Joaquim Gomes, ambas em Alagoas, além de ter lecionado na rede estadual de ensino de Alagoas.

A professora Mayara Vieira Damasceno foi professora substituta nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física do Iefe/Ufal durante os anos de 2023 a 2025. Coursou a graduação em Educação Física na Ufal, fazendo parte da primeira turma do curso de Bacharelado em 2006. Possui doutorado direto pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE/USP). Tem experiência em pesquisa com ênfase em desempenho aeróbio e suas variáveis determinantes, desenvolvendo trabalhos em temas relacionados ao exercício físico e desempenho de endurance.

O professor Higor Vinícius Rodrigues Spinati Silva (Higor Spinati) foi professor substituto nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física do Iefe/Ufal de 2023 a 2025. Graduado em educação física bacharelado pela Universidade Federal de Lavras (MG) em 2013, se mudou para Maceió em 2014 e ingressou na

Universidade Federal de Alagoas onde fez o mestrado em Nutrição Humana (FANUT/Ufal), Doutorado em Ciências da Saúde (PP-GCS/Ufal) e também a Licenciatura em Educação Física no Iefe.

Ainda nesta universidade, o professor move, no ato de escrita deste livro, um dos maiores projetos com a comunidade externa, o projeto Fábrica Coletiva de Talentos - FCT - que, durante 10 anos, cumpre os objetivos de descobrir talentos no voleibol e/ou de aproximar os adolescentes da universidade para despertar o interesse deles pelo ensino superior e o futuro profissional. Um projeto de muito sucesso dentro dos seus objetivos, diga-se de passagem. O professor Higor tem experiência com pesquisas e extensão voltadas para o esporte, suplementação, genética e treinamento esportivo, tanto na preparação técnica quanto na preparação física de atletas e amadores.

Seção livre

Contribuição dos professores temporários à sociedade de maior orgulho ao longo dos 50 anos

É com muito orgulho que nos eternizamos por meio deste capítulo e, mais do que isso, carregamos a responsabilidade de representar os diversos profissionais que passaram temporariamente pelo Instituto de Educação Física e Esportes (Iefe) e deixaram contribuições significativas para os egressos dos cursos de Bacharelado e Licenciatura, pioneiros no estado de Alagoas.

O momento que vivemos no Iefe é especialmente marcante para toda a sociedade alagoana, que hoje colhe os frutos produzidos ao longo dos últimos 50 anos. Nosso papel como professores temporários tem uma relevância fundamental para a melhoria da qualidade de ensino, tanto na graduação quanto na pós-graduação,

pois damos suporte para que os cursos possam se expandir e tomar novos horizontes.

A exemplo disso, nossa contribuição permite que os docentes efetivos possam se dedicar a cargos de gestão, à orientação em programas de pós-graduação e às licenças para estudo. Como professores temporários, assumimos a responsabilidade de manter a qualidade de ensino das disciplinas que nos são confiadas, garantindo a continuidade das atividades acadêmicas zelando pelo desenvolvimento de competências para os futuros profissionais.

Como sujeitos históricos, reconhecemos que nossas contribuições não se limitam apenas ao conteúdo técnico ou acadêmico, mas também ao desenvolvimento integral dos alunos, promovendo valores como a responsabilidade, o compromisso social e a cidadania. Cada aula, cada interação e cada experiência compartilhada têm o potencial de transformar não apenas o ambiente acadêmico, mas também o contexto social em que esses profissionais irão atuar. Assim, nosso papel transcende a sala de aula, uma vez que contribuímos para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e consciente do seu papel transformador.

Alguns de nós já eram inseridos em projetos de pesquisa e extensão na Ufal e deram continuidade com projetos que contribuem com a sociedade Alagoana, movendo projetos como as pesquisas com a comunidade esportiva e a extensão, como no caso do FCT, que traz diversos adolescentes para dentro da universidade para praticarem esporte dentro dos muros dela e, direta e indiretamente, fazer parte dos projetos de pesquisa e ensino, integrando diversos cursos da instituição e causando uma maior atração desses adolescentes para o ensino superior, mostrando a realidade que muitas vezes é desconhecida por eles e muito simplória sobre esse “universo” que é a nossa instituição.

Para além da contribuição que deixamos, é importante lembrar que a educação é um processo de trocas mútuas e significativas. Após os dois anos como professores temporários, nossa partida é inevitável, pois todo ciclo tem seu fim. No entanto, sairemos muito melhores do que entramos, porque aprendemos tanto quanto ensinamos, o que nos tornou não apenas profissionais mais qualificados, mas também pessoas melhores. Afinal, “[...] quem ensina, aprende ao ensinar, e quem aprende, ensina ao aprender” (Freire, 2011).

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

ALVES, R. **A alegria de ensinar**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

16

MAYARA VIEIRA DAMASCENO E HIGOR VINÍCIUS RODRIGUES SPINELI SILVA 2 ANOS DE UFAL (TEMPORÁRIOS II)

Mayara Vieira Damasceno
Higor Vinícius Rodrigues Spineli Silva

Momento Histórico

Legado dos professores temporários no Iefe

Fazer parte do quadro docente do Iefe/Ufal tem um significado especial. Principalmente no momento em que esse instituto completa 50 anos. No tempo que permanecemos no Iefe pudemos vivenciar o que, de fato, a universidade significa e o quanto ela já se transformou ao longo do tempo. Vimos o que ela proporciona para a comunidade acadêmica, externa e para tantos outros segmentos. Isso nos faz pensar em como essa oportunidade é grandiosa e tudo que podemos proporcionar e realizar nesse período.

Como professores temporários nós nos renovamos a cada semestre, pois a capacidade de adaptação a novas disciplinas e a diferentes demandas institucionais é algo tão corriqueiro quanto a velocidade que tudo acontece na Ufal. E quando nos referimos a “tudo

que acontece” estamos falando de presenciar quase diariamente a um quadro pequeno de docentes publicar livros, artigos, atender à comunidade externa com inúmeros projetos de extensão, criar comissões, participar de inúmeras reuniões, viajar para congressos nacionais e internacionais, proporcionando vivências para uma enormidade de alunos que tem na universidade uma chance de alçar voos altos e de sucesso. Vimos parcerias acontecerem, pesquisas serem desenvolvidas, atletas serem formados. Então não é possível ficar alheio a tudo isso. Nós somos chamados à ação, somos convidados pelo nosso entorno a fazer parte desse ambiente. E fomos.

Ensinaamos no Bacharel e na Licenciatura. Ministramos disciplinas que dominávamos facilmente e outras que precisávamos quebrar a cabeça para conseguir transmitir a melhor mensagem para os alunos. Contribuímos em disciplinas de outros docentes. Nos envolvemos em projetos de pesquisa, orientação de alunos e atividades de extensão. Tivemos turmas do início, do meio e do fim dos cursos. Presenciamos o primeiro período cheio de expectativas e de vontades. E os últimos períodos tão apressados e com tantas preocupações com o mercado de trabalho e com o trabalho de conclusão de curso. Nos adaptamos a essas particularidades, procurando levar o melhor de cada conteúdo para as salas de aula e para fora dela. Porque também aprendemos algo essencial: a universidade não fica restrita às paredes da sala de aula. Fomos para a quadra, para a pista de atletismo, para as escolas, para a praia. Levamos brincadeiras para as crianças, esporte para adolescentes e adultos, movimento para a sala de aula e educação para fora dela. Construímos laços. Porque não é possível ensinar sem amor.

E é com o amor pelo que fazemos que continuamos firmes na missão de educar, compartilhar e transmitir o que aprendemos para

aqueles que agora estão vivenciando a universidade, fazendo com que, de fato, a nossa passagem por aqui tenha valido a pena.

Futuro

Alguns de nós, professor temporários, somos frutos desta instituição como ex-alunos, e isso nos permitiu acompanhar a evolução do curso e as mudanças que tivemos ao longo de vários anos desde que saímos da graduação até o momento da nossa curta estadia como professores. Isso nos traz uma perspectiva sobre o que podemos esperar sobre o futuro da universidade pública, da educação física como um todo e do Iefe/Ufal.

Enquanto universidade, acreditamos que ela é e sempre será, ao menos em parte, o futuro da humanidade. Em tempos onde o negacionismo, sobretudo o científico, a celeridade nas conexões e informações, verídicas ou inverídicas, e o extremo contato apenas virtual tem tomado conta das nossas relações sociais, a universidade pode ser vista como um local de esperança, nos trazendo ciência de verdade, contatos reais e interações sociais que podem debater, dialogar, refletir e mudar o futuro de uma nação.

A educação física não é diferente. Costumamos dizer que ela é um universo particular. Plural, diversificado e muito amplo no seu contexto de existência e atuação profissional. Cursar educação física e assumir esse curso de formação e atuação profissional traz uma grande responsabilidade com o futuro da comunidade e da sociedade. É inegável a contribuição da educação física para todo esse contexto. Através de uma atuação e reflexão mais crítica sobre hábitos de saúde e promoção da qualidade de vida, além da possibilidade de formação e crescimento através do esporte, sem esquecer das aulas de educação física dentro da escola, é que o nosso curso existe. Nossa área de atuação passa por tudo isso, incentivando a atividade física desde as

salas de aula do ensino fundamental até as academias de ginásticas, projetos esportivos, e diversos centros de atuação da educação física.

E a educação do Iefe/Ufal também faz parte deste eixo. Ao longo dos anos, a educação física sofreu diversas transformações pedagógicas, sociais e físicas na Ufal. Uma grande mudança foi a criação do Instituto, nomeado Iefe, visto que até a sua criação fazíamos parte de outros institutos. A partir dessa independência, pudemos ter nosso espaço unitário e pudemos mover o curso de acordo com nossas ideologias e pensamentos, de forma que nos assemelhássemos cada vez mais à pluralidade que nossa área permite. A criação do complexo esportivo do Iefe, com toda sua imensidão, nos trouxe uma grande abertura de portas para grandes projetos e parcerias em que nossos alunos pudessem estar mais inseridos nas práticas do curso e vivenciar cada vez mais a atuação profissional na área. Atualmente, o Iefe tem uma grande parcela da comunidade inserida no seu dia-a-dia e, para o futuro, esperamos que esse número cresça ainda mais e que a universidade, através do Iefe/Ufal, possa cada vez mais dar esse retorno para a comunidade externa, abarcando-a dentro dos nossos muros e permitindo que ela utilize dos nossos espaços (que também são delas, por direito).

Esperamos ver os espaços do complexo esportivo amplamente utilizados, com consciência e com uma educação física com uma atuação profissional pautada na realidade prática. Esperamos ver o Iefe lotado com a comunidade interna e externa à universidade, com crianças, adolescentes e adultos praticando os esportes, seja a nível educacional, a nível de participação e também à nível competitivo. E esperamos que essa ocupação do nosso espaço seja assistida pelos colegas professores e trabalhada por nossos alunos, futuros profissionais, usufruindo da universidade e ao mesmo tempo entregando um retorno à sociedade Alagoana, podendo interagir cada vez mais com

a realidade prática na educação física, podendo crescer e aprender cada vez mais, populando o Iefe como ele deve estar, lotado, utilizado e evoluindo, juntamente com seu quadro de professores, o qual temos e teremos orgulho de dizer que um dia nós fizemos parte.

Mensagem aos discentes

Há muitos caminhos para se chegar ao curso de Educação Física na Ufal. Ao acompanharmos vocês, discentes, ao longo dos anos, ouvimos e acolhemos múltiplas histórias, em sua maioria marcadas por momentos de luta, dedicação e comprometimento. Como professores temporários, nosso objetivo é contribuir para que o período em que estejam no curso seja aproveitado da melhor maneira possível. Ao planejarmos as disciplinas, ministrarmos nossas aulas, entre outros afazeres, buscamos contribuir para a construção de sua formação inicial, para que você se sinta pertencente e entusiasmado a atuar como professor de Educação Física nas mais diversas áreas que a nossa profissão permite.

Cursar uma graduação é como estar na ponta do “iceberg”, é como conhecer 10% da imensidão que nosso curso nos permite viver. E, se ele nos permite viver, vivam com intensidade, de maneira integral e dedicada, para que vocês possam acessar com mais facilidade os outros 90% do seu “iceberg”. Participem de projetos de extensão, projetos de pesquisa e projetos acadêmicos com dedicação e afinco. Se entreguem de verdade nesse universo que vocês estão inseridos e façam do Iefe sua nova casa. Esse lar, mesmo que você mude de casa com novos projetos, jamais deixará de ser o seu lugar!

Compreendemos assim, que cada um de vocês trilhará uma jornada única no curso, mas esperamos que as memórias, experiências e aprendizados os acompanhem em sua atuação profissional. Que, juntos, possamos construir uma Educação Física mais hu-

mana, consciente, crítica e comprometida em transformar vidas e contextos sociais.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

17

MÁRCIA CHAVES-GAMBOA SILVIO SÁNCHEZ GAMBOA (*IN MEMORIAM*) CELI NELZA ZULKE TAFFAREL APOSENTADOS

Márcia Chaves-Gamboa
Celi Nelza Zulke Taffarel

O presente texto é fruto da autoria de três professores, cujos trabalhos acadêmicos não devem ser separados ou fatiados, mas sim articulados, integrados e coesos. Dada a importância da produção acadêmica no Nordeste do Brasil, ao longo desses 50 anos da Educação Física na Ufal, mantivemos a contribuição dos três.

Inicialmente, apresentamos uma música, uma pintura e uma frase que servem como epígrafes para o que se segue.

Indicamos a canção “Bella Ciao”, de autoria popular, como uma introdução ao capítulo, pois estamos vivenciando um período histórico marcado por ameaças de crise nuclear, mudanças climáticas, devastação do meio ambiente, desumanização, destruição de soberanias, democracias e retirada de direitos da classe trabalhadora. Vivemos uma regressão social, e é urgente a transição para outro projeto histórico.

A obra de arte escolhida para a comemoração dos 50 anos da Educação Física da Ufal é “Free Palestine”, de Mark Beerdom, pois ela retrata a desumanização em curso, simbolizada pela morte de crianças que nunca terão a possibilidade de viver em um mundo onde todas as pessoas possam ser felizes e viver em paz. Um mundo onde todas as pessoas possam ter acesso à cultura corporal para desenvolver suas capacidades humanas de forma omnilateral.

Figura 1 - “Free Palestine”, de Mark Beerdom.



Fonte: Google Imagens.

A frase que elegemos nos diz que

[...] em história não se fazem nunca grandes coisas sem pequenas coisas. Mais exatamente: as pequenas coisas,

numa grande época, quando integradas numa grande obra, deixam de ser 'pequenas coisas' (Trotsky, 2009).

A partir dessas epígrafes, que nos servem como orientação, pois dizem respeito ao tempo histórico em que estamos inseridos, e nossa posição diante da barbárie — especialmente em relação às guerras e à desumanização — exigem que cada indivíduo e, principalmente, o coletivo, aja como se fosse possível transformar radicalmente o modo de produção da vida.

Na sequência, apresentamos dados que, de forma lógica, consideram os fatos e acontecimentos dentro de um contexto histórico, especificamente o tempo da ditadura empresarial-militar, que ainda reverbera em muitas estruturas e práticas sociais contemporâneas.

Biografia

A Universidade Federal de Alagoas (Ufal) foi criada em 25 de janeiro de 1961, por meio de um decreto do presidente Juscelino Kubitschek. Em 1964, o Brasil vivenciou um golpe empresarial-militar que perdurou por 25 anos, sendo neste contexto histórico que foi instituído o Curso de Licenciatura em Educação Física da Ufal, no contexto da obrigatoriedade da disciplina de Educação Física para todos os cursos de ensino superior no Brasil.

É importante destacar que a Constituição Brasileira de 1988, em seu Artigo 207, assegura que as universidades possuem autonomia didático-científica, administrativa, financeira e patrimonial, além de serem orientadas pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Márcia Chaves-Gamboa ingressou na Ufal como professora em 1974, após aprovação em concurso público, e trouxe consigo uma sólida formação acadêmica. Licenciada em Educação Física pela

Universidade Federal de Pernambuco (1972), obteve Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade do Amazonas (1973) e especializações nas áreas de Ciências do Esporte (1980), Esporte para Todos (1986), e Educação Física Não Formal (1987). Ao longo de sua trajetória na Ufal, atuou como professora adjunta IV e foi responsável por importantes convênios e projetos de pesquisa, como o convênio com o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (1999-2004) e o Grupo de Pesquisa LEPEL-Ufal CNPq.

Além disso, participou ativamente do Mestrado em Administração no CCSA/Ufal (2001) e foi professora no Mestrado em Educação Física Escolar e no Curso de Pós-Graduação em Educação Física da Ufal. Também coordenou e participou de diversos projetos de cooperação nacional e internacional, sendo uma das responsáveis pela instalação e manutenção do Mestrado Profissional em Educação Física Escolar na Ufal.

Sua trajetória se estendeu para a Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde desenvolveu diversas ações de cooperação nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, incluindo o Projeto Centro de Desenvolvimento do Esporte de Lazer da UFBA e a produção de livros e artigos com o coletivo de pesquisadores do grupo LEPEL/UFBA e LEPEL/Ufal. Com um pós-doutorado pela Faculdade de Educação da UFBA (2005), sua pesquisa se concentrou na produção do conhecimento em Educação Física no Nordeste do Brasil, especificamente nos estados de Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe, no período de 1982 a 2004.

Márcia também tem uma contribuição relevante na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde foi a primeira professora da Ufal a cursar mestrado (1990-1993), defendendo uma dissertação sobre “A disciplina Recreação e Lazer no currículo de formação de profissionais de Educação Física no Nordeste do Brasil”.

Em seu doutorado, realizado na mesma instituição, abordou a formação profissional em Educação Física e Esporte, refletindo sobre as possibilidades emancipatórias e os desafios do mercado de trabalho.

Sua atuação no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) inclui uma ampla participação em comitês científicos, coordenando o Grupo de Trabalho de Epistemologia (2007-2015) e contribuindo para a divulgação e comunicação da Secretaria Estadual do CBCE de São Paulo.

Ao longo de sua carreira, Márcia se dedicou à formação acadêmica, à produção de conhecimento e ao diálogo constante com as demandas da sociedade. Seu trabalho continua a ser referência nas áreas de Educação Física, Educação, Formação Profissional e Avaliação.

Celi Nelza Zulke Taffarel

Possui Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 1993) e Pós-Doutorado na Universidade de Oldenburg, Alemanha (1999). Atuou como professora na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) de 1977 a 1999, onde ministrou cursos de Graduação e Especialização, orientou projetos de Iniciação Científica e atuou no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE (1994-2000), orientando 20 Dissertações de Mestrado.

Em 2000, tornou-se Professora Titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde atuou na Graduação nos cursos de Educação Física, Pedagogia e Educação do Campo da Faculdade de Educação (FACED/UFBA). Orientou 50 Dissertações de Mestrado e 45 Teses de Doutorado, além de supervisionar oito Pós-Doutorandos. Atualmente, orienta duas Dissertações de Mestrado e oito Teses de Doutorado, além de supervisionar quatro Pós-Doutorandos.

Foi Professora Visitante da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação de Professores (PPGEFOP), em Arapiraca (2022-2023).

Sua produção acadêmica é vasta, com 70 publicações em periódicos Qualis A e B, além de livros como autora e coautora de artigos e capítulos. Também foi Pesquisadora Executiva do Diagnóstico Nacional do Esporte, com financiamentos do FINEP e CNPq.

Foi Pesquisadora de Produtividade em Pesquisa do CNPq nas áreas de Educação Física (2008-2011) e Educação do Campo (2018-2021).

Entre suas atividades administrativas e acadêmicas, foi Diretora da FAGED/UFBA (2008-2012) e Coordenadora do Projeto Piloto de Educação do Campo da UFBA (2008-2013). Coordenou também a Ação Escola da Terra, Curso de Especialização em Pedagogia Histórico-Crítica para as Escolas do Campo (2016-2022), além de coordenar o PRONERA/UFBA.

Foi Membro do Fórum Estadual de Educação e Educação do Campo e Presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) no período de 1998-2002. Coordenou a ANFOPE Nordeste entre 2018 e 2019 e exerceu a função de Secretária Geral do ANDES-SN (2002-2004).

Atuou como parecerista de periódicos nacionais e internacionais e também como parecerista da CAPES e CNPq. Sua experiência em intercâmbio e cooperação internacional inclui parcerias com instituições da Alemanha, Portugal, Itália e Espanha, além de sua participação na Comissão Nacional do PRONERA/INCRA/MDA.

Sua contribuição para a Ufal é visível nas orientações acadêmicas, nas publicações científicas, nas pesquisas realizadas e nos eventos científicos organizados, tendo deixado um legado signifi-

vo na formação e pesquisa no campo da Educação Física e Educação do Campo.

Contribuição à sociedade de maior orgulho ao longo dos 50 anos

Neste percurso histórico, destacamos as orientações acadêmicas, com ênfase na orientação da professora Dra. Joelma de Oliveira Albuquerque, uma pessoa extraordinária (Hobsbawm, 1998), atualmente atuando no Curso de Educação Física da Ufal/Arapiraca. Também ressaltamos as pesquisas, os eventos, os livros publicados pela EDUFAL e outras editoras, além da colaboração com entidades científicas, especialmente o CBCE.

Esse trabalho foi possível graças à cooperação com diversos grupos de universidades brasileiras, com os quais houve intercâmbio de saberes e experiências. Destacamos especialmente os seguintes grupos: (1) **LOEDEFE/UFPE** – Laboratório de Estudos Descritivos em Educação Física, Esporte e Lazer da UFPE, que se dedicou a estudos acadêmicos e pesquisas na área de Educação Física; (2) **LEPEL/FACED/UFBA** – Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer da Faculdade de Educação da UFBA, ambos liderados pela professora Dra. Celi Taffarel, que também foi professora visitante da Ufal/Arapiraca no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação de Professores (PPGEFOP) de 2022 a 2023; (3) **PAIDEIA/FE/UNICAMP** – Grupo de Pesquisa da Faculdade de Educação da UNICAMP, liderado pelo professor Dr. Silvio Sánchez Gamboa, cujo foco foi a produção de conhecimento e a reflexão sobre a educação física e suas relações com as práticas sociais.

Os trabalhos realizados nesses grupos repercutiram positivamente na Ufal, com impactos diretos na formação acadêmica e científica da instituição. Esses intercâmbios fortaleceram a produção

acadêmica e consolidaram a Ufal como um centro de excelência na área, contribuindo para o avanço do conhecimento sobre Educação Física, Esporte e Lazer, além de ampliar as possibilidades de colaboração e parcerias interinstitucionais:

- **Formação de Educadores:** que tem sido fundamental na formação de profissionais da educação física, orientando e inspirando alunos a se tornarem educadores comprometidos com a saúde e o bem-estar da sociedade. A abordagem pedagógica valorizou a ética, a inclusão e a responsabilidade social;
- **Pesquisa e Inovação:** contribuição com pesquisas que abordaram temas importantes, como a prática de atividades físicas, a saúde da população e a inclusão social através do esporte. Foi gerado nestas parcerias um conhecimento que beneficia tanto a comunidade acadêmica quanto a sociedade em geral;
- **Projetos de Extensão:** foram desenvolvidos diversos projetos de extensão, com ênfase na formação para o trabalho científico, a metodologia científica, buscando elevar a capacidade teórica em especial dos estudantes e também, ações com diferentes segmentos da população, promovendo atividades que incentivavam hábitos saudáveis e o desenvolvimento social;
- **Promoção da Saúde:** contribuições para a compreensão de Educação Física que compõe políticas de promoção a saúde, devendo as práticas esportivas serem direito de todos. O Programa Esporte para Todos explicitou esta abordagem;

- **Participação em Eventos e Redes:** neste período histórico, a participação em eventos científicos e em trabalhos acadêmicos em REDES nacionais foi intenso, principalmente porque foram construídas REDES antes não existentes na Educação Física.

Esses trabalhos cooperativos deixam, tanto no Curso de Educação Física da Ufal quanto na sociedade em geral, contribuições de grande relevância social.

Destacamos, como exemplo de um trabalho intenso e significativo, a professora Dra. Joelma de Oliveira Albuquerque, pessoa extraordinária (Hobsbawm, 1998), que foi Pró-Reitora de Extensão da Ufal (2016-2020) e Coordenadora do Curso de Educação Física da Ufal/Arapiraca. Formada no Curso de Educação Física da Ufal (2000-2004), Dra. Joelma possui uma formação acadêmica sólida e diversificada. Ela obteve seu mestrado na UFBA (2005-2007) e doutorado na Unicamp (2008-2011), destacando-se em áreas como promoção da saúde, inclusão social e pedagogia da educação física. Sua formação formal, além das capacitações, congressos e seminários dos quais participou, demonstra seu compromisso com a atualização constante de seus conhecimentos e práticas.

Sua trajetória acadêmica e sua vasta experiência têm impactado positivamente tanto a formação de alunos quanto a comunidade em geral, contribuindo para o avanço das práticas educacionais na Educação Física.

Outro ponto importante a destacar são as publicações de livros pela EDUFAL, que contribuem de maneira significativa para a área acadêmica. Alguns desses livros incluem: Lazer e Recreação no currículo de Educação Física (2.^a ed., 2003); Pedagogia do Movimento: diferentes concepções (2.^a ed., 2003); Prática pedagógica e produção do conhecimento na Educação Física Esporte e Lazer

(2003); Pesquisa na Educação Física: epistemologia, escola e formação profissional (2009); Epistemologia da Educação Física: as inter-relações necessárias (2.^a ed., 2010); Prática de Ensino: formação profissional e emancipação (3.^a ed., 2011); Teorias e pesquisas em educação: os pós-modernismos (2011); Poeira pelos caminhos: brincadeiras de ontem e de hoje (2011); Produção do conhecimento na Educação Física: balanços, debates e perspectivas (2015).

Além dessas publicações pela EDUFAL, muitos outros livros foram lançados por editoras como ARGOS, Ao Livro Técnico, CORTEZ, EXPRESSÃO POPULAR, LIBRUM, MERCADO DAS LETRAS e UNIJUÍ. Um exemplo importante é a obra “Produção do conhecimento na Educação Física no Nordeste Brasileiro: o impacto dos sistemas de pós-graduação na formação dos pesquisadores da região”, organizada por Márcia Chaves-Gamboa, Silvio Sánchez-Gamboa e Celi Taffarel, publicada em 2017 pela Editora Librun. Esta obra, disponível tanto em versão impressa quanto digital (ebook-www.librum.com.br/edfisne), oferece uma análise abrangente e profunda sobre o impacto da pós-graduação na formação de pesquisadores da região Nordeste do Brasil.

Essas publicações demonstram a constante contribuição da Ufal e de seus docentes para o desenvolvimento da Educação Física e para o avanço do conhecimento acadêmico na área.

Momento Histórico

Para além das sensações e emoções, que foram muitas, destacamos a formação de Grupo de Pesquisa, a articulação e contribuição com Entidade Científica – CBCE, a contribuição apoiando o professor Visitante Silvio Sánchez Gamboa na Ufal e, hoje, a contribuição da REDE NACIONAL DO LEPEL.

Legado durante os 50 do lefe

Deixamos como legado, entre nossas principais contribuições, a dedicação do coletivo de pesquisadores da rede LEPEL ao desenvolvimento de metodologias de ensino que visam melhorar a prática pedagógica na Educação Física, além da atuação em projetos de extensão que buscam integrar a universidade à comunidade. Também em pesquisas que visam compreender e aprimorar as práticas de atividade física e esporte, promovendo uma visão crítica e reflexiva sobre o papel da Educação Física na sociedade, nos vários campos de trabalho abertos aos professores de Educação Física. Além disso, a participação coletiva em eventos acadêmicos, publicações e orientação de alunos e egressos fortalece a formação de uma nova geração de educadores comprometidos e capacitados para gerar “pequenas coisas”, nesta grande época em que se faz imprescindível transformar as relações sociais de produção da vida. Através de nosso trabalho acadêmico, contribuímos para a consolidação do Curso de Educação Física da Ufal, e isso muito nos orgulha.

Futuro

A mensagem que deixamos se refere às funções da universidade e à nossa responsabilidade histórica neste momento em que a humanidade enfrenta crises que exigem respostas urgentes. Em tempos tão desafiadores, é essencial que a cultura corporal, enquanto objeto de estudo da Educação Física, seja reconhecida como um direito fundamental e chegue a todos os povos – do Campo, das Águas e das Florestas – como uma política pública acessível, inclusiva e transformadora.

Mensagem aos discentes

Aprendemos e deixamos aqui a mensagem defendida por Ângela Davis, a qual exercitamos nos longos e árduos anos de construção do Curso de Educação Física da Ufal. Nesse processo, formamos professores de Educação Física e produzimos conhecimentos científicos que nos permitem, hoje, reconhecer a grande contribuição do Nordeste do Brasil e suas universidades públicas para o desenvolvimento de uma teoria crítica e superadora da Educação Física. Como Davis afirmou: “Você tem que agir como se fosse possível transformar radicalmente o mundo. E você tem que fazer isso o tempo todo”. E foi exatamente isso o que fizemos durante toda essa trajetória.

Pontos de interseção pessoal e profissional

Destacamos aqui um aspecto da vida pessoal que se mesclou com a vida profissional: foi a convivência com o professor Dr. Silvio Sánchez Gamboa, relação da qual, além do profícuo trabalho acadêmico, nasceu nossa querida Marcita, uma experiência ímpar, visto que decidimos, após os 61 anos, dar à luz um ser humano.

Durante 22 anos, convivemos com o que significa a luta pela emancipação humana, que depende do acesso ao patrimônio histórico da humanidade — filosofia, ciência, artes — que nos torna humanos e capazes de realizar, enquanto classe, a práxis revolucionária.

Destacamos a dimensão que diz respeito às condições necessárias para gerar e garantir a VIDA. O professor Dr. Silvio sempre demonstrou responsabilidade e generosidade com a vida humana e com a vida em nosso planeta. O ápice dessa responsabilidade e generosidade foi gerar Marcita, que se soma a muitas outras(os) filhas e filhos acadêmicos com os quais convivemos e com os quais demonstramos nossa responsabilidade e generosidade em relação à preservação da vida.

Queremos destacar a enorme dedicação do professor Dr. Silvio à ciência, à rigorosidade científica e às entidades científicas, profissionais e sindicais. O professor Dr. Silvio deixou suas marcas intelectuais e científicas, rigorosas, em entidades como o CBCE, onde realizamos na Ufal o V Colóquio de Epistemologia da Educação Física com a temática “A Problemática da relação teoria e prática: diversas perspectivas”, nos dias 22 e 23 de outubro de 2010. Também podemos mencionar, como exemplo de rigorosidade, o fato de o professor Dr. Silvio ter atuado em entidades como a ANFOPE e de ter integrado o Coletivo Renova Andes-SN na luta sindical, não separando, portanto, as premissas teóricas da programática.

Queremos mencionar ainda o enorme trabalho do professor Dr. Silvio Sánchez Gamboa e sua contribuição para a Teoria do Conhecimento, com seus trabalhos de mestrado e doutorado, nos quais desenvolveu uma Matriz de Análise Epistemológica da produção do conhecimento. Essa matriz nos permitiu reconhecer o recuo da teoria através das análises das tendências epistemológicas presentes na produção do conhecimento nas áreas da Educação e da Educação Física.

Finalmente, queremos destacar a contribuição do professor Dr. Silvio na formação científica de novas gerações de professores pesquisadores, por meio de centenas de cursos realizados em nosso país, incluindo a Ufal, como professor visitante, bem como na implementação de pesquisas de caráter nacional financiadas por agências de fomento, como a FAPESP. Essas pesquisas trataram do balanço do conhecimento da Educação Física no Nordeste e Norte do Brasil, e foram articuladas em uma rede de pesquisadores de diversas instituições.

Soma-se a isso as orientações de estudantes de graduação, especialização, mestrado, doutorado e supervisão de pós-doutorado, onde destacamos a orientação da pesquisadora e professora da Ufal,

Joelma de Oliveira Albuquerque, em nível de monografia e tese de doutorado. Esse trabalho foi desenvolvido com o rigor científico necessário, garantindo que as novas gerações recebessem uma formação exigente e necessária para o desenvolvimento da ciência com rigorosidade.

Mensagem dos docentes aposentados aos docentes ativos

Como mensagem aos docentes atuais, destacamos o que aprendemos com o professor Dr. Silvio Sánchez Gamboa: Pergunte, pergunte e pergunte cientificamente sobre a realidade concreta e investigue com radicalidade, com rigorosidade e com uma perspectiva de totalidade. Assim, saberemos os nexos e relações que existem ao defender a Educação Física humanista, progressista, crítica-superadora, a Universidade pública, laica, democrática, inclusiva e de qualidade socialmente referenciada, em tempos de avanço da extrema-direita, de obscurantismo, negacionismo, da hegemonia da teocracia e da destruição do patrimônio público, que serve para a emancipação da classe trabalhadora.

Assim, o lógico e o histórico, compreendidos cientificamente, nos servem como armas para a luta coletiva de superação do capitalismo, visando uma educação física e uma formação humana emancipatória, para além do capital.

Referências

HOBSBAWM, E. **Pessoas Extraordinárias**. 3º Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TROTSKY, L. **Questões do modo de vida**. São Paulo: Sundermann, 2009.

18

FRANCISCO DE ASSIS FARIAS UMA VIDA DEDICADA À EDUCAÇÃO FÍSICA: 44 ANOS DE CARREIRA NA UFAL APOSENTADO

Francisco de Assis Farias

Biografia

Minha história com a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) começou no dia 17 de março de 1976, quando entrei como professor bolsista através de concurso, com uma carga horária de 12 horas semanais. Na época, o cargo era o que hoje chamamos de professor substituto, com carga horária que poderia ser de 20 ou 40 horas, dependendo da demanda. Foi um momento de grande responsabilidade, pois o curso de Educação Física ainda estava dando seus primeiros passos e a necessidade de profissionais era urgente. Fui contratado para lecionar as disciplinas Handebol I e II, algo que sempre esteve próximo da minha formação e paixão. No entanto, dada a carência de professores, logo me vi ensinando outras disciplinas, como Ginástica II, que abordava os métodos natural austríaco e desportivo generalizado, além de Educação Física obrigatória para todos os cursos da universidade.

O desafio inicial foi me adaptar à versatilidade exigida de um professor em um curso ainda em formação. Lecionar disciplinas variadas me trouxe um senso de responsabilidade e de crescimento profissional muito grande. Mesmo com a demanda diversificada de conteúdos, me sentia realizado ao contribuir com o desenvolvimento dos primeiros alunos de Educação Física na Ufal. Lembro-me de como era necessário um esforço adicional, não apenas para preparar as aulas, mas também para garantir que os estudantes tivessem uma formação sólida, mesmo com a falta de recursos humanos e materiais.

Ainda no ano de 1976, em novembro, prestei concurso para professor colaborador com uma carga horária de 40 horas semanais, e em 1º de fevereiro de 1977, assumi como professor efetivo. Com o passar do tempo, fui acompanhando o crescimento do curso e, ao mesmo tempo, observando a necessidade de novos concursos para contratação de mais professores. O quadro era insuficiente, e, conforme mais turmas ingressavam, o desafio de manter a qualidade do ensino era constante. A formação de novos professores era imprescindível para suprir a demanda crescente, e muitos colegas precisaram ser encaminhados para outras instituições, a fim de adquirirem novos conhecimentos, seja por meio de especializações ou mestrados. No início, além de Handebol I e II, também assumi Ginástica II, o que me obrigou a mergulhar nos métodos austríaco e desportivo generalizado, ampliando minha atuação.

A disciplina de Educação Física obrigatória para todos os cursos da universidade também estava sob minha responsabilidade. Como o curso de Educação Física era, na época, vinculado ao Departamento de Medicina Especializada (MES), que pertencia ao Centro de Ciências da Saúde (CESAU), havia uma maior interação com outras áreas da saúde, o que ampliava o escopo do curso e a responsabilidade dos docentes.

Em 1980, surgiu uma oportunidade de me especializar. Fui classificado para fazer um curso de pós-graduação a nível de especialização na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul. Naquela época, a escassez de cursos de mestrado era grande, e a especialização representava uma valiosa conquista. O curso teve uma duração de um ano, com 420 horas de estudo, e, para a época, era considerado quase um mestrado, dada a diversidade e profundidade dos conteúdos. O curso ampliou minha visão pedagógica e técnica, trazendo novas abordagens para as disciplinas que eu já lecionava.

Deixei temporariamente o cargo de coordenador do curso de Educação Física, função que assumi durante um período inicial de crescimento do curso. Ao retornar em 1981, reassumi a coordenação e continuei lecionando Handebol I e II. Além disso, comecei a ministrar Ginástica III, com um enfoque nos métodos de treinamentos desportivos. Era um momento de grande satisfação, pois via o curso crescendo e se consolidando, mesmo que ainda tivéssemos desafios constantes, como a escassez de professores e a sobrecarga daqueles que permaneciam lecionando enquanto outros saíam para se especializar.

Com o passar dos anos, as demandas do curso de Educação Física na Ufal continuaram a crescer. Surgiu a necessidade de abrir concursos para disciplinas cada vez mais específicas, acompanhando o desenvolvimento do curso e as necessidades dos alunos. Além disso, à medida que mais professores buscavam capacitação em outras instituições, os que ficavam tinham que assumir ainda mais responsabilidades. Foi nesse contexto que passei a ministrar também a disciplina de Organização de Eventos Esportivos, que exigia uma visão ampla não apenas da prática esportiva, mas também da logística e planejamento de competições e eventos.

Com o crescimento do curso, surgiu a demanda de atender alunos que trabalhavam durante o dia e não tinham a oportunidade de cursar uma faculdade em período integral. Assim, foi criado o curso de Educação Física no turno noturno, uma inovação que permitiu a muitos jovens ingressarem no ensino superior. Foi um momento de grande realização, pois estávamos ampliando as oportunidades de formação, oferecendo educação a um público que, de outra forma, teria poucas chances de se qualificar. A criação do turno noturno, no entanto, trouxe novos desafios. Como professor, tive que lecionar ainda mais disciplinas para atender à nova demanda.

Entre as disciplinas que passei a ministrar no curso noturno estavam Metodologias de Ensino nos Jogos e Brincadeiras na Educação Física, Esporte Coletivo I, Fundamentos Teórico-práticos dos Jogos e dos Desportos, e Metodologia do Ensino do Handebol. O curso noturno se consolidava, e a coordenação desse turno também exigia um olhar atento para garantir que a qualidade do ensino fosse mantida, apesar das dificuldades. Ver os alunos ingressarem nesse novo turno e se desenvolverem como futuros profissionais da Educação Física era extremamente recompensador.

Com o tempo, o curso de Educação Física na Ufal foi se modernizando e acompanhando as mudanças no ensino superior. A criação do curso de bacharelado foi uma dessas inovações, o que trouxe mais uma mudança estrutural significativa. O curso de bacharelado passou a funcionar também no turno noturno, e aos poucos, o curso de licenciatura noturno foi sendo extinto. Durante essa transição, continuei lecionando diversas disciplinas de conteúdos variados, até que, finalmente, o curso de licenciatura na parte da noite foi completamente encerrado.

Posso afirmar, com grande orgulho, que nos últimos anos que antecederam minha aposentadoria, continuei ministrando discipli-

nas como Jogos e Brincadeiras e Projetos Integradores II, além da Metodologia dos Desportos Coletivos. Foi um período de grande dedicação, e saber que contribuí diretamente para a formação de tantos profissionais me trouxe uma sensação de dever cumprido.

Após 44 anos de dedicação ao curso de Educação Física da Ufal, decidi me aposentar no dia 17 de março de 2020. Embora minha intenção inicial fosse permanecer até a aposentadoria compulsória, motivos particulares me levaram a antecipar essa decisão. Mesmo assim, saí da universidade com a certeza de que meu trabalho havia deixado uma marca, não apenas no curso, mas também nas vidas de tantos alunos que passaram por minhas aulas ao longo das décadas.

Com a aposentadoria, me vi com mais tempo para me dedicar a outra grande paixão: a escrita. Durante os anos de atividade na Ufal, sempre me interessei por poesia e escrita criativa, mas só após a aposentadoria consegui mergulhar de cabeça nesse universo. Lancei dois livros de poesias, “Riscos e Rabiscos e Aquilo que Escrevo”, que refletem minhas reflexões sobre a vida, o ensino e o esporte.

Agora, estou prestes a realizar um dos meus maiores sonhos: o lançamento do meu terceiro livro, *Eu e o Handebol: Uma Vida de Histórias*. Nele, compartilho as experiências que vivi ao longo da minha carreira como treinador e professor de handebol.

Cada história é uma memória preciosa que quero dividir com o público, especialmente com aqueles que, assim como eu, dedicaram suas vidas ao esporte. Ao escrever este livro e refletir sobre minha jornada, percebo o quanto o curso de Educação Física da Ufal foi importante para mim e para tantas outras pessoas. Em 2024, o curso completa 50 anos de existência, e é com grande honra que celebro essa data histórica. Foram cinco décadas de crescimento, desafios e muitas conquistas, e sinto-me privilegiado por ter sido parte dessa trajetória por 44 anos.

O curso de Educação Física da Ufal formou gerações de profissionais que hoje atuam em diversas áreas do esporte e da educação, e é emocionante ver como ele se consolidou como uma referência em nosso estado e país. Parabenizo a todos os colegas, professores e alunos que ajudaram a construir essa história, e espero que o curso continue a prosperar, formando novos talentos e promovendo o desenvolvimento do esporte em Alagoas e no Brasil.

Hoje, como um professor aposentado, olho para trás com satisfação e orgulho. A Ufal foi minha casa por 44 anos, e durante todo esse tempo, me dediquei de corpo e alma à formação de profissionais de Educação Física. Agora, com o lançamento do meu livro, sinto que estou fechando um ciclo de forma gloriosa, compartilhando com o mundo as histórias que vivi e o amor que sempre tive pelo handebol e pelo ensino.

Essa nova fase da minha vida, dedicada à prática esportiva e à escrita, tem sido uma jornada igualmente enriquecedora. E saber que contribui, de alguma forma, para o sucesso do curso de Educação Física da Ufal é algo que sempre guardarei com carinho no coração. Minha história com a educação e o esporte nunca terminará, e estou ansioso para ver onde essa nova fase da vida me levará.

Referências

ASSIS, S. **Eu e o Handebol**. SWA Instituto Editora, 2024.

19

A CHEGADA DA DANÇA NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFAL

Patrícia Ayres Montenegro
Noemi Loureiro

Biografia

Em 1974, chegou a Maceió a Professora Maria Madalena de Santana Neta, para realizar o concurso para professores do Curso de Educação Física da Ufal. Já sendo docente do curso, que à época estava vinculado ao Centro de Ciências da Saúde (CSAU), foi convidada pelo Prof. José Medeiros, Pró-reitor de Extensão da Ufal, para desenvolver projetos que atendesse a toda a comunidade universitária. Assim, nasceu o Grupo de Dança Contemporânea da Universidade Federal de Alagoas, com o objetivo de promover formação e informação, a partir da extensão e pesquisa da dança com os alunos do Curso de Educação Física da Ufal.

Madalena Santana formou-se na primeira turma do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Nesse período, os profissionais da área buscavam qualificação fora do estado ou até mesmo fora do país para aprimorar seu conhecimento acadêmico. Naquela época, as universidades do Norte e Nordeste não ofereciam programas de especialização na área de Educação Física.

Com o objetivo de melhorar sua qualificação e continuar sua trajetória acadêmica, após sua nomeação como professora da Ufal, Madalena segue para o Rio de Janeiro com a intenção de aprimorar sua formação profissional nos diversos programas de especialização lato sensu na área de Educação Física, com ênfase em Dança. Madalena Santana realizou pós-graduação em Ensino da Dança Contemporânea na Universidade Gama Filho, em 1979, em Folclore na Universidade Castelo Branco e em Ginástica Rítmica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Todas essas pós-graduações, tendo a dança como elemento central, forneceram a Madalena Santana as ferramentas necessárias para trabalhar com maior propriedade e familiaridade nas disciplinas que ministrava no Curso de Educação Física da Ufal. Essas disciplinas abordavam temas da dança, destacando-se a disciplina de Rítmica, e outras específicas, como Dança Educacional, Dança aplicada à Educação Física, Dança I e Dança II, que integravam os programas de diversas faculdades de Educação Física no país.

Naquela época, poucas universidades brasileiras mantinham cursos de pós-graduação lato sensu, e eram raras as que ofereciam cursos stricto sensu na área das Artes. Madalena Santana também frequentou os cursos promovidos pela Oficina Nacional de Dança Contemporânea da Bahia, realizada pela Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA) desde 1977.

Foi no ambiente criativo e estimulante da Oficina de Dança Contemporânea da Bahia, que incentivava a criação de inúmeros grupos de dança por todo o país, que a Professora Madalena assistia aos espetáculos à noite e, durante o dia, participava dos cursos e oficinas. Além disso, sempre que possível, retornava aos cursos ofertados pela UFRJ e aos aperfeiçoamentos promovidos e ministrados

por Eliana Peng, que eram propícios para investigações, discussões e intercâmbio de experiências.

Com toda essa bagagem adquirida, Madalena Santana começa a estruturar um grupo de estudos com discentes do Curso de Educação Física/Licenciatura da Ufal. Sua prioridade era o ensino da dança voltado para a educação escolar, buscando compreender a estrutura, o significado, o valor da dança e sua importância no contexto educacional. Para ela, a dança integrada às demais áreas ligadas às artes era essencial para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, no exercício de sua cidadania, contribuindo significativamente para o trabalho educativo em nível básico.

Durante os encontros e discussões sobre o ensino da dança nas escolas públicas e privadas de Alagoas, Madalena percebe a necessidade de criar um grupo de dança para colocar em prática o que vinha sendo debatido em sala de aula. Sua intenção era clara: tinha preocupação não em formar bailarinos, mas divulgar a dança dentro das instituições de ensino, declarou em entrevista concedida à autora em 26 de junho de 1992. Em 1975, assim, surge o Grupo de Dança Moderna, com uma abordagem pedagógica da dança.

Nesse universo acadêmico, ambiente propício à criação da estética contemporânea, os estudos e as experiências do grupo foram transcendendo a sala de aula, sendo transportados para espaços inusitados, como teatros, palcos e praças, e se firmando a cada momento. Madalena Santana, ao perceber a necessidade de integrar teoria e prática no exercício da dança, convidou para o estado alguns professores renomados nacionalmente, com o objetivo de trabalhar com o grupo recém-criado, fomentando assim tanto a pesquisa quanto a extensão.

Na década de 70 do século passado, ocorreram muitas atividades na área artística e cultural na Ufal, em forma de eventos ou

em ações voluntárias. Surgiram movimentos como o Corufal (1973), coordenado pelo Prof. Benedito Fonseca, dando sequência com as professoras Maria Augusta e Socorro Queiroga; ainda nesse ano, a incorporação do Teatro Universitário Alagoano – TUA à Ufal; o Cinufal; a fundação da Biblioteca Central; a criação do conjunto musical coordenado pela Professora Maria Augusta²⁵; o Grupo Folclórico coordenado pela Professora Maria José Carrascosa, bem como o já citado Grupo de Dança Moderna, coordenado pela Professora Madalena Santana. Um período de inovações e propagação da nossa cultura pelas instituições educacionais, impulsionadas pela Ufal.

Essa exposição à cultura produzida e divulgada pela Ufal, por meio dessa *práxis* pedagógica, chegava à sociedade alagoana, instituindo mudanças no imaginário social de quem tinha acesso a essa nova linguagem da arte que entrava no cenário escolar alagoano através de seus novos professores. O movimento da dança moderna alagoana, que posteriormente foi denominado movimento da dança contemporânea local, era percebido e registrado pela imprensa alagoana. Na reportagem do Jornal de Alagoas, datada de 3 de novembro de 1982, podemos verificar, na matéria intitulada “Festival de Arte destaca atuação de grupo alagoano”, a importância atribuída ao Grupo coordenado pela Professora Madalena no XI Festival de Artes de São Cristóvão/SE:

[...] destacou-se de forma incomum, e, segundo os participantes, apresentou uma proposta realmente voltada para a dança contemporânea, abordando uma temática essencialmente regional e valorizando as potencialidades existentes nas manifestações populares do Nordeste (Jornal de Alagoas, 1982).

25 PROFESSORA MARIA JOSÉ CARRASCOSA Professora do departamento de extensão da Ufal e coordenava o Grupo Folclórico Professor Theo Brandão na Ufal.

A participação do Grupo de Dança Moderna da Ufal recebeu destaque na edição especial dos meios de comunicação do Festival. O trabalho apresentado, *Noves Fora Nada*, teve como coreógrafo o Professor Fernando Passos e contou com a direção artística de Madalena Santana. O trabalho surgiu após uma oficina ministrada pelo referido professor, egresso da UFBA, e foi desenvolvido como laboratórios de movimento quanto ao domínio e consciência do corpo, relações de espaço, tempo, forma e improvisações como motivações variadas (textos literários, música, jogos, etc.). O resultado foi a estrutura coreográfica dos solos, duos, grupos e subgrupos, tratando das diversas relações do indivíduo na trajetória de sua vida.

A intenção da Professora Madalena era mostrar a dança como veículo de comunicação, e não “formar dançarinos”. Para tanto, o professor Jonas Dalbequi chegou a Maceió, vindo do Rio de Janeiro e a convite de Madalena Santana, para ministrar um curso de seis dias com a comunidade universitária. Outros profissionais também estiveram presentes em Maceió a convite da Professora Madalena Santana; entre eles, podemos destacar Mira Pacheco, da Universidade Gama Filho; Klauss Vianna, que se destacava com seus trabalhos de conscientização e expressão corporal, vindo do Teatro Municipal de São Paulo; Fernando Passos, Reginaldo Flores e Marta Saback, todos integrantes da UFBA. Com a realização das oficinas durante o dia e as apresentações dos grupos locais e dos convidados à noite, criava-se um ambiente ao mesmo tempo formativo, informativo e propulsor para o surgimento de novos trabalhos.

O Grupo de Dança Moderna da Ufal era eclético: inicialmente, alunos do Curso de Educação Física, e posteriormente, alunos de cursos como Engenharia, Odontologia, Medicina, entre outros. Era um total de 25 componentes, com alguns homens em cena, fato

impressionante numa cidade em que o preconceito em relação ao homem fazer dança era grande.

Madalena teve a oportunidade de levar o grupo para se apresentar em diversos encontros de dança, na década de 80, como o XI Festival de Arte de São Cristóvão/SE, o Festival de Dança Contemporânea da Bahia e a vários municípios alagoanos.

O grupo durou 12 anos, coordenado pela Professora Madalena Santana, de 1975 a 1987. A primeira apresentação foi em 1975. Um grande incentivador na formação do grupo e responsável por sua continuidade foi o Pró-Reitor de Assuntos Estudantis e Comunitários, Prof. José Medeiros.

No programa datado de 1978, foram apresentados dois trabalhos. O primeiro, intitulado Eccos, com música de Vinicius de Moraes, e o segundo, Alegria, Alegria, com coreografias de Madalena Santana. Já se podia constatar, embora acanhadamente, a presença masculina no grupo. O Grupo de Dança Moderna da Ufal acumulou no seu currículo participações no VI e VII Festival de Artes de São Cristóvão/SE. Somente na década seguinte surgem e se estabelecem os Festivais de Dança em Maceió.

O I Festival de Dança Contemporânea, através da Coordenação de Extensão Cultural/Núcleo de Dança Moderna da Ufal, coordenado pela Professora Madalena Santana, ocorreu de 21 a 23 de novembro de 1980, com o apoio significativo da Professora Dulce Aquino, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Este festival agregou, além do Grupo de Dança Moderna da Ufal, as Escolas de Ballet Eliana Cavalcante e Maria Emília Vasconcelos (as únicas academias de balé na cidade de Maceió à época). Surgiram então o Grupo de Dança do Colégio Madalena Sofia, o Grupo de Dança do SESC, o Grupo de Dança da Escola Monteiro Lobato, o Grupo de Dança do CEAGB, e os convidados Antonin Dvorak de Sergipe,

o de Marta Saback da Bahia e o Grupo de Dança Contemporânea André Maurois do Rio de Janeiro.

Importante percebermos a presença dos grupos das escolas públicas e privadas de Ensino Básico, Fundamental e Médio do Estado de Alagoas, frutos das experiências dos alunos orientados por Madalena Santana no Curso de Educação Física.

Essa articulação do trabalho do Curso de Educação Física com o movimento corporal, especificamente a dança, possibilitou aos futuros docentes uma atuação significativa no ensino básico, conquistando um espaço importante na educação escolar. Essa experiência concreta proporcionou aos discentes uma vivência que projetava a profissão de professor, exercitando também suas potencialidades nos aspectos da competência pedagógica e sociopolítica.

Numa tentativa de conquistar maior espaço e difundir novas linguagens estéticas da dança em Alagoas, os festivais foram fortes estímulos para que grupos locais, regionais e nacionais constituíssem espaços para intercambiar suas experiências, o que proporcionou mais amadurecimento e visibilidade à dança na cidade.

Em 1981, no II Festival de Dança Moderna da Ufal, ocorrido no auditório Guedes de Miranda, na antiga reitoria na Praça Sinimbu, percebe-se, além da presença do Grupo de Dança da Ufal, os Grupos de Danças da Escola Técnica Federal de Alagoas, do Colégio Sagrada Família, do Colégio Rui Palmeira, da Escolinha Monteiro Lobato, da Escola Santa Marta, do Colégio Deraldo Campos, do SESC, o Transart, dirigido pelo Professor Rogers Ayres, além de grupos convidados como o Studium de Dança de Aracaju, dirigido por Lu Spinelli, o Grupo de Dança da UFBA, dirigido por Marta Sabag, o Grupo Corpo Vivo do Recife, dirigido por Diana Fontes, e o Grupo de Dança André Maurois do Rio de Janeiro.

Foi uma época profícua para os dançarinos realizarem cursos de curta duração, ministrados por profissionais de companhias ou grupos convidados. Estes propunham um novo entendimento sobre a dança, incentivando investigações, discussões e o intercâmbio entre os grupos locais e os convidados. Desse modo, formou-se e expandiu-se um público cada vez mais familiarizado com as propostas de dança apresentadas.

Neste II Festival de Dança da Ufal, pode-se destacar a oficina de Dança Moderna ministrada pelo carioca Jonas Dalbequi, despertando nos participantes a possibilidade de trabalhar com os pés no chão, modificando o hábito e o comportamento de quem recebia os ensinamentos de dança “nas pontas dos pés”.

Podemos destacar os trabalhos desenvolvidos pelos egressos do Grupo de Dança da Ufal, que foram levados para as escolas públicas e privadas, sobretudo a Escola Monteiro Lobato, Colégio Madalena Sofia e Escola Técnica Federal de Alagoas.

Os festivais de dança promovidos pela Professora Madalena Santana tiveram uma repercussão significativa não só na área acadêmica, como também no tocante ao envolvimento das Academias de Dança. Foi um período fértil para quem estava envolvido com trabalhos artísticos. Madalena Santana trouxe para os eventos por ela promovidos, grupos e personalidades de grande importância na dança moderna/contemporânea da época, vindos do Rio de Janeiro, Recife, Bahia, e Sergipe, além dos residentes em Maceió.

Apesar de todo o seu empenho dentro da Ufal, Madalena Santana, após 19 anos na Universidade alagoana, afirma em entrevista concedida ao autor em 26 de junho de 1992:

Falta apoio, o preconceito é muito forte. Hoje a dança encontra-se dentro das academias, e só quem tem dinheiro é quem pode frequentar, de modo que eu ainda

veja a Universidade como instituição que poderia favorecer o acesso, não só com a dança, mas com todas as outras formas de expressão artística. Poderia haver um núcleo maior.

Nesse depoimento, a Professora Madalena refere-se à importância da ajuda necessária para as atividades artístico-culturais inseridas em programas de atividades comunitárias, não só na formação profissional, mas como transmissoras do saber e agentes de mudança, atuando de forma extensionista em sua área de influência. Por outro lado, a formação adquirida em dança na Ufal, ocorreu, nesse período, apenas no curso de Licenciatura em Educação Física (devido a inexistência de um curso de graduação em Dança).

Questionando a professora Madalena Santana sobre o término, em 1987, do Grupo de Dança Moderna da Ufal, em entrevista ao autor em 26 de junho de 1992, ela desabafa:

Não foi político, foi de desgaste mesmo. A gente trabalhava muito, não tinha sala específica de dança, trabalhava no restaurante da Universidade, tinha de esperar as pessoas terminarem o serviço da noite, da janta, tinha de esperar os alunos, tudo era à noite. No período dos Festivais, os meninos tinham de vender sanduíches na praia do Francês, vendiam o que tinham para poder viajar; não se tinha uma fita, um disco, uma roupa de dança, e todos eram alunos da Universidade, e eu Professora. [...] Se não conseguimos fazer um trabalho mais forte foi devido a tantas dificuldades. Nós não aguentávamos mais carregar um som 19 anos para cima e para baixo dentro da Universidade.

Como tudo que é bom dura pouco quando não é bem apoiado, o grupo da professora Madalena na Ufal dispunha de um espaço com estrutura física inadequada, dificultando os ensaios e iniciando um processo de desgaste. Uma matéria do Jornal de Alagoas, datada

de 3 de novembro de 1982, intitulada “A fantástica aventura do grupo de dança da Ufal”, de autoria de Rosivan Vanderlei, busca mostrar as dificuldades enfrentadas pela professora Madalena Santana para a manutenção do grupo na Ufal. Destacamos apenas alguns trechos do referido artigo:

[...] um convite ao Núcleo de Dança da Universidade Federal de Alagoas visando sua participação no XI Festival de Artes de São Cristovão [...] a Coordenação de Extensão Cultural da Ufal, consultada sobre as possibilidades de viagem, ofereceu apenas o ônibus, cabendo ao grupo o dever de conseguir combustível [...] o grupo decide, em comum acordo, pela realização de uma festa no restaurante universitário, com o lucro sendo revertido para as despesas com combustível e outros gastos [...] não deu os resultados esperados [...] Combinou-se, então, utilizar os refrigerantes e cervejas que não foram vendidos na Festa Tropical, como fonte de lucro durante o Festival da Tainha, realizado na Praia do Francês. [...] Armou-se uma barraca, com um cartaz, com os seguintes dizeres: AJUDE O GRUPO DE DANÇA DA CONTEMPORÂNEA DA Ufal” [...] ainda assim não arrecadaram o suficiente para a compra do combustível para a viagem Maceió-São Cristovão-Maceió [...] o Coronel Cleto surpreendeu considerando a viagem de grande importância por tratar de um grupo que representaria a Ufal num encontro de arte de grande repercussão e patrocinado pela Universidade Federal de Sergipe com o apoio do Governo Estadual daquele Estado além do MEC através da Funarte e da Fundação Roberto Marinho. Empenhou-se, deslocando-se até o gabinete do vice-reitor, prof. Audálio Cândido dos Santos, que, ao ouvir as observações do hoje ex-diretor do DSG, decidiu pela liberação do ônibus e do combustível (Jornal de Alagoas, 1982).

Mas a trajetória do Grupo de Dança Contemporânea da Ufal e da professora Madalena Santana não para por aí, como pudemos constatar no artigo do Jornal de Alagoas de 3 de novembro de 1982:

[...] O grupo de Dança Contemporânea da Ufal consagra-se ao se apresentar na noite de encerramento do evento, numa programação que incluiria grupos importantes como o Stagium e grupos das Universidades da Bahia, Ceará, Paraíba, Sergipe, Pernambuco e Rio de Janeiro (Jornal de Alagoas, 1982).

Sem dúvidas, uma fantástica aventura dessa amazonense, amante da dança, das nossas tradições brasileiras e confiante na força da educação para o desenvolvimento e transformação da sociedade. Grandes vultos, grandes histórias! Parafraseando seu poeta preferido, Jorge de Lima: “Essa Madalena Santana! Ah, essa Madalena!”

Encerrando este envolvente relato sobre os desafios dos pioneiros do Curso de Educação Física da Ufal e a trajetória da implantação do ensino da Dança neste curso, Madalena nos lembrou, ao concluir nossa entrevista, de um saudoso e grande mestre da Educação Física. Segue uma citação de Silvino Santin (1987), que nos lançava para o futuro da Educação Física nos livros que escrevia.

A Educação Física terá maior identidade, maior autonomia, quando se aproximar mais do homem e menos das antropologias. Quando deixar de ser instrumento ou função para ser arte. Quando se afastar da técnica, da mecânica e se desenvolver criativamente (Santin, 1987, p. 28).

Referências

JORNAL DE ALAGOAS. A fantástica aventura do Grupo de dança da Ufal. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 3 nov. 1982.



20

AMANDIO ARISTIDES RIHAN GERALDES 29 ANOS DE UFAL

Amandio Aristides Rihan Geraldês

Indico a canção “*Ebony and Ivory*”, de Paul McCartney e Stevie Wonder, para a leitura do capítulo, pois deveria refletir os desejos de todas as pessoas.

A obra de arte que escolhi para comemoração dos 50 anos da Educação Física da Ufal é “A Noite Estrelada”, de Vincent Van Gogh.

Figura 1 - “A Noite Estrelada”, de Vincent Van Gogh.



Fonte: Google Imagens.

Frase, pensamento, reflexão: Para que o mal triunfe, basta que os bons não façam nada (Burke, 2005), do filósofo e político inglês Edmund Burke.

Biografia

Nascido no Rio de Janeiro em 1952, casei-me em 24 de julho de 1987. Após o nascimento de minha primeira filha, em busca de uma vida mais calma e segura, viemos os três – eu, minha mulher e filha (com 3 meses) – para Maceió. Fui contratado como coordenador técnico de uma academia no bairro da Ponta Verde. Contudo, devido à minha vivência como auxiliar de ensino nas disciplinas de Biometria, Anatomia e Cinesiologia Humana na Universidade em que me formei (Universidade Castelo Branco - UCB/RJ), eu tinha a esperança de participar de um concurso público para a Universidade Federal de Alagoas.

Infelizmente, quando chegamos à cidade, um concurso para a universidade tinha acabado de ocorrer, e, portanto, eu teria que esperar muito tempo para participar de outro.

Finalmente, no início da década de 90, participei do concurso desejado, e, por sorte, exatamente para a disciplina de Biometria. Contudo, tive que esperar que o professor da disciplina se aposentasse. Vale a pena destacar que a validade do concurso estava prestes a vencer quando os alunos da matéria de Biometria decidiram paralisar as aulas até a aposentadoria do professor responsável pela disciplina.

Após a confusão, assumi o cargo em 30 de janeiro de 1995. A partir dessa data, fui responsável por diversas disciplinas no curso de graduação em Educação Física e em outros cursos, lecionando matérias como: Futebol, Testes, Medidas e Avaliação em Educação Física, Composição Corporal, Cinesiologia e Metodologia da Pesquisa.

Confesso que demorei algum tempo para me acostumar com as dificuldades vivenciadas como professor de uma universidade pública (exemplo: pouca verba disponível, falta de material, greves recorrentes, entre outras). No entanto, apesar dos percalços, tenho muito a agradecer pela oportunidade de ter vivido essa experiência. Embora tenha enfrentado muitas tristezas e frustrações, as alegrias que vivenciei compensaram os anos de dedicação. Essa experiência me trouxe inúmeras descobertas e crescimento, e hoje agradeço a Deus pela oportunidade.

Seção livre

Sem medo de ser considerado pouco humilde, tenho certeza de ter colaborado de maneira adequada para a formação de muitas pessoas. Não posso deixar de mencionar que uma das maiores alegrias de minha vida (até hoje) tem sido o desempenho dos alunos de nosso curso na vida profissional ou em concursos. Além de me encher de orgulho, sinto-me recompensado pelo meu esforço e dedicação à Universidade.

Legado durante meus mais de 20 anos no Iefe

Além do orgulho de ter contribuído para a formação profissional de tantas pessoas, como professor, coordenador de curso e líder de linha de pesquisa e laboratório, tenho a certeza de ter deixado rastros de minha passagem pelo Curso de Educação Física e pela Universidade.

Entre as muitas coisas que me orgulham durante meus anos na Ufal, destaco as seguintes: 1) o fato de quase todas as minhas publicações terem se originado de orientações de TCC; 2) como coordenador do curso, ter sido o responsável pela construção do conjunto

de salas de nosso Bloco; 3) ter participado do grupo de professores que, com suas ideias, ajudaram na construção do Centro Esportivo; 4) ter sido responsável, juntamente com o Prof. Dr. Alexandre Magno Câncio Bulhões e outros poucos professores, pela ideia, construção e montagem da sala do Laboratório de Treinamento de Força (Musculação) de nosso curso; e, finalmente, 5) ter iniciado a luta pela abertura do curso de mestrado do Curso de Bacharelado de nossa Unidade. Aliás, é necessário parabenizar os professores que, acreditando na possibilidade, conseguiram, em 2024, iniciar o curso de mestrado em associação com outra universidade.

Futuro

Mesmo aposentado e distante dos principais problemas da universidade, tenho muito orgulho do meu trabalho e da minha formação. Agradeço à vida e à ajuda de Deus por ter conseguido criar minha família, ter desfrutado da amizade e consideração de muitos de meus pares, e por ter tido meu trabalho reconhecido por vários profissionais da área da saúde do nosso estado. Desejo, de todo o coração, que os profissionais de Educação Física formados pela nossa instituição sejam cada vez mais dedicados e reconhecidos pela sociedade. Quanto ao que lamento não ter visto ou vivido, lamento que, depois de tanta luta, não tenha tido a oportunidade de ver nenhum de nossos alunos fazer seu curso de mestrado em Educação Física em nossa instituição. Entretanto, hoje isso é possível graças aos esforços de alguns de nossos bravos colegas.

Mensagem aos discentes

A mensagem que deixo para os discentes atuais e futuros é que tenham orgulho de seu curso e profissão. Esforcem-se para merecer o reconhecimento profissional. Embora todos queiram ser os melhores, não se esqueçam de que isso exige esforço e, por vezes, algum sofrimento – nada vem de graça. Lembrem-se de que somos uma das profissões da área da saúde, e, portanto, temos responsabilidades importantes com nossos clientes e com a sociedade.

Pontos de interseção pessoal e profissional

Para este tópico, vou repetir uma frase criada pelo psicólogo Howard Gardner (1983), criador da teoria das inteligências múltiplas: Uma pessoa má nunca chegará a ser um bom profissional. O esforço para ser o melhor profissional possível me permitiu conhecer e ter como amigos pessoas incríveis.

Mensagem dos docentes ativos aos docentes que passaram ou Mensagem dos docentes aposentados aos docentes ativos

Como a maioria dos leitores deve saber, tenho estudado o envelhecimento e trabalhado com idosos há mais de 20 anos. Agora que também sou idoso, deixo meu conselho para vocês: se desejam ser velhinhos felizes, nunca se aposentem totalmente. Sempre que puderem, busquem motivos para acordar, para rir, para chorar e ser felizes.

Referências

BURKE, E. **Reflexões sobre a Revolução Francesa**. Tradução de Ana Maria P. E. de M. Costa. São Paulo: Martin Claret, 2005.

GARDNER, H. **Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences**. Nova York: Basic Books, 1983.

21

A UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS E O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A DIMENSÃO FUNCIONAL DA SUA CRIAÇÃO

Patrícia Ayres Montenegro

Esta reflexão faz parte do estudo resultante de meu doutoramento, que buscou situar o Curso de Educação Física da Ufal dentro do contexto histórico do ensino superior alagoano, considerando a complexidade de uma instituição educacional e a significação social que ela tem para a sociedade na qual está inserida. A intenção foi possibilitar um melhor entendimento de como este curso se constituiu, em sua singularidade e identidade, no imaginário alagoano.

Duas pesquisas realizadas anteriormente na Ufal – a primeira de autoria do ex-reitor João Azevedo (1982) e a segunda desenvolvida pelo Prof. Dr. Élcio Verçosa (1996) – mapearam o processo histórico da criação da Ufal, o que possibilitou entender, em seus enraizamentos, como uma universidade, enquanto instituição social, realiza e exprime a sociedade da qual faz parte. Estes estudos, a partir de uma reconstituição histórica, apresentam a configuração do ‘ethos’ da Ufal, permitindo o entendimento de suas características no contexto em que foi gerada.

A Universidade Federal de Alagoas foi criada em 25 de janeiro de 1961, por ato presidencial de Juscelino Kubitschek, através da Lei Federal n.º 3.867/61. Aos poucos, foi incorporando as faculdades isoladas criadas por iniciativa da sociedade alagoana entre as décadas de 1930 e 1950, como a Faculdade de Direito, a Faculdade de Filosofia (antiga Sociedade Guido de Fontgalland, com os cursos de História, Geografia, Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Anglo-Germânicas), a Escola de Engenharia, a Faculdade de Odontologia, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Ciências Econômicas. A Faculdade de Economia foi a primeira criada pela Ufal, no Campus Universitário A. C. Simões, ainda em construção. O projeto previa também a construção do Instituto de Geociências, do Instituto de Física, do Instituto de Química, do Hospital Universitário, do Instituto de Pesquisas Tecnológicas e da Imprensa Universitária.

Em âmbito nacional, a década de 1960 foi marcada pela demanda de propostas de mudanças qualitativas nos conteúdos e procedimentos educacionais, impulsionadas pela política nacional-desenvolvimentista. Esses movimentos se estenderam até o golpe militar de 1964. Este período também foi marcado pela expansão do ensino secundário, o que gerou uma demanda por professores, refletindo-se no ensino superior, principalmente na necessidade de Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, de onde se originavam os professores para o ensino secundário (Brasil, 1985).

A criação da Ufal ocorre nesse contexto, envolvendo tanto as razões políticas mencionadas quanto as razões locais, próprias da sociedade alagoana, que, como Verçosa (1996) observa, envolvem interesses da oligarquia alagoana para a formação acadêmica de seus descendentes, especialmente das mulheres, que já reivindicavam ampliar suas possibilidades de formação profissional. Naquela época,

concluir estudos em nível superior, em muitos casos, só era possível fora do estado.

Para Verçosa (1996), como a Ufal não foi criada

[...] por uma elite progressista, como foi o caso da USP, sua história de fato nos atesta como dentro dela se reproduziu desde o início da sua constituição e continua a se reproduzir até hoje, ainda que sob a forma da retradução que caracteriza a dinâmica cultural, o mesmo ethos da sociedade que lhe deu origem (Verçosa, 1996, p. 396).

O primeiro vestibular unificado da Ufal foi realizado em 1973, e em 1974, foram inaugurados no Campus A. C. Simões o Ginásio de Esportes e a piscina, destinados ao Núcleo de Educação Física e Desportos (NEFD), recém-criado. A preparação do Projeto de Expansão do Desporto e Lazer Universitário e a elaboração do Regimento do NEFD, em 1981, culminaram na criação do anteprojeto do Fundo de Desenvolvimento do Desporto da Ufal, que recebeu apoio do Ministério da Educação (MEC) e do Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD).

Em 1974, treze anos após a fundação da Ufal, foi criado o Curso de Educação Física (CEF), juntamente com outros 23 cursos. Em 1979, o CEF foi oficialmente reconhecido pelo MEC. No ano de sua criação, o CEF foi vinculado ao Departamento de Medicina Especializada, um dos cinco departamentos existentes no Centro de Ciências da Saúde (CESAU).

O vínculo entre Educação Física e medicina no Brasil remonta ao período anterior ao reconhecimento da Educação Física como formação acadêmica. Diversos autores que estudaram a história da Educação Física na sociedade brasileira comentaram tanto os desafios quanto os avanços dessa relação. Na Ufal, em 1971, o Departamento

de Educação Física foi idealizado pelo então reitor Nabuco Lopes como parte integrante do Departamento de Assuntos Estudantis e Acadêmicos, com o objetivo de desenvolver a Prática Desportiva na universidade. Em 1973, o departamento foi vinculado ao Departamento de Medicina Especializada, no Centro de Ciências da Saúde (CSAU), oferecendo inicialmente a disciplina Prática Desportiva, obrigatória para todos os cursos da Ufal. Já a Faculdade de Educação, que foi incorporada à Ufal desde sua fundação, foi inicialmente vinculada ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas, oferecendo os cursos de Pedagogia e Didática, conforme as exigências da legislação da época.

Em 1974, a Ufal contava com 527 docentes, sendo dois doutores, 13 mestres, 289 especialistas e 223 graduados, distribuídos por seis faculdades e cinco institutos. O corpo docente era constituído por 3.843 alunos. A Tabela 1 ilustra a distribuição dos docentes da Ufal em termos de titulação até 1980, enquanto a Tabela 2 mostra o quantitativo de docentes em treinamento, em nível de pós-graduação stricto sensu, no Brasil e no exterior.

Tabela 1 – Distribuição dos docentes da Ufal por titulação, até 1980.

TITULAÇÃO	DOCENTES
Doutor	10
Livre-docente	04
Mestre	112

Fonte: Azevedo (1982).

Tabela 2 – Distribuição dos docentes da Ufal em treinamento (1980).

NÍVEL DA FORMAÇÃO	DOCENTES	
	No Exterior	No Brasil
Doutorado	03	71
Mestrado	03	13

Fonte: Azevedo (1982).

Acompanhar o desempenho da Ufal nos âmbitos do ensino, pesquisa e extensão pode ser fundamental para revelar o perfil de cada Centro que a compunha durante o período de 1980. No relatório da Pró-Reitoria de Planejamento (PROPLAN/Ufal), é possível observar os dados registrados na Tabela 3.

Tabela 3 – Distribuição da produção de pesquisas por Centros da Ufal – 1980/81.

CENTRO	PESQUISAS CONCLUÍDAS	PROJETOS DE PESQUISA APROVADOS	PESQUISAS EM ANDAMENTO	TOTAL
CSAU	08	06	22	36
CCEN	04	07	18	29
CTEC	01	02	06	09
CCBI	01	03	17	21
CCSA	01	00	10	11
CECA	00	03	00	03
CHLA	00	00	03	03

Fonte: PROPLAN – Relatório 1980/81 – Ufal.

Na década de 1980, o Centro de Ciências da Saúde (CSAU), berço do Curso de Educação Física, era o que possuía o maior número de departamentos e o maior contingente docente, embora não tivesse o maior número de cursos nem o maior número de alunos matriculados. Apesar disso, devido ao considerável número de docentes qualificados para a pesquisa, o CSAU se destacava na produção científica da Ufal, embora essa produção fosse ainda incipiente. Até 1980, não há registro de projetos de pesquisa realizados pelo Departamento de Educação Física (DEF), seja dentro do próprio Departamento, seja na Pró-Reitoria de Pesquisa. Contudo, é possível que algumas iniciativas de pesquisa tenham ocorrido de forma vinculada às experiências de ensino, sem a intenção de publicação.

A coleta de dados sobre pesquisa nesse período foi dificultada pela falta de registros adequados nas atividades dos departamentos. Na maioria dos casos, esses registros só começaram a ser feitos após a implantação da Gratificação de Estímulo à Docência (GED) em 1998. A ausência de registros sobre as pesquisas realizadas durante esse período sugere que, para alguns departamentos, a atividade de pesquisa não era valorizada. Esse comportamento seria um dos fatores que marcaria as mudanças nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, pois aquelas que se voltaram para a pesquisa foram recompensadas com maiores investimentos, enquanto as que não deram a devida atenção a essa área acabaram sofrendo as consequências.

Como uma instituição que ainda estava dando seus primeiros passos no ensino superior, e como muitas IES nordestinas da época, a Ufal não conseguiu organizar programas de pós-graduação até a década de 1980. Os docentes da universidade, até aquele momento, estavam mais focados no ensino da graduação, já que não havia incentivos ou cobranças para o desenvolvimento de pesquisas por parte dos departamentos. Além disso, havia grandes dificuldades para a

instituição obter recursos financeiros necessários para fomentar a pesquisa. Assim, o caminho da pesquisa se revelou inviável para muitos departamentos em universidades do porte da Ufal.

Faz-se necessário registrar aqui iniciativas isoladas no Departamento de Educação Física (DEF), como a criação do primeiro Núcleo de Estudos de Recreação e Lazer, estabelecido pela professora Márcia Chaves Valente em 1987. Este grupo, composto pela referida professora, alunos e egressos do Curso de Educação Física da Ufal, elaborou um estudo sobre o perfil do profissional de Educação Física atuante na área de recreação e lazer em Alagoas, que foi apresentado em importante evento nacional da área. Embora não haja registros da criação deste Núcleo no DEF, este estudo aparece como o único projeto de pesquisa registrado na PROPLAN, em 1989. Através das entrevistas com os professores foi possível coletar mais informações.

Se retornarmos um pouco na história e analisarmos os relatórios anuais das atividades desenvolvidas pela Ufal, desde sua criação até 1961, fica evidente a tendência pela extensão, nas suas duas primeiras décadas de existência, justificada pela necessidade de se legitimar na sociedade alagoana, devolvendo a ela o seu produto²⁶ (Azevedo, 1982). Ainda era difícil para a Ufal dar retorno à sociedade alagoana a partir da pesquisa e do ensino, já que, durante as duas primeiras décadas de vida, não tinha corpo docente com titulação adequada²⁷ para o desenvolvimento de pesquisas científicas e para a ampliação da oferta de cursos de graduação em muitas áreas.

26 A Ufal mantinha nesta época um coral, uma orquestra, um grupo folclórico, um grupo musical e um de dança contemporânea, sendo estes dois últimos coordenados por professores do Departamento de Educação Física., além do restaurante universitário, residência universitária masculina e feminina e dois ônibus para o deslocamento de alunos (CECA) e funcionários para o campus.

27 Em entrevista, o Reitor Rogério de Moura Pinheiro explicou como se deu o ingresso dos primeiros docentes na Instituição. Os fundadores, aqueles vindos com as faculdades isoladas incorporadas pela Ufal, junto com os idealizadores da criação da Universidade,

As investigações desenvolvidas no CSAU, em sua maioria, derivavam da própria atividade de ensino, e não havia interesse em divulgá-las em veículos adequados para a produção científica. A preocupação com a formação dos futuros profissionais da saúde estava voltada para uma prática consistente com o bom exercício profissional. Masetto (1998), ao comentar sobre o início do ensino superior no Brasil, lembra que a prerrogativa para o ingresso na docência nesse nível de ensino era o reconhecimento do bom desempenho no exercício profissional por nomes ilustres da sociedade. Devido ao sucesso obtido em suas atividades, esses profissionais eram convidados a exercer a docência nos cursos da respectiva profissão.

O Centro de Ciências da Saúde – CSAU

O CSAU foi o primeiro Centro a aceitar o desafio de uma reforma pedagógica e, a partir de um amplo debate entre seus departamentos e colegiados, reformulou o perfil dos profissionais a ser formado pelo centro. Para atender às necessidades da sociedade alagoana no âmbito da saúde pública, repensando a formação oferecida, principalmente o perfil do médico a ser formado pela Ufal, o CSAU colocou como prioridade as demandas da sociedade alagoana da época e orientou seus cursos para o atendimento às necessidades básicas relacionadas à saúde da população. Portanto, na medicina, não caberia outra formação senão a de um médico sanitарista. Mudar o foco das especialidades médicas para a saúde pública exigia mudanças no corpo docente do curso e maiores investimentos no ensino.

A partir de 1991, entram em vigor novos currículos para todos os cursos da área de saúde, inclusive para o CEF, com um per-

foram transformados em catedráticos e convidavam seus filhos e sobrinhos para ingressarem na vida acadêmica. —“Verdadeiras famílias” fizeram parte da Ufal em seus primeiros anos de vida, mostrando seu caráter oligárquico.

fil epidemiológico, ou seja, com o objetivo de formar profissionais voltados para a saúde pública, em vez de especialistas como vinha sendo feito. Essas novas diretrizes também se refletem no perfil das pesquisas desenvolvidas neste centro, que tomaram outro caminho ao optar pela sólida formação de base do profissional a ser formado na graduação, caminho oposto ao seguido pelo CCEN, que optou pela formação especializada do pesquisador.

Isso reflete, ainda, um importante passo dado na reforma curricular do CEF, reconhecendo o profissional para atuar na saúde, independentemente de ser ele um profissional que atuará na escola, ainda que o currículo se constitua no modelo chamado 2 em 1.

Esta breve reflexão sobre os três eixos da formação universitária em relação ao CSAU nos permite entender que a análise e avaliação das instituições, utilizando os indicadores de produção científica e titulação, não viabilizam uma leitura adequada, por não evidenciando a razão de seus resultados. Dessa forma, não é possível intervir nas instituições com políticas adequadas.

É possível inferir, portanto, que o que faz os docentes desenvolverem suas atividades dentro de seus departamentos não passa apenas pelas condições objetivas de trabalho, mas também por razões subjetivas de várias ordens, que revelam os sentidos e valores que perpassam os imaginários dessas instituições e de seus grupos.

Voltaremos um pouco no tempo para apresentar nosso principal *lôcus* de investigação: o Curso de Educação Física da Ufal.

A Educação Física no CSAU

Foi exatamente na década de 1970, portanto, neste contexto apresentado acima, que nasceu o Curso de Educação Física da Ufal – CEF, sendo integrado ao CSAU. O curso foi implantado em março de 1974 e reconhecido em 04/09/1979, através da Portaria nº 858 do CFE.

Uma visão tecnicista dominava, nesta época, não só este Centro, como toda a Ufal, reflexo das reformas educacionais produzidas a partir de 1968 no país. No período compreendido entre 1974 e 1984, o DEF teve bastante destaque e utilidade para os anseios e necessidades da instituição, considerando seus projetos e ações extensionistas.²⁸

Nos relatórios elaborados pelo ex-reitor João Azevedo (1982), pôde-se perceber que, a partir da criação do NEFD em 1974, até 1981, quando ele concluiu sua pesquisa, além das atividades de ensino no Curso de Educação Física e na oferta da disciplina Prática Desportiva para todos os demais cursos da Ufal, a participação do DEF consistia em participar de solenidades comemorativas da universidade e oferecer atividades de extensão à comunidade do próprio campus e de municípios alagoanos. Além da oferta desses projetos de extensão, onde os alunos exercitavam seus conhecimentos técnico-pedagógicos, os estudantes participavam dos Projetos RONDON e CRUTAC²⁹ até 1980.

As primeiras contratações para o quadro de docentes se deram por meio de bolsas para professor-colaborador, um tipo de vínculo provisório até que o DEF fosse criado e pudesse realizar concurso interno para a efetivação dos docentes. Neste primeiro momento, os professores contratados foram vinculados ao Departamento de Assuntos Estudantis e Acadêmicos e, depois, ao Departamento de Medicina Especializada. A partir da criação do NEFD em 1973, o DEF passou a contar com os profissionais relacionados no Quadro 1.

28 Promovia jogos universitários, festivais de dança, colônia de férias, etc. Mantinha um grupo de dança para participação em eventos, e atendia a mais de mil crianças nesses programas de extensão.

29 CRUTAC – Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária – Programa desenvolvido pelo governo federal para treinamento de universitários e melhoria da qualidade de vida da população rural brasileira (Azevedo, 1982).

Quadro 1- Docente por formação e ingresso no DEF/Ufal – 1973.

NOME DO PROFESSOR	GRADUAÇÃO	INGRESSO NA Ufal	ESPECIALIZAÇÃO
M ^a Lúcia Cedrim Frazão	Licenciatura curta – FESP-Pe. Complem. Lic. Plena – Ufal-AL	1973	UFPE/ 1980
Ailton Pinto de Moraes	Direito – Ufal Pedagogia – CESMAC Curso de Oficiais na Academia Militar de Pernambuco Escola Superior de Educação Física do Exército – ESEFEX-RJ	1973	FESP/1975 – Administração Escolar UFPE/ 1984 – Ciências do Esporte
Luiz José de Carvalho	Escola Superior de Educação Física do Exército – ESEFEX-RJ	1973	UFPE/1975 – Ativ. Did. e Desp Biomecânicas UFPE/1976 – Natação UGF/ 1980 – Ciências e Técnicas da Natação
Belmiro Ferreira Alves Filho	Univ. Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – Licenciatura plena	1974	1979 – Mestrado na UFSM (não concluiu)
M ^a Madalena Santana Neta	Universidade do Amazonas – Licenciatura curta	1974	UGF/1979 – Dança Contemporânea UCB/1990 – Folclore
Márcia Chaves Valente	Universidade do Amazonas – Licenciatura curta	1974	Esp. UFPE/FEF – 1982 Mestrado Unicamp/FEF Doutorado Unicamp/FE
Luiz Almeida Farias	Escola Superior de Educação Física do Exército – ESEFEX-RJ – licenciatura curta	1974	-----
João Luís da Silva Farias	Licenciatura curta –FESP/ Pe. Complem. Lic. Plena– Ufal/AL	1974	UFPE – 1980

Fonte: DEF (2003).

A formação nas escolas de Educação Física à época em que se deu a formação desses docentes, principalmente no Norte e no Nordeste do Brasil, pode ser considerada semelhante. O modelo preconizado pela ESEFEX, do Rio de Janeiro, uma das precursoras nessa formação, era adotado nas demais escolas existentes no Brasil (Da Costa, 1971). A própria Escola de Educação Física criada na Universidade do Brasil foi influenciada pela ESEFEX e serviu de modelo para a criação de outros cursos, como lembra Faria Júnior (1987). Assim, o cunho tecnicista que dominou essa formação até os anos 1980 se refletiu na formação ofertada também no Curso de Educação Física da Ufal.

O esforço pessoal de cada docente para garantir a melhoria do nível de qualificação não rendeu à Ufal o ingresso no mundo da investigação científica, assim como ocorreu em outras faculdades de Educação Física brasileiras à época, tendo em vista a falta de uma política para o desenvolvimento da pesquisa nessa área. Isto só veio a ocorrer em 1979, com o início da pós-graduação em Educação Física na USP, para qualificar seus docentes³⁰. Assim como na maioria dos cursos de Educação Física brasileiros, até o final da década de 1980, o interesse em desenvolver pesquisa não contagiou os docentes do DEF, com exceção de um único professor que estava realizando mestrado.

30 Só após a aprovação do II PBDCT (Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) é que alguns cursos de Educação Física começam a idealizar seus programas *Lato Sensu*. Neste período, conhecido pela idéia de “milagre econômico”, no governo do General Ernesto Geisel (1975-1979), a ciência e a tecnologia eram consideradas alavancas essenciais para desencadear este progresso. Contudo, o Plano era claro na escolha das pesquisas para a aplicação dos recursos financeiros advindos dele: dado o atraso tecnológico em que vivia o País, estes recursos deveriam ser prioritariamente empregados na formação de pesquisadores para a pesquisa original, termo atribuído à pesquisa de ponta ou de fronteira, como a definiam os pesquisadores da época.

Pouco a pouco, o DEF foi estabelecendo sua estrutura física no Campus Universitário, que ainda estava em construção e não oferecia as condições adequadas para utilização no momento de sua criação. O DEF continuou ampliando seu quadro de docentes, com uma segunda aquisição de profissionais, conforme ilustra o (Quadro 2). Seu efetivo passou a ser formado por 14 professores de Educação Física, 1 médico, uma pianista e 1 fisioterapeuta.

Quadro 2 – Docentes por formação e ingresso no departamento de Educação Física – 1976-1986

NOME DO PROFESSOR	GRADUAÇÃO	INGRESSO NA UFAL	PÓS-GRADUAÇÃO
Francisco de Assis Farias	Universidade Federal de Pernambuco	1976	UFPE – 1976 UFMS – 1980
Marcos Antônio Mateus	Faculdade de Tatuí/SP	1977	UFPE – 1980
Carlos Alberto de Barros Lima	Universidade Federal de Pernambuco	1977	UFPE – 1980
Roberval Moura Barros	Ufal	1979	UGF – 1982
Verter Paes Cavalcanti	Ufal	1979	UFPE – 1987
Antônio Passos Lima Filho	Ufal	1979	UGF - 1996
Adail Castro Filho	Fisioterapeuta – UNIFOR	1981	-----
Luciano Barros	Médico – Ufal	1981	-----
Suzana Maria Marques	Sem registro de Formação	1980	-----
José Luis Teixeira	UFRJ	Transferido da UFRJ para a Ufal em 1983	UFRJ – 1976

Fonte: DEF/Ufal (2004).

De acordo com os dados do Quadro 2, este segundo grupo de docentes é mais eclético, no que se refere à origem da formação. Nota-se a presença dos primeiros alunos egressos do CEF da Ufal fazendo parte do quadro. Outra importante observação é que a formação dos docentes, em nível de pós-graduação, até o final da década de 1980, se dava em modalidades desportivas, pois as primeiras ofertas de especializações na área priorizaram a formação desportiva, atendendo às políticas do governo à época.

O percurso percorrido até que a Educação Física brasileira se constituísse como um campo de formação profissional, com conhecimento acadêmico próprio e espaço garantido no ensino superior, custou aos pioneiros da área muita discussão e luta para resguardar a legitimidade dos conhecimentos e a identidade dessa formação no cenário acadêmico.

Ao final da década de 1980, o DEF havia adquirido, por esforço próprio, alguns recursos em Brasília para a sua ampliação física. Foram construídas três salas de aula junto às quadras, três campos de futebol e uma pista de *cross country*. Com o CEF funcionando plenamente, foi realizada a terceira aquisição de docentes, por meio de concurso público, que correspondeu ao ingresso dos profissionais relacionados no Quadro 3.

Quadro 3 – Docentes por formação e ingresso no DEF/Ufal – 1987-1991.

NOME DO PROFESSOR	GRADUAÇÃO	INGRESSO NA UFAL	PÓS-GRADUAÇÃO
Patrícia C. A. Montenegro	Ufal	1987	Especialização – UGF/1989 – EDF Escolar Mestrado – UGF – 1994
Eduardo L. Lopes Montenegro	Ufal	1991	Especialização – UGF/1985 – Trein. Desportivo Mestrado UGF – 1994
Maria Inês Farias	UPE-Pe	1991	Especialização – UGF/1995 – EDF e Cultura
Marta de Moura Costa	Ufal	1991	Especialização – UGF/1990 – Metodologia da Hidroginástica Mestrado UGF – 1995
Maria do Socorro Menezes Dantas	Ufal	1991	Especialização – UGF/1995 – EDF e Cultura Mestrado UGF

Fonte: DEF/Ufal (2004).

Pode-se constatar no Quadro 3 que, até o final da década de 1980, com o segundo concurso realizado para admissão de docentes no DEF da Ufal, ainda não era exigida a pós-graduação dos candidatos. Por falta dessa qualificação, que começava a ser cobrada pela Universidade, a partir do ingresso deste novo grupo de docentes, os afastamentos para qualificação passaram a ser mais frequentes³¹.

31 As mudanças na política de avaliação da educação superior no Brasil envolviam três mecanismos distintos: a Avaliação dos Programas de Pós-graduação, o Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras (PAIUB) e as Avaliações de Cursos de Graduação pelas comissões de ensino, onde o corpo docente era avaliado.

Porém, as mudanças resultantes das demandas sociais e dos anseios da área acabam por se refletir na formação buscada por esses docentes (Resolução n. 03/87). Muitos programas de pós-graduação ofertados nesse período já tratavam o fenômeno da Educação Física/ Esportes pelo viés sócio-antropológico, entrando em sintonia com as novas diretrizes para a formação em Educação Física propostas pela nova legislação.

Sendo assim, os docentes deste grupo decidiram pela formação em uma mesma instituição, a fim de aprofundar seus conhecimentos. Diferente do primeiro grupo de docentes (Quadro 1), observamos que este pôde ampliar sua formação, abrangendo os fenômenos educacional e esportivo como fenômenos socioculturais. Para viabilizar as mudanças curriculares enunciadas na Resolução n. 03/87, era necessário que o corpo docente também iniciasse mudanças importantes na sua formação, e o direcionamento buscado nos novos programas de pós-graduação se mostrava mais favorável às inovações legais.

Em 1988, passados 14 anos de sua criação, pouca coisa havia mudado no CEF em relação ao currículo. O curso mergulhou em um grande movimento de revisão político-pedagógica da Ufal, contexto que reuniu as mudanças já descritas aqui. Ao mesmo tempo em que se discutia no Colegiado a formação oferecida no curso, com base nos novos pressupostos oferecidos pela reforma pedagógica no CSAU, chega ao conhecimento dos docentes a urgência da reformulação curricular, sinalizada pela Resolução n. 03/87.

Assim, entre exigências internas e externas, o CEF participou da ampla reforma do CSAU, sendo chamado a rever a formação oferecida. Participando do Fórum das Licenciaturas da Ufal e do Conselho do CSAU, o Colegiado do Curso de Educação Física iniciou suas atividades de discussão e levantamento de dados, que subsidiaram a elaboração de um novo projeto curricular para a for-

mação acadêmico-profissional, reconhecendo a identidade de dois profissionais da Educação Física atuando em espaços diferentes da sociedade: um para a saúde, outro para a educação.

Além de se comprometer com o projeto da Ufal de reformulação dos projetos curriculares de cada curso, o DEF precisou adequar-se tanto à legislação em vigor na área (Resolução n. 03/87), quanto às necessidades reclamadas pela comunidade acadêmica e pelos setores ouvidos na elaboração do diagnóstico – Perfil Profissiográfico do Curso de Licenciatura em Educação Física da Ufal (Montenegro, 1990).

O DEF, diante das dificuldades em dar andamento à implantação do novo currículo com o quadro de docentes ainda pequeno, lançou mão de um novo concurso público para preenchimento de vagas. O quadro de docentes se ampliou com os profissionais relacionados no Quadro 4.

Quadro 4 – Docentes por formação e ingresso no DEF/Ufal – 1992.

NOME DO DOCENTE	GRADUAÇÃO	INGRESSO	PÓS-GRADUAÇÃO
Maria Elizabete de Andrade Simões	Ufal	1993	Especialização na PUC/MG – 1988 Especialização na UGF/RJ – 1995
Silvio de Gusmão Holanda	Ufal	1991	Mestrado na UGF – 1998
Neiza de Lourdes Frederico Fumes	UNESP – Rio Claro/SP	1993	Mestrado na UFSM – 1994 Doutorado na UP/2002
Leonéia Vitoria Santiago	UFSE	1993	Mestrado na UGF – 1993 Doutorado na UP/1999
Amandio Rihan Aristides Gerales	UCB-RJ	1995	Especialização em Informática Mestrado na UCB-RJ

Fonte: DEF/Ufal, 2004.

Ao se analisar as informações contidas no Quadro 4, pode-se observar que os docentes que ingressaram neste grupo já possuíam a titulação de especialistas. A LDB, promulgada no final de 1996, havia instituído como titulação apropriada para o docente do ensino superior o mestrado ou doutorado. Por essa razão, ao final da década de 1990, muitos docentes se encontravam afastados para realizar essa qualificação, enquanto os docentes mais antigos pediam aposentadoria, deixando o Departamento com grande dificuldade para desenvolver suas atividades.

Em um curso de natureza técnica, como o de Educação Física e os demais cursos da área da saúde, os professores acabam sendo especialistas que atendem a poucas disciplinas. Dessa forma, um professor de Natação, por exemplo, dificilmente ministrará aulas de Handebol, e assim por diante. Docentes com titulação inadequada para o envolvimento com a pós-graduação e a pesquisa acabam sendo pouco aproveitados na instituição. Felizmente, a titulação dos docentes foi, aos poucos, qualificando o DEF para o trabalho com pesquisa e pós-graduação. Um núcleo de estudos sobre Educação Física foi criado em 1995, com quatro pesquisas em andamento, as quais foram merecedoras de bolsas de iniciação à pesquisa do programa PIBIC/CNPq/Ufal. Dois anos depois, os projetos foram concluídos, e não houve nova apresentação de projetos por parte de três dos quatro professores envolvidos neste núcleo, que se afastaram para doutoramento, LEPEL. Nesse mesmo ano, foram criados mais dois grupos de pesquisa: GEPDEF e GEEAMA.

Buscou-se, com esses dados, apresentar alguns indicadores funcionais relevantes para uma caracterização da realidade objetiva do contexto em que se desenvolvem as tramas simbólicas que dão sentido às ações no grupo e constroem o imaginário instituinte do Curso de Educação Física da Ufal.

Vimos, portanto, que a Ufal, assim como as demais IES, possui a sua própria casuística, embora participe dos princípios universais das instituições dessa natureza. O que se pode concluir deste breve olhar sobre a dimensão funcional dessa Instituição é que, embora existam critérios gerais construindo os significados de universidade, é possível perceber uma crescente diversificação das IES, como aconteceu com a Ufal, que foi impossível frear com o modelo único adotado pelo sistema de ensino superior a partir da Reforma de 1968. Essas diferenças vão desde as estruturas institucionais, envolvendo os processos de ensino-aprendizagem, os conteúdos, métodos e formação profissional, até as suas formas de inserção na sociedade e os seus modos de compreender suas funções sociais.

Dessa forma, cada tipo de instituição se realiza de acordo com determinações históricas e tem suas justificativas ideológicas. Por isso, as questões que emergem em cada instituição demandam respostas compatíveis com a identidade que cada uma delas constrói. É levando-se em conta essas identidades próprias, o seu imaginário instituído, que devem ser consideradas a qualidade, a função social e a pertinência da instituição.

Nossa intenção aqui foi apresentar, a partir desses dados, um dos ângulos pelos quais se pode analisar uma instituição – a sua dimensão funcional. Como não era pretensão deste estudo realizar um amplo diagnóstico das condições objetivas de funcionamento do Curso de Educação Física, a partir de seus indicadores organizacionais e funcionais, fizemos apenas uma contextualização da criação deste curso, onde ele nasce, num pequeno recorte temporal e espacial onde se constrói o imaginário instituído produzido e reproduzido por ele.

Referências

AZEVEDO, J. F. (Org.) **Universidade Federal de Alagoas: documentos históricos**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1982.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 278.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Resolução CFE nº 03, de 16 de junho de 1987**. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena). Diário Oficial da União. Brasília, 16 jun. 1987, Seção 1, p. 4.

DA COSTA, L. P. **Diagnóstico da educação física e desportos no Brasil**. Rio de Janeiro: FENAME, 1971.

FARIA JÚNIOR, A. G. Professor de Educação Física Licenciado Generalista. *In*: OLIVEIRA, V. M.; FARIA JÚNIOR, A. G. **Fundamentos Pedagógicos da Educação Física**. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico. 1987.

MASETTO M. T. Professor universitário: um profissional da educação na atividade docente. *In*: MASETTO, M. T. (Org.). **Docência na universidade**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

MONTENEGRO, P. C. A. **Referenciais para a caracterização do perfil dos profissionais a serem formados no curso de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho (monografia), 1990.

PROPLAN. **1980/1981 Relatório anual**. Universidade Federal de Alagoas, 1981.

SANTIN, S. **Educação física:** uma abordagem filosófica da corporeidade. Unijui, 1987.

VERÇOSA, E. G. **Burocracia e oligarquia:** um estudo de caso sobre o poder universitário (Tese de doutorado). São Paulo: FEUSP, 1996.



SOBRE AUTORES/AS

Gustavo Gomes de Araujo – Professor Associado III da Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Educação Física e Esporte, Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Nutrição (PPGNUT), do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCS) e do Programa Associado de Pós-Graduação em Ciências do Movimento (PAPGCM) da Universidade Federal de Alagoas. Coordenador do Laboratório de Ciências Aplicadas ao Esporte (LACAE - www.lacae.com.br). Diretor do Instituto de Educação Física e Esporte.

E-mail: gustavo.araujo@iefe.ufal.br

Filipe Antônio Barros Sousa – Professor lotado no Instituto de Educação Física e Esporte da Universidade Federal de Alagoas - Ufal. Coordenador do Programa Associado de Pós-Graduação em Ciências do Movimento, da Ufal-UFRPE. Possui doutorado pelo programa de Pós-Graduação em Ciências da Nutrição e do Esporte e Metabolismo, da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA), da UNICAMP. É mestre em Educação Física formado pelo programa de Pós-Graduação em Educação Física (FEF) da UNICAMP, na área de concentração Biodinâmica do Movimento e Esporte. Vice-diretor do Instituto de Educação Física e Esporte.

E-mail: filipe.sousa@iefe.ufal.br

MINI CURRÍCULO DOS AUTORES

Alexandre Magno Cância Bulhões – Graduação pela Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás (ESEFEGO) Mestrado pela Universidade Gama Filho e Doutorado pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Associado da Ufal.

Amandio Aristides Rihan Geraldês – Graduação e Mestrado em Educação Física pela Universidade Castelo Branco-RJ (UCB-RJ), Doutorado pela Faculdade de Desportos da Universidade do Porto (FADE-UPT) reconhecido pela USP. Professor Associado Aposentado da Ufal.

Antonio Filipe Pereira Caetano – Graduação e Mestrado em Educação Física pela Ufal, Doutorado pela UFPE. Professor Associado da Ufal.

Antonio Passos Lima Filho - Graduação em Educação Física pela Ufal, Mestrado pela Ufal e Doutorado pela UNIFESP. Professor Associado da Ufal.

Celi Nelza Zulke Taffarel - Graduação em Educação Física pela UFPE, Mestrado pela UFSM e Doutorado pela UNICAMP.. Professora Titular Aposentada da UFBA.

Chrystiane Vasconcelos Andrade Toscano - Graduação em Educação Física pela UFS, Mestrado pela Universidade de Havana-Cuba, título validado pela UFBA, doutorado em Ciências do Desporto e Educação Física pela Universidade de Coimbra-Portugal, título validado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Associada da Ufal.

Eriberto José Lessa de Moura - Graduação em Educação Física pela Ufal, Mestrado pela UNICAMP e Doutorado pela UERJ. Professor Associado da Ufal.

Francisco de Assis Farias - Graduação em Educação Física pela FESP e Especialização pela UFSM e UGF. Professor Adjunto Aposentado da Ufal.

Higor Vinicius Rodrigues Spinati Silva - Graduação em Educação Física pela UFLA, Mestrado e Doutorado pela Ufal. Professor Substituto da Ufal.

José Jean de Oliveira Toscano - Graduação em Educação Física pela UFPB, Mestrado e Doutorado em Ciências da Saúde pela UFS. Professor Associado da Ufal.

José Ricardo Lopes Ferreira - Graduação e Mestrado em Educação Física pela Ufal. Professor Substituto da Ufal.

Leonéia Vitoria Santiago – Graduação em Educação Física pela UFS, Mestrado pela Universidade Gama Filho e Doutorado em Ciências do Desporto e Educação Física pela Universidade do Porto. Professora Titular da Ufal.

Márcia Ferreira Chaves Gamboa - Graduação em Educação Física pela UFAM, Mestrado e Doutorado pela UNICAMP. Professora Associada Aposentada da Ufal.

Marco Antônio Chalita - Graduação em Educação Física pela Universidade Tiradentes, Mestrado pela Universidade Gama Filho e Doutorado pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto com reconhecimento pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Associado da Ufal.

Maria do Socorro Menezes Dantas - Graduação em Educação Física pela Ufal, Mestrado pela Universidade Gama Filho e Doutorado em Ciências do Desporto pela Faculdade de Desporto - Universidade do Porto. Professora Associada da Ufal.

Maria Elizabete de Andrade Silva – Graduação em Educação Física e Mestrado pela Ufal e Doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade de Coimbra. Professora Associada da Ufal.

Mayara Vieira Damasceno - Graduação em Educação Física pela Ufal, Doutorado Direto pela USP. Professora Substituta da Ufal.

Miraíra Noal Manfroi - Graduação em Educação Física pela UFMS, Mestrado e Doutorado pela UFSC. Professora Visitante da Ufal.

Neiza de Lourdes Frederico Fumes – Graduação em Educação Física pela UNESP, Mestrado pela UFSM e Doutorado em Ciências do Desporto e Educação Física pela Universidade do Porto. Professora Titular da Ufal.

Noemi Mello Loureiro Lima - Graduação em Educação Física pela Ufal, Mestrado em Artes Cênicas/Dança pela UFBA e Doutorado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP. Professora Associada da Ufal.

Patricia Cavalcanti Ayres Montenegro - Graduação em Educação Física pela Ufal, Mestrado e Doutorado pela Universidade Gama Filho. Professora Associada Aposentada da Ufal.

Silvan Menezes dos Santos - Graduação em Educação Física pela UFS, Mestrado pela UFSC e Doutorado pela UFPR. Professor Adjunto da Ufal.



A Edufal não se responsabiliza por possíveis erros relacionados às
revisões ortográficas e de normalização (ABNT).
Elas são de inteira responsabilidade dos/as autores/as.

Formato: 155mmx215mm
Fonte: Alexandria e Adobe Garamond Pro
Miolo: papel off-set 75g/m²
Capa: Cartão 250g/ m²
Tiragem: 100 exemplares, impresso em outubro de 2025

Impresso na oficina da Editora Q Gráfica
Campus Universitário, BR 101, Km 97,6
Tabuleiro dos Martins - Fone: (82) 99351-2234
CEP: 57072-900, Maceió - Alagoas - Brasil
E-mail: qgrafica@yahoo.com.br
Maceió-AL - 2025

Obra selecionada pelo Edital 001/2024 Edufal - Publicação de livros.
Financiada com recursos da Emenda Parlamentar 29730016 do ano de 2025.